

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas

Hércules furioso de Sêneca
Estudo introdutório, tradução e notas

Luciano Antonio B. S. Marchiori

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo dos Santos Lohner

São Paulo
2008

Agradecimentos

Agradeço imensamente ao Professor João Angelo Oliva Neto pelo estímulo inicial e pelo auxílio na elaboração do projeto que resultou nesta dissertação. Ao Professor José Eduardo dos Santos Lohner, agradeço muitíssimo pela efetiva orientação, por sua generosa paciência no decorrer da elaboração deste trabalho e por ter me proporcionado a descoberta, ainda na graduação, do fascinante universo da poesia senequiana. Deixo registrado também o meu agradecimento à Professora Angélica Chiappetta, que me despertou vivamente o gosto pelos Estudos Clássicos.

Agradeço às Professoras Adriane da Silva Duarte e Zelia de Almeida Cardoso pelas gentis e valiosas observações apresentadas em meu exame de qualificação. Agradeço ainda aos Professores Paulo Martins e Jaa Torrano pelas aulas que tanto contribuíram para a redação destas linhas.

À CAPES, sou grato pelo auxílio financeiro.

Aos pais e amigos, e sobretudo à Vida, o meu muito obrigado.



"Mesmo que seja visível em ti a semelhança com algum ator cuja admiração se gravou mais profundamente em ti, que essa semelhança seja a de um filho, não a de uma estátua: a estátua é um objeto morto, 'Que dizes? Então não deve ser evidente qual o ator de que se pretende imitar o estilo, a argumentação, as idéias?' Em meu entender, há casos em que isso nem sequer é possível: quando um homem de superior inteligência consegue imprimir o seu caráter aos vários elementos que colheu no seu modelo predileto de modo a que tais elementos resútem numa unidade."

SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 84, 8

Resumo

MARCHIORI, Luciano Antonio B. Spinelli. *Hércules furioso de Sêneca— Estudo introdutório, tradução e notas*. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

A presente dissertação consiste numa tradução anotada da peça *Hercules furens*, do filósofo e tragediógrafo romano Lúcio Aneu Sêneca (4? a.C. – 65 AD), precedida de uma introdução na qual são apresentadas uma série de reflexões sobre a dramaturgia senequiana. Esse estudo introdutório divide-se em três partes principais: num primeiro momento, investiga-se brevemente a relação entre a História e a composição dramática de Sêneca, contextualizando a peça no período histórico em que foi composta; o segundo capítulo do estudo propõe-se a examinar as intersecções entre a Filosofia estoica, a mitologia e as composições poéticas de Sêneca; por fim, são analisados alguns procedimentos retórico-poéticos que fundamentam a tragediografia senequiana. Durante muito tempo, a peça em questão foi considerada mera adaptação romana do *Héracles* de Eurípidés; por meio das reflexões concatenadas no estudo introdutório, esta dissertação tem por objetivo precípua evidenciar o anacronismo de certos juízos de valor que com frequência foram projetados no texto de Sêneca, procurando-se, deste modo, resgatar uma visão menos parcial da peça e evidenciar ao leitor moderno as peculiaridades latinas encontrados no *Hércules furioso*, mostrando como a peça se insere na evolução do gênero trágico em Roma e como o texto dialoga amplamente com a tradição poética latina.

PALAVRAS-CHAVE: Sêneca; tragediografia latina; historiografia; filosofia estoica; mitologia; retórica; poética.

Abstract

MARCHIORI, Luciano Antonio B. Spinelli. *Hercules furens* by Seneca – **Introductory study, translation and commentary**. 2008. 165 s. Dissertation (Masters degree). Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, 2008.

The present dissertation consists in an annotated translation of the play *Hercules furens*, written by the roman tragedian and philosopher Lucius Annaeus Seneca (4? BC – AD 65), preceded by an introduction in which a series of reflections on senecan tragedy are presented. This preliminary study is made up of three main parts: the first one is a brief investigation of how History and senecan work are related, giving us the historic context from when the play was written; the second chapter of the study is an analysis of the intersection between Stoic philosophy, mythology and Senecan poetry; at last, the third chapter is an analysis of some rhetorical-poetical procedures in which the Senecan drama is based on. For a long time, *Hercules furens* has been considered a mere adaptation of Euripides' *Heracles*; but through reflections linked together in the preliminary study, the main objective of this text is to point out the anachronism of certain judgements of value that were often projected into Seneca's dramatic text, leading to a less biased vision of the play and showing to the modern reader the latin peculiarities found in *Hercules furens* and how the play plays a role in the evolution of the tragic genre in Rome and at last, how the latin poetry tradition is widely alluded to by the text.

KEYWORDS: Seneca; latin tragedy; historiography; stoic philosophy; mythology; rhetoric; poetics.

Sumário

Estudo introdutório	008
Tradução	056
Texto latino	096
Notas	144
Referências bibliográficas	162

Estudo introdutório

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Um dos principais objetivos desta dissertação (além, evidentemente, de expor as singelas reflexões aventadas no estudo introdutório a seguir) é trazer a lume uma tradução integral, em prosa, da tragédia *Hercules furens* de Sêneca, conforme já mencionado no *abstract* inicial. Justifica-se a escolha dessa peça por ser uma obra inédita em português, salvo qualquer notícia mais atualizada, e também pelo fato de apresentar um rico material ilustrativo para as ideias problematizadas na introdução. Para este trabalho de versão foi utilizado como texto-base a edição crítica do texto latino estabelecido por John Fitch (*SENECA'S Hercules furens. A critical text with introduction and commentary by John G. Fitch. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1987*), autor que fundamenta muitíssimo criteriosamente a escolha das lições, justificando-as com sólidos argumentos filológicos.

Antes de dar início às elucubrações acerca da peça estudada, considero conveniente evocar as diretrizes teóricas que nortearão o estudo introdutório à peça. Como bem afirma Anne Ubersfeld, em uma clássica obra¹ de referência no campo dos estudos dramáticos, “o teatro é uma arte paradoxal. Pode-se ir mais longe e considerá-lo a própria arte do paradoxo, a um só tempo produção literária e representação concreta; arte a um só tempo eterna (indefinidamente reprodutível e renovável) e instantânea (nunca reprodutível como idêntica a si mesma): arte da representação que é de um dia e nunca a mesma no dia seguinte (...) *Mas o texto, esse é, pelo menos teoricamente, intangível, fixado para sempre.* [grifo meu]”; na introdução da mesma obra, Ubersfeld afirma o seguinte: “Todo mundo sabe, ou pensa que sabe, que não se pode ler o teatro. Os professores não o ignoram e dificilmente estão livres da angústia de explicar ou tentar explicar um documento textual cuja chave está fora dele. Os atores e os diretores pensam que sabem isso melhor do que ninguém, e veem com certo descaso toda exegese universitária, por considerá-la inútil e maçante. (...) É preciso, então, renunciar a ler o teatro ou, então, lê-

¹ Cf. UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 2 [edição original: *Lire le théâtre I*, Paris: Éditions Belin-Paris, 1996].

lo como um outro objeto literário? (...) Admitamos que não se possa “ler” o teatro; apesar de tudo, porém, é preciso lê-lo, principalmente quando de alguma forma se está envolvido com a prática do teatro; amadores e profissionais, espectadores assíduos, todos vão ou voltam ao texto como a uma fonte ou a uma referência.” (*op. cit.* p. XI). Tendo em vista as observações Ubersfeld, estamos tão habituados — no ambiente acadêmico ou fora dele — a ler o teatro como texto literário, abstraindo-o do universo da representação concreta, que amiúde nos esquecemos das implicações teóricas que uma simples leitura pode ter. O fato é que lemos o teatro como artefato literário, e faz-se necessária bastante cautela quanto às contextualizações teóricas aplicadas aos textos dos dramaturgos. Em se tratando de texto teatral da Antiguidade Clássica, deve-se ter um cuidado redobrado, posto que esses textos foram elaborados em épocas remotas (ainda que muitas vezes esse abismo de tempo nos pareça relativamente “pequeno”, sobretudo quando nos familiarizamos com a produção cultural da Antiguidade) e em culturas muito diferentes da nossa.

A etimologia latina da palavra *texto* remete a um certo dado concreto que muito bem ilustra o que de fato vem a ser um texto como unidade discursiva: uma tessitura, uma trama de fios que constitui uma unidade, a unidade de um tecido. *Textus*,² substantivo que já no latim clássico significava tecido, teia, textura, tessitura, e, também, *narração*, muito curiosamente. Um texto é, portanto, uma *unidade de sentido*, e para que essa unidade de sentido se torne manifesta, é preciso que se faça uso de certas *preceptivas* que orientem a elaboração do discurso.

Sabemos que a Retórica Antiga, foi, sobretudo em Roma, a grande instância de teorização do discurso. A *ratio dicendi*, expressão muito utilizada por Cícero ao referir-se à Retórica (*cf.* CÍCERO, *Partitiones oratoriae*), procurava refletir acerca da estrutura formal e argumentativa não só de textos orais, mas também de textos escritos. Impossível, pois,

² **Tēxtŭm, ī**, s. ap. n. OV. MART. Tecido, pano, estofa. § LUCR. OV. Obra feita de muitas partes reunidas. *Texta carina*. CAT. OV. Madeiramento d’um navio. § VIRG. STAT. Tecido, contextura (d’uma obra). § *Fig.* QUINT. Tecido (do estilo). *Textum calumniae*. APUL. Tecido de calunias.

Tēxtŭs, ūs, s. ap. m. (de *texere*). LUCR. PLIN. tecido, enlaçamento, encadeamento, contextura. § *Fig.* QUINT. MAN. Contextura (d’um discurso), narrativa, exposição. *Rem breui textu percurram*. AMM. Contarei isto em poucas palavras. § Texto, teor, conteúdo. *Contra faderum textum*. AMM. contra o texto ou os termos dos tratados. (*Cf.* SARAIVA, *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 1196).

que se proceda a uma análise de texto antigo que não leve em consideração as doutrinas da *Ars Rhetorica*. Em se tratando de texto poético, faz necessário também atentar às preceptivas das antigas artes poéticas, sobretudo os textos de Aristóteles e Horácio, fato já evocado por José Eduardo Lohner, o qual afirma que “ao pesquisar em inúmeros trabalhos sobre a dramaturgia senequiana, escritos nos últimos cinquenta anos, foi possível constatar que a crítica moderna em geral desconsidera a importância dos conceitos da retórica e da poética antigas para a análise dessas peças. Ou por vezes procura avaliá-las, com base exclusivamente nos preceitos de construção do drama clássico grego, não levando em conta a evolução por que passou o gênero dramático depois de Eurípides e as adaptações operadas pelos dramaturgos latinos no final do terceiro e ao longo do segundo e primeiro séculos a.C.” (cf. LOHNER, 2000, p. 6)

Com base em tudo o que foi exposto acima, resalto, portanto, que pretendo esboçar uma análise do *Hércules furioso* de Sêneca destacando aspectos de sua composição dramática que revelem sua vinculação a modelos romanos. As notas finais discorrem, sobretudo, acerca das abundantes referências mitológicas e topográficas encontradas em *HF*. A extensão da peça estudada e a abundância dos elementos peculiares a ela inviabilizam uma análise que apresente “todos” os exemplos das questões discutidas na introdução, portanto, os excertos analisados visam tão somente *ilustrar* alguns paradigmas da técnica senequiana, dando ao leitor a possibilidade de uma leitura mais consciente da peça em questão.

Na primeira parte do estudo introdutório, procuro contextualizar a peça de Sêneca no cenário romano do século I AD, analisando sumariamente as principais diferenças verificadas entre esse contexto romano e o contexto grego (séc. V a.C.) em que foram compostas as tragédias de Eurípides e também analisando as diferenças que podem ser constatadas entre as peças de Sêneca e as de Eurípides, especificamente o *Ηρακλής* e o *Hercules furens*. Na segunda parte do estudo, procuro ilustrar a íntima vinculação da poesia dramática de Sêneca com dois de seus ingredientes fundamentais, a saber, a filosofia estoica e a mitologia clássica, elementos estes que por sua vez também estabelecem entre si uma relação dialética. Por meio de uma análise do párodo de *Hercules furens*, a última parte do estudo introdutório tem por objetivo ilustrar outra importante peculiaridade da técnica de composição dramática senequiana: a intertextualidade e seus fundamentos retórico-poéticos. John Fitch, Norman Pratt e Ronald Tarrant são os principais estudiosos cujas obras fundamentam as reflexões aqui sistematizadas.

1. HÉRCULES FURIOSO – O TEXTO E SEU CONTEXTO

1.1. O CONTEXTO GREGO DE EURÍPIDES E O CONTEXTO ROMANO DE SÊNECA

Cinco séculos, aproximadamente, separam o teatro de Sêneca das peças dos grandes tragediógrafos áticos; não obstante tal fato, muitos avaliaram negativamente as tragédias senequianas comparando-as com suas supostas fontes gregas, posicionamento esse que, em vista de uma leitura mais percuciente das peças senequianas, seguramente nos conduz a uma respeitosa discordância. É o caso de Agostinho da Silva, que, embora não seja um estudioso renomado dos Estudos Clássicos, é um importante pensador português, tendo traduzido diversas obras latinas. No prefácio de sua tradução do clássico *De rerum natura*, de Lucrécio, Agostinho repisa a velha opinião acerca da “falta de originalidade” dos romanos e de seu exíguo pendor para as artes, chegando a afirmar que as tragédias de Sêneca seriam “meros exercícios de gabinete”.³ Outro exemplo semelhante é o de Richard Haywood; embora não estabeleça um posicionamento depreciativo da peça de Sêneca, esse autor americano afirma, escrevendo em 1942, que “a mais óbvia mudança que Sêneca efetuou em sua *adaptação* do *Hércules louco* de Eurípides foi excluir a visita de Íris e Lissa trazendo a loucura a Hércules e colocar Juno no prólogo explicando à audiência que a loucura chegaria em seu momento certo. Isso é geralmente considerado como uma óbvia alteração da parte de Sêneca para conferir à peça a unidade que faltava a seu modelo.”⁴ No decorrer de seu artigo, Haywood procurou investigar os supostos motivos que levaram Sêneca a essa “óbvia mudança” operada em sua “*adaptação*”. Mais adiante apresentarei uma comparação mais detida sobre as diferenças entre ambas as peças; é preciso compreender, porém, que as peças áticas e as tragédias romanas constituem manifestações culturais muito distintas, embora

³ Cf. Prefácio, In: TITO LUCRÉCIO CARO - *Da Natureza* – trad. Agostinho da Silva. Editora Globo: Porto Alegre, 1962.

⁴ Cf. HAYWOOD, Richard M. “Note on Seneca's Hercules Furens”. In: *The Classical Journal*, Vol. 37, No. 7. (Apr., 1942), pp. 421-424.)

mantenham também muitos pontos de contato que não podem ser ignorados: o objetivo central deste estudo introdutório é justamente a exposição de dados que possibilitem essa compreensão, permitindo assim o esclarecimento das palavras de Sêneca transcritas como epígrafe desta dissertação.

O gênero trágico surgiu na Grécia ao final do séc. VI a.C. e atingiu o seu apogeu juntamente com o apogeu político de Atenas, um período histórico bastante crucial no que diz respeito à configuração da mentalidade grega, mentalidade essa que aos poucos transitava de um pensamento mítico-religioso para um pensamento racional. Como bem afirmam Jean-Pierre Vernant e Vidal Naquet, “as tragédias, bem entendido, não são mitos. Pode-se afirmar, ao contrário, que o gênero surgiu no fim do século VI quando a linguagem do mito deixa de apreender a realidade política da cidade. O universo trágico situa-se entre dois mundo e essa dupla referência ao mito, concebido a partir de então — como pertencente a um tempo já decorrido, mas ainda presente nas consciências, e aos novos valores desenvolvidos tão rapidamente pela cidade de Pisístrato, de Clístenes, de Temístocles, de Péricles, é que constitui uma de suas originalidades e a própria mola da ação.”⁵ Ao comentarem a necessidade de *contextualização* para que se possa compreender o fenômeno trágico, esses mesmos autores recordam oportunamente que “cada peça constitui uma mensagem encerrada num texto, inscrita nas estruturas de um discurso que, em todos os níveis, deve constituir o objeto de análises filológicas, estilísticas e literárias adequadas. *Mas esse texto não pode ser compreendido plenamente sem que se leve em conta um contexto.* É em função desse contexto que se estabelece a comunicação entre o autor e seu público do século V e que a obra pode reencontrar, para o leitor de hoje, sua plena autenticidade e todo seu peso de significações. Mas o que entendemos por contexto? Em que plano da realidade o situaremos? Como veremos suas relações com o texto? Trata-se, em nossa opinião, de um contexto mental, de um universo humano de significações que é, conseqüentemente, *homólogo ao próprio texto* ao qual o referimos: conjunto de instrumentos verbais e intelectuais, categorias de pensamentos, tipos de raciocínios, sistemas de representações, de crenças, de valores, formas de sensibilidade, modalidade de ação e do agente. [grifos meus]”⁶

⁵ Cf. VERNANT & NAQUET, *Mito e tragédia na Grécia Antiga*, Prefácio, p. XXI.

⁶ *Op. cit.*, p.8

Embora a questão da necessidade de contextualização possa parecer um truísmo redundante, creio que essa questão seja da máxima importância para a compreensão da literatura latina, dadas as suas ligações com o universo grego, o que amiúde pode nos induzir à ilusão de uma unidade absoluta da Antiguidade Clássica. Ronald Tarrant também evoca essa questão ao tratar da questão das fontes do drama senequiano, afirmando que “nenhum trabalho literário pode fazer sentido plenamente quando removido do contexto literário no qual foi formado. Isso é particularmente verdadeiro em se tratando da Literatura Latina, com sua grande sensibilidade a modelos e com suas técnicas de imitação altamente desenvolvidas e, dentre os poetas latinos, poucos dão mais evidência de terem sido formados por uma literatura anterior do que Sêneca. (...) *Devo argumentar que a tragédia ática do quinto século foi, em muitos casos, não uma fonte próxima, mas uma fonte remota para Sêneca [grifo meu]*”.⁷

Ora, os cinco séculos que separam a tragediografia *grega* da tragediografia *romana* de Sêneca por si sós nos permitem constatar que as peças escritas num período e noutro constituem composições literárias engendradas em *contextos* históricos e literários absolutamente distintos: é impossível resumir os principais eventos de quase quinhentos anos de História que vieram a culminar num período cultural e histórico tão pitoresco como o da Roma do século I, capital de um império colossal, cujas tensões eram bem distintas daquelas “tensões e ambiguidades” evocadas por Vernant e Naquet em referência ao universo ático que deu à luz o gênero trágico. É no contexto desse império de proporções nunca antes imaginadas que nasce Lúcio Aneu Sêneca, proeminente autor de um período sucedâneo ao apogeu cultural de Roma.

Incerta é a data de nascimento de Sêneca: enquanto autores como Pierre Grimal⁸ defendem o ano 1 a.C., outros, como Paul Veyne defendem o ano 4 a.C. como sendo a data mais exata. Certo é, porém, que Sêneca nasceu no princípio de nossa era, em Córdoba, na província da Hispânia. Seu pai, Sêneca, o Rétor, levou-o a Roma quando

⁷ Cf. TARRANT, “Senecan drama and its antecedents”, p. 214

⁸ Cf. GRIMAL, Pierre. *Sénèque ou la conscience de l'Empire*, 1991, p. 57. O conspecto biográfico aqui apresentado visa tão-somente situar o leitor no contexto histórico em que foram compostas as obras de Sêneca. Para um maior aprofundamento na biografia do filósofo cordovês, além da clássica obra de Grimal, também poderá o leitor recorrer à biografia escrita por Paul Veyne, *The life of a stoic*. e os textos fundamentais de Suetônio e Tácito, nos quais estão registrados detalhadamente a trajetória política de Sêneca na conturbada Roma do século I AD.

ainda menino, possibilitando assim que o jovem Sêneca tivesse uma formação educacional aos moldes de então, com ênfase na filosofia e na retórica. Após ter consolidado uma bem-sucedida carreira como advogado e orador em Roma, em 41 d.C. Sêneca foi condenado ao exílio pelo imperador Cláudio, por influência Messalina, esposa do imperador à época: durante oito anos, Sêneca permaneceu exilado na Córsega, retornando a Roma somente em 49 d.C., quando então, após a morte de Messalina, Cláudio se casou com Agripina, a qual delegou a Sêneca a educação de seu filho, o futuro imperador Nero. Com a morte de Cláudio, no ano 54, e a consequente elevação de Nero à condição de Imperador, Sêneca se vê imbuído de um encargo muito maior que a de mero preceptor do jovem príncipe, tornando-se também uma figura central no cenário político romano. No ano 65 d.C., Nero condenou Sêneca à morte, por suspeita de envolvimento na fracassada conspiração liderada por Caio Pisão: o dramático episódio do suicídio compulsório de Sêneca foi vivamente retratado por Tácito em seus *Anais*, em uma cena que evoca a impassibilidade socrática diante da morte absolutamente certa.⁹

Outro campo de incertezas é a cronologia de composição das obras de Sêneca. Diversos autores aventaram diferentes hipóteses para o estabelecimento de uma cronologia das tragédias de Sêneca. Para nossa sorte, as referências mais precisas são justamente as possíveis menções ao *Hércules furens*. Conforme aponta Norman Pratt, “no caso de *Furens*, a data é calculada pela teoria de que a figura de Hércules em que aparece em *Apocolocintose*, obra escrita depois da morte de Cláudio ocorrida em 13 de outubro de 54, é uma paródia do próprio herói trágico de Sêneca. A teoria pode ser sustentada com alguma evidência pois na sátira (*Apocol. 7.1*) Hércules recebe expressamente o papel de ator trágico, mas não é de todo certo que Sêneca tenha escrito primeiramente o drama”. De qualquer modo, é bem provável, no caso de *HF*, que a peça deva ter sido composta numa data próxima do ano da morte de Cláudio, ocorrida em 54 d.C.¹⁰

⁹ Cf. TÁCITO, *Anais*, 15, 62-63.

¹⁰ Cf. FITCH, John. “Sense-pauses and relative dating in Seneca, Sophocles and Shakespeare. In: *American Journal of Philology*, vol. 102, nº III, (1981)

1.2. A QUESTÃO DAS FONTES – GRÉCIA E ROMA: ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE EURÍPIDES E SÊNECA

Escritas possivelmente nos últimos vinte anos da vida do autor, as peças de Sêneca apresentam grandes diferenças em relação aos “modelos” gregos. Certamente Sêneca não produziu suas peças diretamente baseado em fontes gregas; em suas tragédias é observável uma influência muito considerável da poesia latina não dramática (sobretudo de Virgílio, Ovídio e Horácio). Além disso, é possível que Sêneca tenha se inspirado nas peças da época de Augusto, que não chegaram até nós. Como bem afirma Pratt, “não foram bem-sucedidas as tentativas de estabelecer o *Furens* euripídiano estritamente como sendo a fonte do *Furens* senequiano. *Não há nenhuma evidência convincente de imitação a ser encontrada no texto.* A única relação clara entre ambos é que Sêneca segue essencialmente o mesmo esquema de eventos, o que significa tão somente que a estrutura do enredo de Eurípides havia se tornado tradicional. *Nós não temos como saber de qual fonte Sêneca derivou esse enredo tradicional ou mesmo de que tipo de fonte.* [grifo meu]”¹¹ Certamente que as peças euripídianas constituem uma importante chave para a leitura das tragédias de Sêneca, cujo repertório é basicamente euripídiano; isso não significa, porém, que Eurípides possa ser considerado fonte imediata para a composição dramática das peças de Sêneca.

O problema reside no uso rasteiro que se faz de palavras como *fonte*, *modelo*, *imitação*: que Sêneca tinha em mente os enredos euripídianos tradicionais, isso é fato; dizer, porém, que tais modelos foram as principais fontes me parece errôneo: os argumentos foram colhidos da tradição helênica, tendo o autor se baseado em múltiplas fontes (muitas das quais não restaram à posteridade) para a criação de suas peças, o que impossibilita qualquer tipo de afirmação categórica no que diz respeito à tão delicada questão das fontes do teatro de Sêneca. Por conseguinte, não me parece adequado considerar que Sêneca foi bem ou malsucedido ao imitar esse ou aquele modelo grego. A questão, na verdade, é mais ampla e muito mais complexa: abstendo-se, sempre que possível, de estabelecer juízos de valor, e tendo em vista os múltiplos modelos possíveis com os quais o autor teve contato, quais características podem ser vislumbradas em suas peças?

¹¹ Cf. PRATT, 1983, p. 25.

Um exemplo da correlação imediata que se estabelece entre Sêneca e Eurípides é um artigo¹² de Ana Maria Pompeu, no qual a autora defende que a *Andrômaca* de Eurípides tenha sido a fonte fundamental d'*As troianas* de Sêneca. Até então, duas peças euripidianas, *Hécuba* e *Troades*, eram consideradas as fontes¹³ da peça senequiana, de acordo com a abordagem de correlação “automática” Eurípides-Sêneca. Pompeu buscou inovar, com argumentos não desprezíveis, que *Andrômaca* seria na verdade a grande fonte do drama senequiano em questão. Ora, não se trata aqui de refutar o artigo em questão, mas sim de problematizar justamente essa correlação automática entre ambos os tragediógrafos, correlação geralmente estabelecida sem que sejam apresentados *outros dados filológicos* também pertinentes para o estabelecimento de uma possível fonte do teatro de Sêneca. Creio que o mais importante não seja *definir* peremptoriamente se a fonte foi *Andrômaca*, *Hécuba* ou *Troades* (ou nenhuma dessas...), mas sim a adoção da postura agnóstica expressa por Norman Pratt, reportada anteriormente, procurando conciliar, de maneira isenta, as hipóteses mais plausíveis no que diz respeito a essas questões. No caso de *HF*, a correlação se dá de maneira ainda mais instantânea, posto que se tratam de peças homônimas; porém, mesmo num caso como esse, ainda é possível aventar reflexões que mostrem como a questão não é tão simples quanto parece. A mais divulgada edição inglesa das peças de Sêneca, traduzidas por Frank Miller, constitui outro exemplo de abordagem pouco aprofundada. Na brevíssima nota introdutória às traduções, Miller limita-se a dizer que os leitores encontrarão ecos de Virgílio, Horácio e Ovídio nas tragédias de Sêneca, atestando assim que o filósofo romano não era subserviente aos *modelos gregos*, mas em nenhum momento o *scholar*

¹² “O teatro de Sêneca apresenta, nas suas dez peças trágicas, nove com temas gregos, considerando-se ainda que a única pretexto é tida como espúria. Discute-se muito acerca do objetivo do autor ao imitar as tragédias helênicas; sabe-se, no entanto, que tais peças não são sua única fontes, pois há, em seu teatro, influência dessas obras e da dos autores latinos da época helenística. E Sêneca não se serve somente do gênero trágico para a elaboração dos textos, mas busca inspiração na épica e na poesia lírica (cf. Herrmann, 1924, p. 326). Ora, é indiscutível que suas principais fontes foram os grandes tragediógrafos gregos, e que, dentre eles, a sua predileção está em Eurípides [grifo meu]” (cf. POMPEU, Ana Maria César. “A *Andrômaca* de Eurípides como fonte de *As Troianas* de Sêneca”. In: *Letras Clássicas*, nº 3, 1999, p. 211)

¹³ Essa é a opinião de Zelia Cardoso expressa na introdução à sua edição de *As troianas*, se bem que a autora reconheça lucidamente a complexidade da questão, ao recordar a importância de possíveis fontes latinas para o drama de Sêneca.

problematiza a questão das fontes; ao contrário, no fim do volume o leitor encontra um quadro em que se mostra a relação das peças senequianas com os “dramas gregos correspondentes”.¹⁴

Como afirma Tarrant,¹⁵ o hábito de se considerar as tragédias senequianas como “adaptações” dos “originais” gregos do séc. V é um erro resultante da falta de exemplares remanescentes de peças pós-clássicas que permitissem uma comparação com os dramas de Sêneca. A crítica recente, porém, tem se mostrado mais lúcida no tocante a essa crucial questão das fontes, dando mais atenção às qualidades da escrita de Sêneca independentemente de suas possíveis relações com a tragédia clássica (relações estas que, como já dito, não podem ser ignoradas), lançando, assim, uma nova luz sobre as características essencialmente romanas das tragédias de Sêneca, justamente o objetivo maior que o presente estudo introdutório busca alcançar, ainda que de maneira exígua.

É certo que Eurípides foi, dentre os clássicos gregos, o tragediógrafo que maior influência exerceu sobre Sêneca, possivelmente por fornecer “o maior escopo ao primordial interesse dramático de Sêneca, explorando a patologia das emoções”, como pensa Tarrant. Semelhantemente, Jacqueline de Romilly afirma que “Eurípides é o primeiro a ter representado o homem vítima das suas paixões, a ter procurado descrever os seus efeitos. Título assaz notável na história literária, Eurípides é, em particular, o primeiro que representou o amor no teatro.”¹⁶ Parece correto inferir, então, que afinidade entre Sêneca e Eurípides se dê mais por uma questão do *ethos* peculiar das personagens retratadas nas peças do repertório de ambos os dramaturgos, do que pela

¹⁴ Cf. SENECA. *Tragedies*; translated by Frank Justus Miller. Loeb Classical Library. London: Harvard University Press, 1979.

¹⁵ A questão das fontes é seriamente abordada por Tarrant em suas obras sobre as tragediografia de Sêneca, destacando-se os artigos já citados aqui: “Greek and roman in Seneca’s tragedies” (1995) e “Senecan drama and its antecedents” (1978). Esses posicionamentos mais atualizados também estão presentes na nota introdutória da tradução espanhola de Jesús Luque Moreno, na qual o autor afirma que “não se deve avaliar as tragédias de Sêneca tomando como referência o teatro grego, mas sim considerando-as em si mesmas, pois, se do teatro grego Sêneca toma alguns temas, algumas personagens básicas e estruturas formais, tudo isso foi reelaborado de acordo com pressupostos completamente novos, fazendo surgir um produto novo que traz consigo a marca e os traços distintivos de Sêneca e de seu tempo.” (cf. LUQUE MORENO, Jesús. “Introducción general”. *In: Tragedias I*. Madrid, 1979, p. 22).

¹⁶ Cf. ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*, p. 110

emulação das peças em si. Em outras palavras, talvez tenha sido justamente o caráter extremante passional das personagens trágicas de Eurípides o que tenha despertado o interesse de Sêneca como divulgador da filosofia estoica, filosofia esta que tanto prima pelo controle das paixões, entendidas como vícios. Tal questão será abordada mais detidamente no segundo capítulo deste estudo.

Talvez seja mais apropriado considerar que os dramas senequianos sejam uma romanização de *material* grego, em vez de afirmar que se trate de adaptações de *tragédias* gregas, pois como afirma Tarrant, “mesmo quando o modelo de Sêneca parece grego, o tratamento desse tema é intensamente filtrado por fontes romanas.”¹⁷ A peça estudada nesta introdução oportunamente corrobora o posicionamento de Tarrant, pois a ode coral de *HF* apresenta muitas semelhanças com a descrição do amanhecer encontrada no párodo de *Faentonte*, de Eurípides (fato desconsiderado pelos que afirmam ser o *Héracles* de Eurípides a fonte imediata do *Hercules* de Sêneca), e também muitas semelhanças com a poesia de Horácio, Ovídio e Virgílio. Em suma, pode-se supor que Sêneca tenha tomado o párodo do *Faentonte* euripídiano (que já era uma obra antológica ainda no período helenístico, como recorda Tarrant¹⁸) como um ponto de partida, conferindo-lhe um tratamento romano que ecoa obras latinas¹⁹ como as *Metamorfoses* de Ovídio, as *Geórgicas* de Virgílio, ou mesmo certos poemas horacianos, de modo que o resultado final seja um texto poético absolutamente original.

Ao tentar resumir a peça de Sêneca, expondo linearmente o enredo,²⁰ deparamo-nos com certa dificuldade, dado que os dramas senequianos diferem substancialmente das peças de Eurípides no que diz respeito à ação: em Eurípides a ação dramática é contínua, ao passo que em Sêneca verifica-se uma independência de cenas.²¹ A estrutura das peças senequianas resulta em pouca unidade dramática, dado que sua composição se fundamenta na combinação de *unidade temática* com *estrutura episódica*, do que resulta que, muitas vezes, as personagens atuem em cenas autônomas.

¹⁷ Cf. TARRANT, 1978, p. 224

¹⁸ *Id. ib.*

¹⁹ Para um amplo e minucioso elenco de relações intertextuais observáveis no *Hércules furioso* de Sêneca, cf. os comentários de John Fitch em *Seneca's "Hercules Furens" – A critical text with introduction and commentary*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1987.

²⁰ Para uma comparação minuciosa entre

²¹ Cf. PRATT, 1983, p. 24

Nas peças de Sêneca podem ser verificados alguns elementos técnicos tradicionais: como exemplos, podem ser citados os prólogos com monólogos expositivos (herança euripidiana), que dão, em geral, um informe retrospectivo e prospectivo, respectivamente, do mito tratado e da ação a ser desenvolvida no decorrer da peça; a cena do diálogo com a nutriz (uma personagem humilde, que geralmente personifica a sabedoria de um ancião, “a voz da razão”), podendo também ser representada por uma figura análoga, como é o caso de Anfitrião, em *HF*, arquétipo do velho sábio e comedido; a figura do mensageiro, que relata ação que se dá fora de cena, além do uso dos coros como uma consciência exterior à peça.

Os prólogos de Sêneca também apresentam grande variedade tipológica. Geralmente são independentes da ação, apresentando personagens ausentes da ação da peça, com no caso de Juno, no prólogo de *HF*, que apresenta o ciúme de Juno: Hércules demonstra a sua invencibilidade a todo momento, a única maneira de ser vencido seria por meio de sua autodestruição (o que se dá mediante o seu enlouquecimento desencadeado pelas Fúrias). A ação da peça não necessitaria desse prólogo para ser compreendida. Trata-se de um monólogo com 124 versos jâmbicos, nos quais a ação trágica é apenas insinuada.

A questão da *representabilidade* das peças de Sêneca é outro campo que gera controvérsias entre os estudiosos, que se dividem entre os que são da opinião de que as peças senequianas seriam textos destinados somente à leitura e os que opinam a favor da representabilidade. Além da questão, há pouco mencionada, da independência das cenas individuais (o que resultaria numa encenação muito estática), o teatro de Sêneca também apresenta outros elementos que dificultam a representação, tais como a abundância de cenários fantásticos, o deslocamento sobrenatural de certas personagens (como no início do prólogo de *HF*, em que Juno aparece literalmente descendo do Olimpo à Terra, descrevendo um cenário cósmico ou quando Medeia é arrebatada pelo carro do Sol, após ter matado seus filhos) e as cenas de morte, como em *HF* (vv. 991-95), cena em que Hércules atira uma flecha em um de seus filhos. Em franca oposição à preceptiva horaciana — “*Ne pueros coram populo Medea trucidet*” [*Que Medeia ante o público não trucidar seus filhos*] (HORÁCIO, *Arte poética*, 185) — Sêneca “faz sua Medeia matar os filhos, um por vez, diante do pai impotente e horrorizado, sublinhando os atos com palavras”.²² Como

bem afirma Zelia Cardoso, tais elementos certamente dificultam a representação, mas não constituem um impedimento absoluto para a mesma, dado que os romanos já possuíam, à época de Sêneca, “tecnologia” que permitia contornar as dificuldades do espetáculo, com teatros sofisticados e máquinas teatrais, como plataformas deslizantes, cordas e cortinas, que possibilitariam a concretização de tais cenas (além disso, Zelia Cardoso também evoca a influência que Sêneca exerceu na dramaturgia renascentista, tendo as peças Sêneca sido representadas na Inglaterra do período elisabetano). Assim como na questão das fontes, não temos como saber com certeza absoluta qual teria sido a realidade das representações das peças de Sêneca na época em que foram compostas; porém, como expõe Norman Pratt, é possível que as peças senequianas tenham sido compostas como “dramas recitativos”, sendo que a abundância imagética presente nos textos se destinassem à “audição” em reuniões na quais as peças eram lidas em voz alta.²³

Em Sêneca, as partes têm mais proeminência do que o todo, e isso gerou críticas por parte daqueles que tinham em mente os modelos áticos e a normatização aristotélica. Tendo em vista o exposto no parágrafo anterior, percebe-se que Sêneca também não se preocupava em seguir à risca as preceptivas horácianas. O fato é que o autor utilizava uma técnica de composição própria de sua época, em conformidade com a evolução do gênero trágico; é possível que a presença de cenas mais independentes da ação trágica constitua uma herança do teatro helenístico. Como aponta Luque Moreno, os pontos principais em que Sêneca transgride os preceitos horácianos²⁴ são: o emprego do coro,

²² Cf. CARDOSO, Zelia de Almeida. “A tragédia de Sêneca: discurso ou espetáculo?”. In: *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 71. (A tradução da citação de Horácio também é de autoria de Zelia Cardoso).

²³ Cf. PRATT, 1983, p. 18-9. e DUPONT, F. “Recitatio and the reorganization of the space of public discourse”. In: *The roman cultural revolution*. Habinek, T. & Schiesaro A. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, (1997) 2000, p. 44-59.

²⁴ “As ações ou se representam em cena ou se narram. Quando recebidas pelos ouvidos, causam emoção mais fraca do que quando, apresentadas à fidelidade dos olhos, o espectador mesmo as testemunha; contudo, não se mostrem em cena ações que convém se passem dentro e furem-se muitas aos olhos, para as relatar logo mais uma testemunha eloquente. Não vá Medeia trucidar os filhos à vista do público; nem o abominável Atreu cozer vísceras humanas, nem se transmutará Procne em ave ou Cadmo em serpente diante de todos. Descreio e abomino tudo que for mostrado assim. Para ser reclamada e voltar à cena, não deve uma peça ficar aquém nem ir além do quinto ato; nem intervenha um deus, salvo se ocorrer um

reduzido a um intermédio lírico (*Arte Poética*, v. 193) e, como já referido, a apresentação em cena de feitos prodigiosos (*Arte Poética*, v. 182); porém, Sêneca segue mais ou menos à risca outras preceptivas horacianas, como a regra das três personagens (*Arte Poética*, v. 192) e a divisão cinco atos (*Arte Poética*, v. 189).

Nas tragédias gregas, o coro apresentava o ponto de vista dos cidadãos da pólis, contraposto ao ponto de vista dos deuses e dos heróis, como numa espécie de expurgo do legado épico e síntese da ideologia do Estado democrático; posteriormente, fora desse contexto social e religioso ateniense, o coro passou a ter pouca ligação com a ação trágica. Em Sêneca, isso se dá sistematicamente (*embóloma*, interlúdio lírico). A própria estrutura tradicional das tragédias divididas em cinco atos foi uma convenção que permaneceu mas se flexibilizou no teatro de Sêneca (e.g.: *Édipo*, com 6 atos; *Fedra*, com uma divisão complexa²⁵). Outro fato observado na evolução da dramaturgia latina é uma tendência à padronização peculiar em todos os níveis (e.g.: padronização da linguagem, de situações, uso de certos clichês). Os coros de Sêneca possuem, na verdade, uma importante *função exegetica*,²⁶ deixando muito evidente o desenvolvimento de uma temática filosófica e moral (em conformidade com a última parte do excerto horaciano transcrito na nota nº 24), que ecoam tanto a obra filosófica em prosa do próprio Sêneca, bem como uma tradição parenética romana, representada especialmente na obra de Virgílio e Horácio.

A poesia de Ovídio constitui outra importante chave para a leitura de Sêneca. Seguramente, Ovídio foi um dos principais modelos para Sêneca. Com efeito, mais produtivo é associar Sêneca a Ovídio do que associá-lo a Horácio no que diz respeito às *preceptivas* de composição poética. Vejamos alguns exemplos: “*Grande sonant tragici; tragicos decet ira cothurnos*” (“Os versos trágicos soem em tom grandioso, a ira condiz com os

enredo que valha tal vingador; nem se empenhe em falar uma quarta personagem. Que o coro desempenhe uma parte na ação e um papel pessoal; não fique cantando entre os atos matéria que não condiga com o assunto, nem se ligue a ele estreitamente. Cabe-lhe apoiar os bons, dar conselhos amigos, moderar as iras, amar aos que se arreceiam de errar; louve os pratos da mesa frugal, bem como a justiça salutar, as leis, a paz de portas abertas; guarde os segredos confiados a ele, ore aos deuses, peça que a Fortuna volte aos infelizes e abandone os soberbos.” (HORÁCIO, *Arte Poética*, vv. 180-200)

²⁵ Cf. LOHNER, José Eduardo dos Santos. “A utilização de recursos formais na tragédia *Fedra* de Sêneca”. In: *Letras Clássicas* 3 (1999), pp. 163-180.

²⁶ Cf. PRATT, p. 130.

coturnos trágicos”, Ovídio, *Remédios do Amor*, v. 375); “*Omne genus scripti gravitate tragoedia vincit/Haec quoque materiam semper amoris habet/Num quid in Hippolyto nisi caecae flamma nouercae?*” (“A tragédia vence, em gravidade, todo gênero de escrito/Ela também sempre envolve a matéria do amor/O que há no Hipólito senão a chama de uma cega madrasta?”) (Ovídio, *Tristia*, 2, 281-283). Tendo em vista esses excertos de Ovídio, pode-se afirmar que praticamente todas as peças de Sêneca se enquadram nesse padrão, retratando os conflitos mais patéticos gerados pela *ira* e pelo *amor*.

O período clássico da literatura latina (período de Augusto) foi muito marcado por normas literárias rigorosas, nas quais a questão dos gêneros assume a máxima importância (distinção exata entre os gêneros literários; reflexões agudas sobre as fronteiras genéricas; adequação entre gênero, matéria e forma etc.). Já no período pós-clássico verifica-se, de certo modo, uma estética de ruptura, de inovação e experimentalismo (analogamente ao período alexandrino na literatura grega, cujo expoente mais emblemático foi Calímaco). Em Roma, coube a Ovídio assumir esse papel de expoente “vanguardista”; como lembra Tarrant, “Ovídio compartilha com Calímaco a alusão erudita, seu gosto por colocações oblíquas e irônicas, seu tratamento inovador do mito, sua versatilidade estilística e a aguda sensibilidade ao seu status como poeta — embora a *persona* que Ovídio projeta seja mais genial e, ao menos antes de seu exílio, muito pouco incomodada pela crítica adversa”.²⁷ É plausível que a estética alexandrina tenha chegado à obra de Sêneca por intermédio de Ovídio; muito do que Sêneca praticava na poesia trágica se confrontava com a norma rigorosa clássica, como já visto anteriormente. “O estilo alexandrino”, observa Isabelle Jouteur,²⁸ “se caracteriza, pois, por uma variedade métrica, estilística, dialetal e temática” e isso é algo muito pertinente ao universo senequiano, pois Sêneca deu continuidade a essa técnica de composição alexandrina, conforme pode ser observado em vários níveis de sua obra: a variedade métrica mencionada por Jouteur consiste justamente na *polimetria* tão característica em Sêneca; as abundantes alusões eruditas à mitologia nos dramas senequianos constituem outra prática alexandrina, além da frequente inserção, em suas peças, de hinos em que é possível notar os moldes de Calímaco.

²⁷ Cf. TARRANT, R. “Ovid and ancient literary history”. In: *The Cambridge companion to Ovid*, p. 21

²⁸ Cf. JOUTEUR, I. *Jeux de genre*, p. 38

Cientes do quão afastado Sêneca está dos paradigmas clássicos de composição literária e do quanto se aproxima de uma estética romana inovadora, podemos observar mais detidamente outras peculiaridades do drama senequiano. Muito embora essas convenções de uma técnica de composição própria possam ser observadas em praticamente todas as peças senequianas, exponho aqui apenas alguns exemplos encontrados em *Hercules furens*. Duas convenções características da técnica de composição dramática de Sêneca são os *monólogos de entrada* e os *apartes*, acerca dos quais Ronald Tarrant discorre longamente em *Senecan drama and its antecedents* [*O drama senequiano e seus antecedentes*]. Tais recursos criam um efeito de suspensão do tempo dramático. É o que ocorre no início do segundo ato de *HF*, quando, refugiada num templo a espera de Hércules, Mégara anuncia (vv. 329 e ss.) a aproximação de Lico, o tirano, que dá início a um longo solilóquio sobre seus planos funestos (vv. 332-353). Embora em determinado ponto (vv. 354-7) pareça demonstrar consciência da presença de Mégara e de Anfitrião (que também se refugiara no templo), o monólogo de Lico é feito de um modo que o deixa isolado da ação dramática (de acordo com o texto, Mégara parece não ouvir o discurso, conforme vv. 358 e ss.). A suspensão do tempo dramático só é interrompida quando se estabelece um diálogo formal entre Lico e Mégara (vv. 359 e ss.). De acordo com Tarrant, “a tragédia grega não oferece nenhum paralelo de monólogos de entrada desse tipo”.²⁹ Embora alguns exemplos similares possam ser encontrados em Eurípides, nenhum deles apresenta o mesmo efeito de isolamento de cena e de suspensão do tempo como ocorre nos solilóquios das peças de Sêneca.

Curiosamente, essa técnica de Sêneca apresenta maior proximidade com a técnica dos comediógrafos latinos da Comédia nova do que com a técnica dos tragediógrafos gregos do séc. v a.C. Tarrant faz uma interessante comparação entre alguns monólogos de peças senequianas e monólogos muito similares encontrados em Plauto, como é o caso do cântico de Alcmena na comédia *Anfitrião* (vv. 633-653). Nesse trecho da comédia plautina, Alcmena e Anfitrião demonstram estar conscientes da presença um do outro, mas ambos discursam referindo-se mutuamente em terceira pessoa, sendo que o início formal do diálogo ocorre somente a partir da saudação que Anfitrião dirige a Alcmena no verso 676. Conforme Tarrant nota, tal isolamento cênico tem um exemplo análogo em *HF*, no trecho (vv. 592-615) em que Hércules retorna do mundo subterrâneo: após

²⁹ Cf. TARRANT, *Senecan drama and its antecedents*, p. 235

saudar Febo e evocar suas vitórias, Hércules faz uma pausa (v. 616 e ss.) para mencionar a presença de soldados nos arredores do santuário, porém nada diz sobre a presença de Mégara e de Anfitrião. Semelhantemente, Anfitrião não se dirige de imediato ao filho em cena, sendo que o diálogo se inicia somente a partir do verso 622. Após explicar detalhadamente as razões técnicas que levaram a Comédia Nova a adotar os monólogos de entrada, Tarrant afirma que “não é claro se o procedimento de Sêneca é próprio dele ou se é uma herança de modelos trágicos perdidos”;³⁰ ou seja, como não restam textos integrais das tragédias latinas do período republicano e da época de Augusto, não podemos saber se essa técnica já havia sido absorvida por outros tragediógrafos latinos, ou se a presença de tais monólogos seja uma apropriação que Sêneca fez diretamente das fontes cômicas. De qualquer modo, esse procedimento técnico demonstra, como já dito, que “Sêneca está muito mais próximo, nesse aspecto da técnica, dos comediógrafos do que dos tragediógrafos do quinto século”.³¹

Os *apartes*, elementos bastante similares aos monólogos de entrada, exemplificam outra peculiaridade da técnica de composição das peças senequianas: constituídos por uma breve fala realizada na presença de outra personagem que supostamente não deve ouvir tal fala, os *apartes* são bastante numerosos das tragédias de Sêneca, mas inexistentes na tragédia ática,³² reforçando ainda mais o distanciamento que os dramas senequianos apresentam em relação às fontes gregas, frequente e temerariamente aclamadas como as “maiores” fontes do teatro de Sêneca: também aqui são maiores as analogias com a Comédia Nova do que com a tragédia grega.

As tragédias gregas e latinas também se diferenciam bastante no tocante à curva da ação dramática: as peças gregas estruturam-se com a apresentação de uma situação inicial (prólogo), desenvolvimento da tensão (peripécia), clímax (momento culminante), catástrofe e desfecho; a ação na tragédia senequiana se dá com a apresentação de uma crise inicial, a presença de um “patamar crítico”, conforme expressão de Zelia Cardoso,³³

³⁰ *Op, cit.*, p. 241

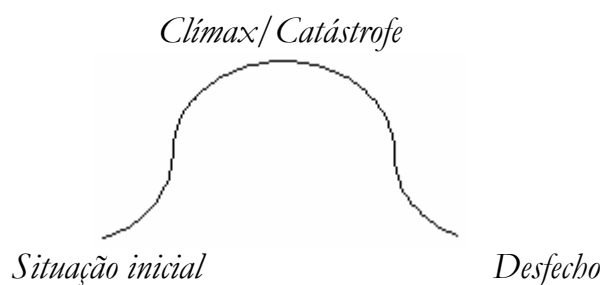
³¹ *Id. ib.*

³² *Op, cit.*, p. 242-3

³³ *Cf.* CARDOSO, Zelia de Almeida. “As tragédia de Sêneca”. In: *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 34.

e de um desequilíbrio moral do início ao fim. Como observa Pratt, “tanto na linguagem como no pensamento, a tensão nunca é relaxada.”³⁴

Tragédias gregas



Tragédias senequianas

<i>Prólogo</i>	<i>Catástrofe</i>	<i>Desfecho</i>
<i>Patamar crítico</i>		

Norman Pratt defende que os dois maiores os pilares³⁵ da dramaturgia senequiana são a filosofia estoica e a retórica. Em Sêneca, o discurso oratório e o poético estavam praticamente fundidos, sendo que o discurso trágico de Sêneca mostra-se abundantemente permeado por recursos retóricos: nas peças de Sêneca, a teoria retórica dos estilos associa-se à teoria poética dos gêneros. Muito já se falou do retoricismo de Sêneca, porém, o predomínio do retórico sobre o dramático é algo que pode ser visto como demérito ou não, dependendo do olhar relativo de cada crítico. Na opinião de Pratt, da qual compartilho, “o estilo retórico é um instrumento bem-sucedido para o tipo de drama trágico que Sêneca escolhe escrever, um drama de sensibilidades intensificadas,

³⁴ Cf. PRATT, 1983, p. 31

³⁵ Cf. PRATT, 1983, p. 150 e ss.

de paixões agudamente focalizadas, de moralismo aforístico e *chiaroscuro* filosófico.”³⁶ Nos próximos dois capítulos deste estudo introdutório, procuro justamente ilustrar essa questão, descrevendo, respectivamente, como a filosofia e as técnicas retórico-poéticas dão forma às tragédias de Sêneca.

1.3. DRAMA E REALIDADE

Norman Pratt também defende a opinião³⁷ segundo a qual a sociedade da época de Sêneca seria um importante ingrediente do drama senequiano, juntamente com o neo-estoicismo e com a retórica declamatória. Nos próximos dois capítulos desta dissertação, procuro expor alguns elementos que corroboram esse posicionamento no tocante à filosofia estoica e à retórica. Quanto à questão da sociedade neroniana, finalizo este primeiro capítulo da dissertação abordando certos questionamentos sobre a possibilidade de as peças senequianas serem um produto indissociável da sociedade romana do séc. I A.D. Essa questão também é levantada por Ronald Tarrant: “Dada a abundância de elementos romanos na dramaturgia senequiana, é natural perguntar se as peças contenham algum significado especificamente romano ou algum nível de significado ligado à Roma contemporânea às peças”.³⁸ O fato é que diversos autores respeitáveis veem nas peças de Sêneca um *caráter político-didático*, considerando a hipótese de que os dramas filosóficos senequianos possuam uma natureza histórica profunda. Citando Northrop Frye, Hayden White recorda que “toda obra de literatura tem ao mesmo tempo um aspecto ficcional e um aspecto temático”³⁹. De fato, para Pratt o mundo do

³⁶ Cf. PRATT, 1983, p. 31. Reportando uma colocação de Gustav Landauer (*Shakespeare-Vorträgen* [Frankfurt am Main, 1920], vol. I, p. 162), Pratt afirma, na página 30 de seu livro, que “o estilo senequiano tem sido chamado de *barroco* por causa da excessiva ornamentação retórica”. Embora muitos pudessem considerar tal caracterização como sendo anacrônica, penso que ela possa útil no sentido de evocar um universo artístico-cultural de certo modo análogo ao universo poético de Sêneca.

³⁷ Cf. PRATT, 1983, prefácio.

³⁸ Cf. TARRANT, 1995, p. 22

³⁹ Cf. WHITE, “O texto histórico como artefato literário”, In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001; pp.98-9

drama senequiano é igual ao mundo real de sua época, “um campo de batalha de extremos morais”.⁴⁰

A realidade histórica romana do séc. I A.D. e o drama senequiano guardam certas analogias que podem ser vislumbradas em *HF*. Na peça, pode-se considerar que “a vida ansiosa é a vida de Roma: a bajulação de ricos patronos, a ganância, a ambição política e a corrupção”.⁴¹ Nos versos 161 a 173 do primeiro coro, o cenário descrito é essencialmente o contexto da *urbs* em seu pleno alvoreço antinatural: “Imensas esperanças erram pelas cidades e também medos inquietantes. Aquele, desprovido de sono, cultua as soberbas soleiras e as duras portas dos poderosos; este outro acumula felizes riquezas sem fim, boquiaberto com seus tesouros, e ainda pobre em meio ao ouro acumulado; aquele, atônito e inchado por uma aura vazia, o elevam o favor do povo e o vulgo mais instável que as ondas; este, vendendo raivosas querelas do fórum barulhento, aluga, desonesto, suas iras e palavras.” Como se pode constatar, além da alusão a um cenário urbano tipicamente romano, Sêneca menciona explicitamente uma instituição exclusivamente romana: o Fórum.

⁴⁰ Cf. PRATT, 1983, p. 193. Em artigo que analisa a *Fedra* senequiana sob uma perspectiva retórica, Paulo Martins evoca importantes dados que esclarecem a questão dos contextos históricos tratados no decorrer do primeiro capítulo desta dissertação, tocando também no cerne do possível caráter político-didático das tragédias senequianas: “Historicamente, o texto de Sêneca está localizado numa época em que se começa a confirmar uma tendência que se iniciou com o fim da república, qual seja, o declínio da oratória forense, motivado pelo fim das liberdades individuais. É nesse contexto que surge com maior vigor a exercitação da retórica escolar, em detrimento do exercício efetivo da mesma retórica em seu local de origem, na cultura romana, o fórum. Os governos dos Césares, com o impedimento da expressão dos *civis* romanos, propiciam o desenvolvimento das letras, que amparadas nos “mecenatos”, ou mesmo, nos próprios imperadores, passam a ocupar um lugar de destaque, ou mesmo, de substituição em relação aos discursos forenses, que tanto marcaram a cultura latina na época de Cícero. É sob a égide dessa nova ordem social e política que se desenvolverá, posteriormente, a nova historiografia de Tácito, e antes, as tragédias, de Sêneca. Muito já se falou a respeito da ligação dessas mesmas tragédias, com a casa imperial o que num certo sentido, não está longe de ser muito sensato, uma vez que o governo de Nero prima por nos conceder fatos de relevância catastrófica nos quais o apelo chega a ser “patético”. Sob este viés, basta nos determos aos inúmeros assassinatos ocorridos nesse tempo em torno do poder.” (MARTINS, Paulo. “O párodo de Fedra e a retórica”, *In: Letras Clássicas*, nº 3, 1999, p. 208).

⁴¹ Cf. PRATT, 1983, p. 190

Em tal cenário desarmonioso, verificam-se as condições ideais para o surgimento de outro elemento chave para a compreensão da possível natureza histórica das tragédias de Sêneca: a tirania. São abundantes as referências a governos tirânicos nas tragédias senequianas. A vinculação das tragédias senequianas com o próprio tempo histórico de Sêneca pode ser inferida, segundo Tarrant,⁴² principalmente por conta de três elementos principais e interrelacionados: 1) pelo fascínio senequiano por personagens tirânicos; 2) pelo foco na patologia das emoções sob uma perspectiva filosófica estoica; 3) pelo adverso cenário global no qual se debatem as personagens. Tendo em vista essa realidade, é impossível não evocar o *Tratado sobre a clemência* de Sêneca, um tratado que pode ser muito importante para a compreensão de suas tragédias. No *De Clementia*, Sêneca não se opõe à realeza,⁴³ mas distingue, de acordo com sua concepção filosófica, o *bonus rex* (o bom rei = virtude) do *malus tiranus* (o tirano mau = vício). Ele não contesta o governo autoritário, mas defende que esse governo seja clemente: para Sêneca, a clemência é justamente a virtude que distingue um rei legítimo de um tirano. Cabe ressaltar que a severidade não é o oposto da clemência, pois a severidade é uma virtude, e uma virtude nunca pode se opor a outra; o oposto da clemência é a *crudelidade* (*De Clementia*, II, 1-3). Para os estoicos, a compaixão não é uma virtude, pois se o verdadeiro sábio, de acordo com a concepção dessa escola, é justamente aquele que sabe suportar seus sofrimentos serena e impassivelmente, tal indivíduo não poderia se condover com o sofrimento alheio. Esse assunto será abordado mais detidamente no próximo capítulo.

Dedicada a Nero, essa obra foi escrita provavelmente no início do reinado do jovem imperador. Os cinco primeiros anos de seu governo foram tranquilos; todavia, com o grave episódio da morte de Britânico, instalou-se a tensão na corte neroniana. Não se sabe se Tácito e Suetônio foram responsáveis por uma difamação de Nero, pois Britânico era epilético e a história de sua morte é um tanto obscura. É possível que Sêneca tenha escrito o *De Clementia* antes da morte de Britânico, como uma manual de bom governo para o jovem Nero, recomendando-lhe o exercício da autoreflexão, de modo que, ao temperar sua severidade pela clemência, obteria a recompensa de ser admirado por seus súditos. A clemência não seria meramente o perdão e possivelmente uma impunidade, mas sim uma punição um pouco mais branda que se poderia esperar

⁴² Cf. TARRANT, 1995, p. 228-9

⁴³ Acerca dessa distinção entre o bom rei e o mau tirano, cf. o estudo de I. Braren in SÊNECA, *Tratado sobre a clemência*; introdução, tradução e notas de I. Braren. Petrópolis: Vozes, 1990; pp. 13-23.

em cada caso; a clemência seria, pois, uma virtude oriunda da temperança do espírito, uma inclinação do espírito para a brandura durante a aplicação de uma punição devida. Desse modo, a clemência pode ser entendida como a manifestação de um *ethos* puramente estoico, ligado à magnanimidade e à serenidade. Pratt considera que Sêneca tenha utilizado a personagem de Lico, em *HF*, como “um paralelo à concepção de tirano encontrada no *De Clementia*. A segunda metade da peça mostra a similaridade entre Lico e o seu executor, Hércules. Nero estaria sendo advertido contra o abuso de seu poder, embora, tal como Hércules, ele tivesse a esperança de purificação”.⁴⁴ Outro exemplo curioso: na pretexto *Otávia*, peça apócrifa atribuída a Sêneca, o que fica evidente não é um *nefas* tirânico de Nero, mas sim a *inclemência* do imperador. Em *Hercules furens*, porém, tem-se um exemplo de “tirania pura”: Lico, que atua uma tirania sem razão de ser (a inclemência de Nero — que friamente sentenciou sua esposa Otávia à morte — poderia ser “justificada”, pelo menos de acordo com os argumentos do próprio Nero na peça).

De acordo também com Andrés Pérez, parece inegável a presença de reflexões políticas nas tragédias (para este autor, assim como no caso de Pratt, todos esses elementos estão imbricados na técnica de composição senequiana: retórica — filosofia — finalidade político-didática): “A ideia fundamental na totalidade das tragédias é o ataque ao governo despótico. Um governo tirânico só pode se manter por meio do ódio e da força: assim o reconhece o próprio tirano Lico em *Hercules furens*: ‘... omnis in ferro est salus: quod ciuibus tenere te inuitus scias, strictus tuetur ensis’ [‘Toda salvação reside na espada: o que sabes que é teu, a rigorosa espada protege contra os cidadãos constrangidos’] (*HF*, vv. 342 e ss.). Mas aquele que exercer o poder desse modo, prontamente verá como o medo reverte sobre si mesmo: ‘qui scepra duro saeuus imperio regit, timet timentes: metus in auctorem redit’ [‘Quem, cruel, rege o cetro com duro império, teme aqueles que o temem: o medo retorna ao seu autor’] (*Édipo*, v. 705 e ss.)”⁴⁵

Em suma, é plausível considerar que nas peças de Sêneca “há uma direta relação entre o significado de seus exemplos dramáticos e as condições morais de seu tempo. A homeopatia de seu drama é um medicamento específico para as doenças contemporâneas a ela. Nesses sentido, o drama é profundamente histórico”⁴⁶

⁴⁴ Cf. PRATT, 1983, p. 191

⁴⁵ Cf. PÉREZ, Andrés, *Finalidad político-didáctica de las tragedias de Séneca*, p. 287

⁴⁶ Cf. PRATT, 1983, p. 193

2. HÉRCULES FURIOSO – DRAMA E FILOSOFIA

2.1. SÊNECA E O ESTOICISMO

Certamente não pretendo traçar aqui um minucioso panorama histórico do estoicismo, mas tão somente registrar as feições gerais dessa escola filosófica,⁴⁷ cuja presença se fez notadamente marcante na latinidade. O estoicismo em Roma teve em Cícero e Sêneca os seus mais célebres divulgadores;⁴⁸ na verdade, é possível supor que o

⁴⁷ Com muita propriedade, Jean Brun sintetiza a essência da filosofia estoica em seu manual, expondo o contexto grego no qual tal escola fora engendrada. Creio ser útil transcrever aqui algumas palavras de Brun, de modo a tornar mais claro ao leitor a tradição do pensamento filosófico na qual Sêneca se insere: “Quando Zenão, vindo de Chipre, desembarca na Grécia por volta de 300 a.C., Atenas é ainda uma brilhante capital intelectual, mas já perdeu a sua hegemonia política. Alexandre, o Grande, morreu em 323 e os seus lugar-tenentes disputam entre si o Império; este século III, em que florescem os antigos Estoicos, está na origem de um período de instabilidade política na bacia do Mediterrâneo que o historiadores designam ordinariamente por época helenística. (...) No domínio da história das ideias reina também uma grande desordem. (...) Resumindo: num clima político conturbado, as consciências assistem aos debates e discussões dos filósofos que não chegam a dar-lhes o que elas esperam: uma definição da verdade e do bem. Sem pretender fazer uma filosofia da história, poder-se-ia dizer que, em certo sentido, o ceticismo de Pirro, que acompanhou Alexandre à Índia e conheceu seguramente os gimno-sofistas hindus, declara que é preciso repelir toda a opinião, toda a crença para poder chegar à indiferença feliz, à ataraxia, à sabedoria silenciosa. *É nesta atmosfera que duas escolas rivais — o epicurismo e o estoicismo — se vão propor ensinar ao homem os critérios da certeza, suscetíveis de lhe dar regras de vida e de ação capazes de o reconciliar com a natureza.* É por isso que os estoicos e os epicuristas, apesar de se oporem muitas vezes uns aos outros, têm uma divisa comum: *viver de acordo com a natureza* [grifos meus]” (cf. BRUN, Jean. *O estoicismo*. p. 31-2)

⁴⁸ Como grandes expoentes do estoicismo romano, não podemos deixar de lado a figura de Epicteto (55-135 d.C.), o filósofo escravo, bem como a de Marco Aurélio (121-180 d.C.), o imperador filósofo, mas, a despeito de qualquer valoração negativa, o nome de Sêneca conseguiu atravessar os séculos como célebre filósofo romano. Quanto a Cícero, embora não tenha explicitamente adentrado os anais da História como filósofo estoico, seus escritos e discursos revelam uma patente influência do pensamento estoico, a exemplo do célebre *Paradoxa stoicorum*, (*Os paradoxos dos estoicos*), obra na qual o orador romano apresenta seis proposições da tradição estoica, seguidas de amplo comentário (uma tradução e um detalhado estudo dessa obra podem ser conferidos em LIMA, Ricardo da Cunha, “Tradução e estudo da obra *Paradoxa stoicorum*, de Cícero”, Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2001).

conhecimento que temos do estoicismo grego só foi possível através dos latinos, dada a continuidade que estes deram à escola de Zenão de Cício. A filosofia estoica apresenta algumas semelhanças com ideias cristãs,⁴⁹ daí a apropriação pela cultura eclesiástica durante a Idade Média, das ideias de Sêneca, visto sobretudo como um grande “moralista”. Se bem que Sêneca nunca se privou de fazer críticas, muitas vezes mordazes, às práticas religiosas de sua época, frequentemente manifestando ceticismo e ironia em face daquilo que considerava mera superstição. Sêneca tampouco se importou de ser acusado de incoerência, pois ele mesmo assumia que não era rigorosamente um estoico, mas sim um pensador *predominantemente* estoico. Eis o que diz o filósofo: “Eu não me prendo a nenhum dos mestres estoicos: eu, também, tenho o direito de dar a minha opinião. Por isso, seguirei este ou aquele; a um outro, pedirei que desdobre a sua proposição, e quando, depois de todos, eu for chamado, talvez não rejeite nenhuma das opiniões antes de mim apresentadas e direi: ‘Além disso, eis o que penso’. De resto, de acordo com todos os estoicos, atenho-me à natureza das coisas; a sabedoria está em não se afastar dela e pautar-se por sua lei e seu exemplo”.⁵⁰ Christopher Gill traz à tona essa questão do estoicismo em Roma, afirmando que “segundo uma visão estereotipada, o estoicismo foi filosoficamente pouco criativo durante o império romano. A ‘escola’ tinha um estatuto institucional mal definido e havia certa dose de ecletismo e de fusão de diferentes filosofias (...) A exemplo do que ocorre com todos os estereótipos, também esse contém um elemento de verdade, mas obscurece aspectos importantes, como o estoicismo ter permanecido força filosófica atuante pelo menos durante os dois primeiros séculos da era cristã.”⁵¹ De fato, esse estereótipo é parcialmente reproduzido no texto de Jean Brun, segundo o qual “é necessário dizer que o estoicismo de Sêneca é

⁴⁹ Podem ser citados como exemplos a crença estoica na razão universal, no poder superior criador de tudo o que existe (analogamente ao Deus cristão); a distinção rigorosa entre o “bem” e “mal”; o elogio da virtude (o bem) e a execração do vício (o mal, o “pecado”). Embora as cosmologias estoica e cristã sejam fundamentalmente diferentes (assim como o conceito de Deus), a afinidade entre o rigor ético estoico e cristão (por “cristianismo” entenda-se, aqui, a tradição religiosa católica) possibilitou naturalmente o estabelecimento de uma homologia entre aqueles conceitos supracitados.

⁵⁰ Cf. SÊNECA, *Vit. Beat.*, III, 2-3.

⁵¹ Cf. GILL, Christopher, “A Escola no período imperial romano”, p. 35-6, *In: Os estoicos*

indulgente, insípido e que se presta a muitas concessões. Sêneca sobressai como escritor quando esboça um retrato psicológico ou descreve a loucura humana; mas o homem, ele próprio, é mais inquietante que a obra propriamente dita.”⁵²

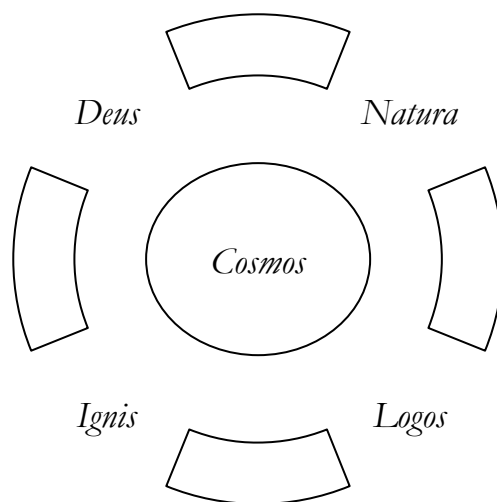
No primeiro capítulo deste trabalho foram contrastados os contextos históricos das tragédias gregas e romanas, separadas por um grande vão histórico-cultural, temporal e mesmo geográfico. No tocante à filosofia estoica, é preciso ter uma cautela similar: o estoicismo foi uma doutrina filosófica surgida em Atenas, no séc. IV a. C., conforme já mencionado em nota anteriormente, criada por Zenão de Cício e desenvolvida por Cleanto e Crisipo, tendo sido introduzida em Roma somente no século II a. C., por obra de Blóssio, Diógenes da Babilônia e Panécio. Mais de três séculos, portanto, separam o pensamento de Zenão e de Sêneca. Pode-se dizer que o estoicismo manteve-se mais ou menos coeso durante todo esse tempo (uma vez que o *corpus* das doutrinas estoicas, até a época de Sêneca, não tenha sido alvo de qualquer tipo de “cisma” historicamente significativo), mas é natural supor que qualquer corrente de pensamento seja influenciada e adaptada pelas idiossincrasias daqueles que se propuseram a expandi-la e transmiti-la. Sobre o contexto da filosofia estoica em Roma, Christopher Gill afirma ainda que “um dos aspetos notáveis do períodos imperial é a influência exercida pela filosofia — em particular o estoicismo — sobre a literatura romana, inclusive a poesia — um aspecto sem paralelo em outras era da Antiguidade. Porém, no período republicano tardio, a filosofia chegou a desempenhar papel significativo na educação dos gregos e romanos de alta extração social. Na literatura romana, a presença da filosofia, inclusive do estoicismo, fez-se notar no campo da poesia e da prosa do final do século I a.C. e por todo o século I d.C.”⁵³

O estoicismo constituía um sistema filosófico muito amplo, abrangendo os domínios da física, da metafísica e da ética. Segundo a mundivisão estoica, o homem é parte da Natureza, e como tal deve refletir a sua harmonia racional, devendo viver em conformidade com essa razão natural, que lhe é revelada por sua própria inteligência, educando suas paixões e cultivando a virtude. Para os estoicos, o verdadeiro sábio é aquele que permanece tranquilo em face das mudanças cíclicas próprias da ordem universal, mantendo-se impassível frente às adversidades e sofrimentos da vida: sempre

⁵² Cf. BRUN, Jean. *O estoicismo*. p. 23

⁵³ Cf. GILL, Christopher, “A Escola no período imperial romano”, p. 60, *In*: INWOOD, Brad. *Os estoicos*. Tradução de Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.

integrado à natureza, seu objetivo supremo é a impassibilidade absoluta (*apatia/ataraxia*). A física estoica concebe que tudo seja permeado pelo *ignis*, o fogo inteligente, o aspecto físico do Universo, do *cosmos*, que por sua vez seria dotado de um *logos*, “a alma” do Universo, a racionalidade imanente a tudo o que existe. A inteligência humana, portanto, faz parte desse *logos*, da grande racionalidade universal. Depreende-se, pois, que nessa concepção do cosmos todas as partes sejam interdependentes: *omnia in omnibus sunt*, “tudo está em tudo”, essa curiosa expressão⁵⁴ de Sêneca sintetiza, com muita propriedade e elegância, a visão de mundo típica de um filósofo estoico.



De acordo com o monismo filosófico dos estoicos, a divindade é homóloga ao cosmos, ao Universo ordenado, senciente e vivo; em outras palavras, Deus e o Universo são uma coisa só. E podemos evocar as palavras do próprio Sêneca a corroborar tal afirmação: “Júpiter [...] a quem todo nome convém [...] Se desejas chamá-lo Natureza, não pecarás. Ele é aquele de quem todas as coisas nasceram, por meio de cujo espírito vivemos.”⁵⁵ Nas famosas *Cartas a Lucílio*, Sêneca deixa ainda mais patente esse monismo filosófico, integrando o próprio homem à divindade: “Não é preciso elevar as mãos ao céu nem pedir ao ministro do culto que nos deixe formular votos ao ouvido da estátua do deus, como se assim nos fosse mais fácil sermos atendidos: a divindade está perto de ti, está contigo, está dentro de ti!”⁵⁶ A esse respeito, Pratt recorda que “a religião de

⁵⁴ Literalmente, “todas as coisas são/estão/existem em todas as coisas”, conforme pode-se ler nas *Questões naturais* (cf. SENECA, *Quaestiones Naturales* - III, 10,4).

⁵⁵ SENECA, *Questões naturais*, II, 45

⁵⁶ SENECA, *Epístolas*, 41, 1

Sêneca, evidentemente, não é uma religião convencional. A divindade estoica é um sinônimo do Universo”.⁵⁷

A oposição estoica entre razão e paixão, virtude e vício — entendidos nessa filosofia, respectivamente, como adequação ou inadequação do comportamento, da mente e das emoções à Natureza — constitui uma chave importante para a compreensão do pensamento senequiano. Vejamos o que o próprio filósofo diz a esse respeito: “A verdadeira felicidade está na virtude. Que lhe aconselhará essa virtude? A não considerar como um bem ou como um mal aquilo que não tiver nenhuma relação com a sua virtude ou com a sua perversidade”.⁵⁸ Tendo em vista essa realidade do pensamento senequiano, Pratt sugere que “o dogma estoico concernente ao mal e ao conflito entre razão e paixão fundamenta as peças em vários aspectos, incluindo as passagens corais, a concepção das personagens, a introspecção, o tom, tudo isso num grau que estabelece um distinto conceito do trágico”.⁵⁹ Em suma, o teor filosófico das tragédias senequianas parece por demais evidente em todos os aspectos da composição dramática, fato que permite a qualquer leitor atento afirmar que “a demonstração do vínculo entre a dramaturgia senequiana e o estoicismo não depende de nenhuma teoria. É apenas uma questão de expor, como se pretende aqui, que de fato as peças de Sêneca englobam princípios e atitudes que são um produto natural do envolvimento do autor com o estoicismo, o que basicamente modelou a natureza de sua dramaturgia”.⁶⁰ Ora, tendo em mente todas essas reflexões sobre a natureza filosófica das tragédias de Sêneca, mais acentuadas se tornam as diferenças entre estas e as tragédias de Eurípides: se, *grosso modo*, as tragédias áticas podiam ser compreendidas sob a perspectiva das concepções filosóficas aristotélicas⁶¹ — segundo as quais o objetivo precípua da encenação trágica seria despertar a *compaixão*, permitindo aos indivíduos vivenciar a *catarse* — tal não se aplica às tragédias senequianas. No seu *Tratado sobre a clemência*, Sêneca é categórico na expressão de uma opinião negativa acerca da compaixão: “A tristeza é inábil em discernir as coisas, refletir sobre assuntos úteis, evitar os perigosos, avaliar perdas equitativamente. Logo, não se deve ter

⁵⁷ Cf. PRATT, 1983, p. 106

⁵⁸ Cf. SÊNECA, *Vit. Beat.* XVI, 1

⁵⁹ Cf. PRATT, N. T., 1948, p. 11

⁶⁰ *Idem*, p. 7

⁶¹ Cf. ARISTÓTELES, *Arte poética*, XIII-XIV

compaixão, porque é coisa que não ocorre sem que haja sofrimento de alma. (...) Portanto, o sábio jamais se compadecerá, mas socorrerá e será útil.”⁶² As seis proposições estoicas⁶³ comentadas por Cícero no *Paradoxa stoicorum* também resumem significativamente os princípios do Estoicismo:

- 1) “A honestidade é o único bem”
- 2) “Naquele em que há virtude, nada falta para a vida feliz”
- 3) “Os erros são todos iguais, e também as ações corretas”
- 4) “Todo ignorante é louco”
- 5) “Só o sábio é um homem livre, e todo ignorante é um escravo”
- 6) “Só o sábio é rico”

Do exposto acima, podemos inferir que um dos principais propósitos de Sêneca seja a dramatização de *exemplos* positivos e negativos de uma filosofia na qual virtude e vício são absolutamente opostos.⁶⁴ Essa é justamente a opinião de Zelia Cardoso: “Como um dos principais divulgadores da doutrina estoica em Roma, Sêneca deu frequentemente às tragédias um caráter parabólico, utilizando-as como *exempla* que ilustram as consequências do descontrole dos sentimentos e das paixões. E as peças se prestam realmente a esse tipo de exemplificação.”⁶⁵ Para Norman Pratt, a filosofia nas

⁶² Cf. SÊNECA, *De Clementia*, 2.4.4-5.1.; trad. Ingeborg Braren (Petrópolis, 1990, Ed. Vozes) No *De tranquillitate animi*, Sêneca oferece outro exemplo interessante de seu posicionamento estoico em face do sentimento de pena: “Não chorarei por ninguém que esteja alegre, nem por ninguém que chore: aquele enxugou ele mesmo minhas lágrimas, este com suas lágrimas tornou-se indigno de alguma outra. Choraria eu por Hércules, queimado vivo, ou por Régulo, crivado de tantos pregos, ou por Catão, que dirigiu contra si seus próprios golpes? Todos esses encontraram, a custo de um lapso insignificante de tempo, o modo pelo qual se fizessem eternos e, morrendo, alcançaram a imortalidade.” (cf. SÊNECA, *Sobre a tranquilidade da alma*, XVI, 4). Cícero expressa um pensamento análogo nos *Paradoxos dos estoicos*: “A morte é terrível para aqueles que, com o fim da vida, tudo perdem, não para aqueles cuja glória não pode morrer” (cf. CÍCERO, *Paradoxa stoicorum*, 18).

⁶³ Trad. Ricardo da Cunha Lima, *op. cit.*

⁶⁴ Cf. PRATT, 1983, 128-9

⁶⁵ Cf. CARDOSO, 1999, *In: Letras Clássica* nº 3, p. 130. Ao final de seu artigo, Zelia Cardoso ressalta que “Sêneca se vale das tragédias para ilustrar princípios da doutrina estoica. E elas assumem, assim uma

peças de Sêneca tem preponderância sobre a dramaturgia, criando um “sistema de comunicação moral entre o dramaturgo e a audiência”⁶⁶ e, mais uma vez se distinguindo do universo da tragédia ática, com suas ambiguidades características, as tragédias de Sêneca são bastante marcadas por um *chiaroscuro*, conforme expressão de Pratt, no qual certo e errado, bom e mau, se mostram muito bem delineados.⁶⁷

Em face de tais considerações, é oportuno evocar a ressalva feita por Lohner, referindo-se à *Fedra* de Sêneca (também podendo perfeitamente aplicar-se a *HF*), segundo o qual “esta peça não tem um propósito moralizador num nível rasteiro, visando a glorificar o bem e rejeitar o mal, nem mostra uma visão pessimista sobre a vulnerabilidade da alma humana diante dos ataques das paixões”,⁶⁸ tal ressalva, porém, não invalida a concepção do “caráter parabólico” das tragédias de Sêneca, uma vez que, segundo o próprio Lohner, “o objetivo principal do autor, nesta tragédia, era transmitir um *determinado ensinamento*”.⁶⁹ Esse caráter didático do teatro senequiano se torna mais visível quando se atenta ao fato de que as personagens criadas por Sêneca “não são construídas como indivíduos. Suas características estão restritas ao que Sêneca queria mostrar do ponto de vista moral (...) As personagens dramáticas tem uma *personalidade declamatória*. Elas não são delineadas como indivíduos vivos, mas são criadas como vozes de atitudes e emoções que servem ao propósito do dramaturgo.”⁷⁰ Ou seja, não só as peças constituem *exempla* filosóficos, como as próprias personagens são *exempla, per se*.

Na tragediografia clássica, a catástrofe é um elemento fundamental para a caracterização do gênero. Nas peças de Sêneca, em especial, a catástrofe é sempre decorrente de uma paixão não controlada pela personagem desencadeadora da ação trágica (com exceção de Hércules em *Hercules furens*), acarretando para si um sofrimento insuportável, levando-a à loucura e culminando na perpetração de um crime

função moralista e didática. Só a razão bem conduzida confere ao homem a *apáttheia* de que ele necessita para integrar-se no cosmos.” (*Op. cit.* p. 141).

⁶⁶ Cf. PRATT, 1983, 129

⁶⁷ *Id. ib.*

⁶⁸ Cf. LOHNER, José Eduardo dos Santos. “A utilização de recursos formais na tragédia *Fedra* de Sêneca”. *In: Letras Clássicas*, nº 3, 1999, p. 177)

⁶⁹ *Op. cit.*, p. 178

⁷⁰ Cf. PRATT, 1983, p. 150-1

desmedido.⁷¹ Em Sêneca, a catástrofe se dá quando a paixão vence a razão, corroborando a fundamentação estoica dos dramas. A catástrofe é tanto maior quanto maior for a posição ou grandeza da personagem trágica. No párodo de *HF*, essa chave de leitura é sutilmente evocada, quando o coro afirma, no verso 201, que “a virtude excessiva desaba profundamente”, *alte uirtus animosa cadit*, ou seja, “quanto maior a altura, maior a queda”, como diz o ditado popular; depois da queda, o pleno restabelecimento do sujeito é praticamente impossível, embora as tragédias não terminem necessariamente em morte, e *HF* é um bom exemplo disso (a peça termina justamente com a partida de Hércules rumo a Atenas, com o propósito de expiar seus crimes, na esperança de se restabelecer.)

Tudo o que vem sendo exposto até aqui visa ressaltar as características das peças senequianas consideradas em si mesmas, e o caráter essencialmente latino desses dramas filosóficos de Sêneca torna-se ainda mais patente quando refletimos sobre a escolha dos conflitos que autor escolheu retratar sob a perspectiva do estoicismo romano: os conflitos retratados poeticamente nas tragédias de Sêneca atingem diretamente a *pietas* familiar, e para os romanos nada poderia ser mais patético do que um ataque à *pietas*. A “personalidade declamatória” das personagens, conforme expressão de Pratt, atinge, em *HF*, um altíssimo grau de apelo patético, como pode ser constatado na maior parte do diálogo da peça, nas *esticomitas* (os diálogos intensos, com frases curtas, lugar comum no gênero trágico desde os seus primórdios), e sobretudo no diálogo entre Hércules e Anfitrião (como por exemplo, nos versos em que Anfitrião pede que o filho o mate, nos versos 1039-1042).

A questão da instabilidade da sorte é outro elemento típico do gênero trágico que na dramaturgia senequiana adquire um enfoque particular, acentuando o caráter filosoficamente reflexivo dessas peças. Segundo Pratt,⁷² nas tragédias senequianas o destino, a fortuna e os deuses se interrelacionam de modo a formar uma espécie de “trindade” que controla a boa ou má sorte das personagens; para Sêneca, a atitude correta de um homem bom e sábio “consiste em obedecer aos deuses, em não se encolerizar com os acidentes inesperados, em nunca deplorar a sua sorte, mas sim em

⁷¹ Cf. CARDOSO, Zelia de Almeida. “O tratamento das paixões nas tragédias de Sêneca”. In *Letras Clássica* nº 3, p. 131

⁷² Cf. PRATT, 1948, p. 6

aceitar o destino e em cumprir as suas determinações”⁷³ Cabe lembrar que os “deuses” frequentemente evocados por Sêneca não devem ser compreendidos como as entidades antropomórficas da mitologia, mas sim como os aspectos fundamentais de um mundo imerso na racionalidade universal, conforme já exposto no início deste segundo capítulo. Dito isso, é inevitável que se questione como é possível que um cosmos divinizado, consciente, vivo e sábio, possa permitir aleatoriamente que os mais duros sofrimentos amiúde recaiam em homens bons e virtuosos, ao passo que tantos celerados desfrutem de uma vida tranquila e prazerosa. É no seu *Tratado sobre a Providência* que Sêneca tenta responder a esse questionamento com argumentos filosóficos: “Por que te admiras de que, para serem fortalecidos, os homens bons sejam golpeados? Uma árvore não é sólida nem forte, exceto a que é batida pelo vento frequente. Pelos maus tratos ela se torna compacta e firma raízes com mais vigor. São frágeis as que crescem num vale ensolarado. Portanto, é útil aos homens bons, para que possam ser intrépidos, debater-se muito em meio a situações terríveis e com alma serena tolerar coisas que em si mesmas não são males, exceto para os que as suportam mal.”⁷⁴ Vários outros pontos do *De Providentia* também fornecem argumentos reparadores sobre as aparentes injustiças da condição humana, mas o trecho supracitado já permite ao leitor conhecer a essência da visão senequiana sobre os males que afligem os mortais.

Muitas outras *sententiae* e reflexões filosóficas tipicamente estoicas permeiam os textos trágicos de Sêneca, como por exemplo a questão da liberdade interior (*Tiestes*, v. 348 e ss.: *Rex est qui posuit metus, quem non ambitio impotens et numquam stabilis fauor uulgi praecipitis mouet*, “Rei é aquele que depôs o medo e os males do peito cruel, aquele a quem não excita a ambição desmedida nem o favor nunca estável do vulgo impetuoso”; e vv. 388-90: *Rex est qui metuet nihil, rex est qui cupiet nihil: hoc regnum sibi quisque dat*, “Rei é aquele que nada teme, rei é aquele que nada deseja: este reino qualquer um pode dar a si mesmo”); a questão do domínio de si mesmo como ideal supremo (*Medeia*, v. 176: *Fortuna opes auferre, non animum potest*, “A sorte pode tomar minhas riquezas, mas não pode roubar minha coragem”) ou ainda o tema estoico da instabilidade da sorte, que aparece explicitamente na fala de Mégara, nos versos 325 e ss de *HF*: “Iníqua, a Fortuna raramente poupa as máximas virtudes. Mesmo seguro, ninguém pode se expor, durante

⁷³ Cf. SÊNECA, *Ep.* 76.23

⁷⁴ Cf. SÊNECA, *Sobre a Providência*, IV, 16; trad. José Eduardo Lohner

muito tempo, a perigos tão numerosos. Quem amiúde atravessa por desventuras, algum dia as encontra.”

Nos dois próximos tópicos deste capítulo, procuro apontar sucintamente alguns temas e elementos filosóficos que podem ser encontrados exclusivamente no *Hércules furioso* de Sêneca.

2.2. MITOLOGIA E FILOSOFIA – A TRADIÇÃO DE HÉRCULES

Herói dos heróis da Grécia, Hércules é uma figura onipresente na tradição cultural da Antiguidade Clássica, tornando quase impossível rastrear a totalidade das fontes literárias que tratem dessa personagem mítica. A simples consulta a qualquer obra de referência ou dicionário mitológico permite ao pesquisador constatar a complexidade e a extensão das narrativas míticas sobre Hércules (Ἡρακλῆς), personagem que, nas palavras de Pierre Grimal, “é o herói mais popular e o mais célebre de toda a mitologia clássica. As lendas em que figura constituem um ciclo inteiro em contínua evolução desde a época pré-helênica até o fim da Antiguidade. Assim, não é muito cômodo expor estes episódios segundo uma ordem racional”. O mitógrafo romano Higino (c. 64 a.C. - 17 d.C.) oferece-nos, nas suas *Fábulas*, uma breve exposição dos *Doze trabalhos de Hércules ordenados por Euristeu*.⁷⁵ É muito provável que Sêneca tivesse em mente o texto de Higino como uma das fontes para o seu tratamento poético do mito de Hércules, dado que certas particularidades do mito presentes em Higino figuram também no *HF* de Sêneca (como por exemplo, a referência à duas serpentes enviadas por Hera ainda na infância de Hércules e a concepção de que o Leão de Nemeia fora criado pela Lua, embora a referência às serpentes figure também no *Anfitrião* de Plauto). Para uma descrição mais detalhada dos Doze Trabalhos, cf. a nota referente aos versos 216-248 da tradução, ao final do presente trabalho.

Cristina Franciscato, na introdução à sua tradução do *Heracles*, de Eurípides, afirma que a grandeza de Héracles é o tema central da peça do tragediógrafo grego. A grandeza⁷⁶ do herói, porém, está associada a dois elementos negativos, fatais

⁷⁵ Esse é o título da fábula de número 30 (*Herculis atbla duodecim ab eurystheo imperata*).

⁷⁶ Sobre a grandeza de Hércules, a autora afirma o seguinte: “Héracles é *mégas* (μέγας), ‘grande’, diz o coro (v. 444), e, segundo Mégara, ‘orgulhava-se com varonia’ do que preparava para o futuro dos filhos (475). A

desencadeadores da ação trágica culminada pela catástrofe: loucura e *hybris*. Como afirma a autora, “*Hybris* (ὕβρις) é a transgressão dos limites próprios do humano. Há uma tendência no homem, mais especificamente no herói, de ultrapassar esses limites. (...) É explícita na mentalidade grega a existência de uma medida estabelecida para o homem, que deve ser respeitada para que haja equilíbrio. O homem, quando ultrapassa seus limites, incorre em *hybris*.”⁷⁷ Na peça de Eurípidés, Hércules aproxima-se diversas vezes de um comportamento *híbrístico*, como recorda Franciscato (por exemplo, quando deseja vingar-se de Lico com crueldade, arrancando-lhe a cabeça, atirando-a aos cães e deixando seu corpo insepulto⁷⁸); mas a desmedida, a *hybris*, de Hércules reside principalmente em sua grandeza excessiva: “A natureza de Hércules é de tal forma grandiosa que suas ações se encontram muito próximas daquelas que assinalam *hybris*. As barreiras entre o humano e o divino parecem inexistentes para ele, mas a loucura enviada por Hera mostra que a inexistência desses limites é ilusória.”⁷⁹

Outra importante fonte trágica que retrata um herói bem próximo dos limites da ὕβρις (*hybris*) é a tragédia *As traquíncias* (*Trachiniae*) de Sófocles. Ressaltando a ambivalência de Hércules, John Fitch, logo no início da introdução à edição crítica do *Hercules furens* por ele elaborada, afirma que “o lado perigoso de sua [*i.e.* de Hércules] personalidade já é evidente em Homero, o qual menciona seus ataques aos deuses e o assassinato de seu anfitrião Ífito. (...) No entanto, essa crítica é branda em comparação com a arrasadora condenação implicada nas *Trachiniae* de Sófocles: aqui, Hércules é retratado como um beerrão na corte de Êurito, vingativo e enganador, no caso do assassinato de Ífito, lascivo e brutal na destruição de Ecália para apoderar-se de Íole; é retratado como um marido que negligencia a admirável Dejanira, insultando-a abertamente ao desposar uma outra mulher, e, finalmente, como um pai tirano em suas

expressão *méga phroneîn* (μέγα φρονεῖν), ‘pensar grande’, traduzida por ‘orgulhar-se’, costuma ser pejorativa, significando ‘ser presunçoso, arrogante’”. (*cf.* FRANCISCATO, 2003, p. 25)

⁷⁷ *Cf.* FRANCISCATO, 2003, pp. 28-9

⁷⁸ Assim se manifesta Hércules quando sua esposa lhe relata os feitos do usurpador Lico: “Eu, pois agora é trabalho para minha mão, / primeiro irei e destruirei o palácio / dos novos tiranos; arrancarei a ímpia cabeça e /lança-la-ei como preia de cães. Dentre os Cadmeus, /quantos vis encontrei, embora os tenha tratado bem, / sujeitarei com esta arma vitoriosa. / Outros dilacerarei com aladas flechas e encherei do cruor de cadáveres todo o Ismeno, / e o alvo do curso do Dirce se ensanguentará”. (*cf.* Eurípidés. *Hércules*, vv. 565-74; tradução de Cristina Rodrigues Franciscato.)

⁷⁹ *Op. cit.*, p. 32

imposições a Hilo. Tais excessos poderiam ser apropriados a um herói de contos populares, cuja *areté* consiste em obter as coisas a seu modo, a despeito de oposições, mas tais excessos devem parecer selvagens e ‘híbrísticos’ quando inseridos no contexto de uma realidade civilizada.”⁸⁰ De fato, na *Iliada* e na *Odisseia*, Homero nos apresenta uma descrição nada honrosa do grande herói grego:

Hera, também, já sofreu quando o herói Anfitriônio no seio
destro a feriu com uma seta dotada de três farpas áspers.
Dor insofrível teve ela de, então, padecer, em verdade.
Hades, o monstro, também, sofreu muito, em virtude de um dardo
por esse mesmo homem forte atirado, de Zeus descendente,
no próprio sólio dos mortos, causando-lhe dor infinita.
O coração angustiado, com dor indizível, foi ele
para o palácio de Zeus, no vastíssimo Olimpo. Encravara-se-lhe
no ombro possante o fautor de sofrer que lhe o peito excrucia.
Péone, logo, deitou eficaz lenitivo na chaga,
que o fez sarar, pois, de fato, não era de estirpe terrena.
Ímpio e malvado, que não se corria de feitos tão graves,
indo até o ponto de flechas lançar nos que moram no Olimpo.

(HOMERO, *Iliada*, V, 392-403; tradução de Carlos Alberto Nunes)

O arco flexível, também, lá se achava e o carcás para as flechas,
cheio de dardos, fatores constantes de muitos gemidos,
que, certa vez, na Lacônia, em lembrança, obtivera de um hóspede,
Ífito, de Éurito filho, que um deus imortal parecia.
Fora em Messena, na casa de Oríloco muito prudente,
que se encontraram. De fato, Odisseu aí fora com o fito
de reclamar uma dívida em que todo o povo era parte,
pois uns Messênios haviam levado trezentas ovelhas
de Ítaca, e mais seus pastores, em barcos providos de remos.
Por essa causa, Odisseu, apesar de mui jovem, fizera
todo o percurso, a mandado do pai e demais conselheiros.
Ífito viera, também, reclamar uns cavalos, pois doze
éguas lhe haviam levado, com potros robustos, de mama.
Estas, depois, foram causa de que triste Morte sofresse,
quando foi ter ao palácio do filho do Crônida Zeus,
Hércules forte, de peito leonino, habituado a violências,
e que no próprio palácio o matou, apesar de ser hóspede.
Ímpio! Nem teve respeito aos eternos, nem mesmo à hospedeira
mesa que o tinha acolhido.

(HOMERO, *Odisseia*, XXI, 11-29; tradução de Carlos Alberto Nunes)

Se no decorrer deste trabalho inúmeras diferenças sutis têm sido apontadas nas obras dramáticas gregas e romanas, a questão não poderia ser diferente no uso que Sêneca faz da mitologia. Como bem afirma Pratt, a diferença no tratamento da loucura de Hércules em Eurípidés e em Sêneca se torna manifesta uma vez que, na peça latina, “a

⁸⁰ Cf. FITCH, 1987, p. 15

violência da loucura (...) não é uma característica isolada tampouco é causada externamente, como em Eurípides. Trata-se de um sintoma de uma ilusão interna, de egocentrismo, audácia e orgulho. Essa enfermidade moral aparece claramente no comportamento de Hércules. Preparando-se para oferecer um sacrifício em gratidão por sua vitória sobre Lico e seus comparsas, ele invoca os deuses, incluindo qualquer irmão seu que habite os céus (v. 907). Anfitrião o aconselha a primeiro purificar suas mãos, manchadas pelo sangue da matança. Hércules assevera que o sangue de Lico seria uma libação bem recebida pelos deuses (vv. 920-24). Anfitrião continua: ‘Pede por um fim para os teus trabalhos’. Hércules declara que fará preces ‘dignas de Júpiter e de mim mesmo’ (vv. 926-27) e então ora para que o universo esteja em paz. E se há algum monstro maligno para vir, ‘que seja meu’ (v. 939), um trocadilho muito óbvio”.⁸¹

Em suma, pode-se dizer que Hércules, na peça de Sêneca, constitui uma versão neoestoica do herói estoico tradicional, naturalmente bom, em conformidade com a opinião de A. J. Boyle.⁸² A versão neoestoica senequiana mostra um herói vulnerável, mas que pode se restabelecer, caso utilize seu erro como aprendizado para a permanência na conformidade à natureza, à racionalidade e à virtude, pois, como afirma Sêneca no *De Clementia*: “Todos nós pecamos, alguns de maneira grave, outros mais levemente, alguns deliberadamente, outros por um impulso casual ou levados pela maldade alheia. Permanecemos pouco resolutos em nossas boas resoluções e, entre constrangidos e reticentes, perdemos a nossa inocência. Não só estamos cometendo erros, como também os cometemos até nosso derradeiro dia. E mesmo se alguém

⁸¹ Cf. PRATT, 1983, p. 119

⁸² “Na tradição literária grega e romana, Hércules foi uma figura ambivalente: por um lado, um ser que controla a força justa, civilizador, e, por outro, um ser cheio de *hybris* e animalesco. A teoria moral estoica concentrou-se na primeira imagem, e projetou-o regularmente como um modelo do *sapiens* estoico, do prudente, e também da *virtus* que o define, em especial a habilidade do sábio em suportar a adversidade [grifo nosso]. Hércules também foi caracterizado pelos estoicos como benfeitor da humanidade, “um pacificador de terras e mares”, *terrarum marisque pacator*, como Sêneca o nomeia em *De beneficiis*, 1.13.3. (...) E enquanto *Hercules furens* mostra a lacuna entre esta imagem (*pacis auctorem*, HF, 250; cf. 441 ff.), especialmente uma autoimagem (v. 926 ff.), e a violência maníaca que é a realidade, e que problematiza todo o conceito de *virtus*, a peça se aproxima, mais do que qualquer uma das peças restantes, da promoção de um valor estoico.” (Cf. BOYLE, 1997, p. 109)

purificou sua alma tão bem que nada mais possa perturbá-la ou enganá-la, todavia não chega até a inocência a não ser pecando.”⁸³ Assim, o Hércules senequiano é lançado contra si mesmo, por intervenção de Juno, como metáfora de uma guerra moral: o Herói arrogante perde sua virtude na peça, mas a retoma quando se submete à vontade do pai, no final da peça.⁸⁴ A singularidade da tragediografia senequiana reside, pois, na ‘combinação do uso consciente da poesia como instrumento para instruir aliado à interpretação dos eventos dramáticos segundo uma visão estoica.’⁸⁵

2.3. ELEMENTOS FILOSÓFICOS EM *HÉRCULES FURIOSO*

Definidas nos tópicos anteriores como possíveis dramas filosóficos, as tragédias de Sêneca apresentam uma série de elementos estoicos que se manifestam nos mais diversos níveis da composição dramática. Segundo Pratt, Juno figura no prólogo de *HF* como exemplo da religião antropomórfica rejeitada pelos estoicos. Entendida como o “espírito da vingança, do ciúme, do medo e do ódio, o próprio espírito da paixão aliado à discórdia, ao crime, à impiedade e à loucura”, a função dramática dessa personagem é justamente espelhar o comportamento megalomaniaco de Hércules.⁸⁶ Já vimos no tópico anterior como se desenvolve a função do mito neoestoico de Hércules tomado como *exemplum* filosófico no universo senequiano.

O cânticos corais das peças de Sêneca também condensam de maneira *sui generis* um tom filosófico muito característico. Esses coros podem desempenhar variadas funções; tomando como exemplo apenas o coros do *Hercules furens*, pode-se verificar essa variedade em comentários sobre assuntos genéricos ou filosóficos: apreciação da beleza da natureza; elogio da pobreza,⁸⁷ da vida simples no campo, em contraste ao pérfido luxo da cidade; reflexões filosóficas acerca da brevidade da vida humana (todas essas reflexões

⁸³ Cf. SÊNECA, *De clementia*, 3,4,2-3 (ou 1.6.4, dependendo da versão)

⁸⁴ *Op. cit.*, p. 25

⁸⁵ *Op. cit.*, p. 79

⁸⁶ Cf. PRATT, 1983, p. 116-7 e PRATT, 1948, p. 8

⁸⁷ O elogio da pobreza não deve ser confundido com um amor à penúria. Em latim existe uma distinção entre a *paupertas* (matriz da palavra “pobreza”) — vocábulo que possui o sentido de “ter exatamente o que é necessário para viver”, uma justa medida — e a *inopia*, a miséria propriamente dita.

podem ser verificadas no párodo de *HF*); exposição de narrativas mitológicas (menção aos trabalhos de Hércules, no 1º estásimo do *HF*); hinos a divindades, como o pequeno hino ao sono presente no último coro.

No párodo de *HF*, analisado uma pouco mais detidamente na última parte desta dissertação, o elogio estoico da simplicidade e a reflexão sobre a fugacidade da vida encontram ecos nos próprios tratados de Sêneca, bem como na tradição poética latina. Ao lermos os versos (161-173) que retratam o universo vicioso e antinatural da *urbs* (“Imensas esperanças erram pelas cidades e também medos inquietantes. Aquele, desprovido de sono, cultua as soberbas soleiras e as duras portas dos poderosos; este outro acumula felizes riquezas sem fim, boquiaberto com seus tesouros, e ainda pobre em meio ao ouro acumulado...”), impossível não recordar os versos horácianos: “Em consequência da cobiça invejosa, poucos são os que podem dizer que tiveram uma vida feliz. [...] Será mesmo necessário que todos, por causa da ganância, vivam contrariados consigo mesmos e invejosos dos que têm outras ocupações?” Horácio, *Saturae*. livro I, sátira 1, linhas 108-9.⁸⁸ E por conseguinte, é impossível não perceber a clara unidade do pensamento de Sêneca como dramaturgo e filósofo: “Suprima-se essa agitação em que se encontra grande parte dos homens que perambulam por casa, teatro e foros; metendo-se nos negócios alheios, com o que parecem sempre ocupados. (...) Dá-se o mesmo a cada um desses que saem para aumentar a turba, motivos vãos e leves os conduzem pela cidade, embora nada tenham em que ocupar-se; à luz da manhã os expulsa de casa e, depois de haverem batido inutilmente às portas de muitos e de haverem saudado os nomencladores, não sendo por muitos recebidos, os que dentre todos mais dificilmente se encontram em casa são eles mesmos”⁸⁹

A tópica da fugacidade da existência é evocada nos versos 174-77 — “A tranquilidade segura conhece a poucos, os quais, lembrados da velocidade do tempo retêm momentos que nunca hão de retornar. Enquanto os fados permitem, vivei felizes!” — versos que instantaneamente trazem à memória o célebre “carpe diem” horáciano.⁹⁰ E

⁸⁸ Tradução de Eduardo Giannetti *In: O livro das citações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; p. 285.

⁸⁹ Cf. SÊNECA, *Ad Serenum de tranquillitate animi*, seção 12

⁹⁰ “Tu não indagues (é ímpio saber) qual o fim que a mim e a ti os deuses tenham dado, Leuconoe, nem recorras aos números babilônios. Tão melhor é suportar o que será! Quer Júpiter te haja concedido muitos invernos, quer seja o último o que agora debilita o mar Tirreno nas rochas contrapostas, que sejas sábia,

na prosa, Sêneca dedicou um tratado exclusivamente à questão da brevidade da vida, no qual podemos encontrar expressões lapidares como esta: “Não é curto o tempo que temos, mas dele muito perdemos. A vida é suficientemente longa e com generosidade nos foi dada, para a realização das maiores coisas, se a empregamos bem. (...) Por que nos queixamos da Natureza? Ela mostrou-se benevolente: a vida, se souberes utilizá-la, é longa”.⁹¹

Morte e mundo inferior são outros temas capitais no drama filosófico senequiano. O *inferno*, compreendido como a morada dos manes é amplamente referido no *HF*: no monólogo inicial de Juno (vv. 46-69); no 1º estásimo (vv. 183-188); no monólogo de Hércules (v. 600 e ss.); e, por fim, na longa descrição do mundo subterrâneo feita por Teseu, em diálogo com Anfitrião (vv. 658-827); John Fitch⁹² afirma que a narrativa da captura de Cérbero em *HF* constitui a mais extensa descrição sobre Cérbero encontrada em textos remanescentes da Antiguidade Clássica.

A catábase está inserida em uma antiga tradição literária que remonta a Homero. No universo grego, a *Odisseia* (canto XI) descreve a descida de Ulisses ao mundo dos mortos, ao inferno, constituindo a primeira referência ao mito do inferno em âmbito grego. Também Hesíodo, na *Teogonia* (vv. 722-819), faz uma rica descrição do inferno. Já no universo latino, temos o exemplo de Lucrecio, com o seu *De rerum natura* III (vv. 978-979 e 1023), que apresenta uma negação do inferno, de acordo com a concepção materialista da filosofia epicurista. Emulando a tradição homérica, Virgílio apresenta a catábase de Eneias no canto VI da *Eneida*; Ovídio também descreve o inferno nas *Metamorfoses*, IV, 432-463, afora as inúmeras referências à morada do mortos verificadas também nos poetas líricos e elegíacos romanos.

Em *HF* não se verifica propriamente a descrição da *catábase* de Hércules, de sua descida aos infernos, mas sim de sua ascensão do mundo inferior; de qualquer modo,

coes os vinhos e, no espaço breve, cortes a longa esperança. Enquanto estamos falando, terá fugido o tempo invejoso; *colhe o dia*, quanto menos confiada no de amanhã”. HORÁCIO, *Ode*, I, 11; trad. Francisco Achar, in ACHAR, Francisco, *Lírica e lugar-comum*, São Paulo, EDUSP, 1994, p. 88.

⁹¹ Cf. SÊNECA, *Sobre a brevidade da vida*, I.3 e II.1. Sobre a questão do tempo da vida humana refletida na tradição filosófica romana, também podemos evocar o *De Senectute* (*Sobre a velhice*), de Cícero, texto no qual encontramos a proposição da mesma atitude leve e serena perante a existência e suas incertezas.

⁹² Cf. FITCH, 1987, 317.

parece pertinente a conexão que Pratt⁹³ estabelece entre a presença de Hércules no mundo inferior e sua ascensão ao mundo dos vivos: a estadia de Hércules no inferno, ricamente descrita em *HF*, pode portar um significado alegórico, representando a “descida” do herói às profundezas sombrias de sua própria alma, fato manifestado durante seu *furor* assassino, caracterizando as peças de Sêneca como um profundo estudo das paixões e dos dilemas existenciais do ser humano.



⁹³ Cf. PRATT, p. 117

3. *HÉRCULES FURIOSO* – BREVE ESTUDO DE INTERTEXTUALIDADE

Como arremate das ideias até aqui apresentadas, este último tópico do estudo introdutório tem por objetivo expor uma breve análise⁹⁴ comparativa entre o primeiro coro de *HF* e duas Odes horacianas, permitindo ao leitor vislumbrar uma possibilidade de leitura que deixe patente a vinculação do drama senequiano com a poesia latina não dramática. Além de dramas filosóficos, Norman Pratt considera que as tragédias senequianas sejam “dramas retóricos”, o que, por si, não permite valorar negativamente esses textos, a não ser que sejam adotados critérios anacrônicos de avaliação crítica, comparados as peças a obras de contextos absolutamente distintos daqueles em que as peças senequianas foram compostas, questão já apontada no início deste trabalho. À medida que nos aprofundamos na leitura detalhada das tragédias senequianas, mais e mais elementos peculiares de sua estruturação retórico-poética vão sendo vislumbrados. O tipo de reflexão apresentada neste tópico poderia se aplicar não só à totalidade da peça estudada, mas também às demais tragédias de Sêneca. Tendo em vista os limites naturais de uma dissertação, apresento a seguir algumas peculiaridades constitutivas apenas do primeiro coro de *Hércules Furens*.

Com uma estruturação bastante peculiar, o párodo de *HF* pode ser considerado um “interlúdio lírico”, uma parte destacável do restante do texto, funcionando como um ornamento poético-retórico da peça. Os cânticos corais senequianos são muito elaborados, com a presença de uma estrutura polimétrica, versando sobre muitos assuntos diferentes. Exercitando sua habilidade retórica,⁹⁵ Sêneca demonstra o gosto pela variedade em todas as suas tragédias. Em *HF*, por exemplo, essa variedade é bem visível no uso abundante de metáforas, na abundância de circunlóquios, fato verificado no uso de certos vocábulos, como *Phosphoros* em vez de *Lucifer*, helenismo que denota a

⁹⁴ Este estudo foi feito com base nas reflexões realizadas no curso *Aspectos gerais da poesia dramática de Sêneca* (FLC-6016), ministrado pelo Prof. Dr. José Eduardo dos Santos Lohner, em 2006, na FFLCH-USP, aliadas às ideias suscitadas pela pesquisa bibliográfica que fundamentou esta dissertação de mestrado.

⁹⁵ Ao reportar o episódio em que Nero faz o discurso fúnebre do imperador Cláudio, o historiador romano Tácito afirma que “esse discurso fora com muita arte composto por Sêneca, homem de sedutor engenho, *muito ao gosto daquela época*. [grifo meu]” (Tácito. *Anais*. Livros XIII, 3)

sofisticação da elocução; a alusão ao mito de Procne e Filomela simplesmente para evocar a imagem do rouxinol, denotando a erudição mitológica de cunho alexandrino já comentada anteriormente) etc. Além disso, o párodo *HF* é um bom exemplo de meta-teatralidade: momento no desenrolar da peça em que há ruptura da ilusão dramática e o espectador (ou então, o “ouvinte”, se se considerar válida a teoria de que as peças senequianas não foram compostas para encenação, mas sim para a declamação) é convidado a “interagir” com a peça, por meio do incitamento à reflexão sobre a vida. Nesse excerto, o elogio à natureza constitui uma áspera crítica à antinaturalidade da vida urbana, local dominado por extrema cupidez e avareza, uma aura viciosa em total dissonância com a ordem natural do Cosmos: desde os ciclos biológicos de nascimento e morte até os ciclos astronômicos, as evoluções planetárias, a harmonia do mundo supralunar, tudo constitui uma mostra da atuação da razão universal, conforme visto no segundo capítulo deste estudo introdutório.

Uma leitura mais aguda do texto senequiano permite perceber a abundância de referências intertextuais ligadas ao universo da literatura clássica latina, mais especificamente de Virgílio, Ovídio e Horácio; John Fitch⁹⁶ apresenta uma infinidade de indicações das referências intertextuais que o texto de Sêneca estabelece com esse poetas. A título de ilustração, porém, detenho-me na apresentação de uma sumária análise contrastiva entre algumas partes do primeiro coro de *Hércules furioso* com duas *Odes* de Horácio, transcritas⁹⁷ a seguir:

HORÁCIO, *Odes*, II, 3

Aequam memento rebus in arduis
seruare mentem, non secus in bonis
ab insolenti temperatam
laetitiam, moriture Delli,

seu maestus omni tempore uixeris 5
seu te in remoto gramine per dies
festos reclinatum bearis
interiore nota Falerni.

Lembra-te de, nas situações árduas,
conservar mente equilibrada; não menos nas boas,
apartada de excessiva
alegria, Délcio mortal,

se amargurado todo tempo tiveres vivido,
ou se numa relva afastada, em dias
de festa, reclinado, houveres te alegrado
com o selo, mais do fundo da adega, de um Falerno.

⁹⁶ Cf. FITCH, 1987, pp. 117-462.

⁹⁷ A tradução de ambos os poemas é de autoria de José Eduardo dos Santos Lohner.

Quo pinus ingens albaque populus
 umbram hospitem consociare amant 10
 ramis? Quid obliquo laborat
 lymphæ fugax trepidare riuo?

Para que o imenso pinheiro e o alvo choupo
 sua sombra hospitaleira amam juntar
 com os ramos? Por que se esforça a linfa
 fugaz em tremular num sinuoso regato?

Huc uina et unguenta et nimium breuis
 flores amoenæ ferre iube rosæ,
 dum res et ætas et Sororum
 filia trium patiuntur atra. 15

Para cá os vinhos e os unguentos e as demasiado breves,
 flores manda trazer, de uma suave roseira, enquanto tuas
 posses e tua idade e das três
 Irmãs os negros fios permitem.

Cedes coemptis saltibus et domo
 uillaque, flauus quam Tiberis lauit,
 cedes, et exstructis in altum
 diuitiis potietur heres. 20

Cederás os bosques comprados e a casa
 e a vila, que o fulvo Tíbre banha,
 cederás, e de tuas riquezas, até o alto acumuladas,
 um herdeiro tomará posse.

Diuesne prisco natus ab Inacho
 nil interest an pauper et infima
 de gente sub diuo moreris,
 uictima nil miserantis Orco;

Se rico, oriundo do antigo Ínaco,
 nada importa, ou, pobre e de ínfima
 gente, morres ao relento,
 vítima do Orco que de nada se apieda.

omnes eodem cogimur, omnium 25
 uersatur urna serius ocius
 sors exitura et nos in æternum
 exilium impositura cumbæ.

Todos ao mesmo lugar somos levados; de todos
 é agitada a sorte que, mais cedo ou mais tarde,
 da urna há de sair e, a nós, para o eterno
 exílio, há de nos pôr sobre a barca

A Ode II, 3 de Horácio constitui um belo exemplo da inegável ligação da poesia dramática senequiana com a tradição da lírica latina. Nessa *Ode*, a primeira estrofe se relaciona diretamente com a última, constituindo uma *estrutura mesódica*.⁹⁸ A segunda estrofe (alegre *versus* triste) relaciona-se com a penúltima (rico *versus* pobre); é interessante notar que, ao contrapor ricos e pobres, Horácio utiliza marcas de sutileza lexical, como por exemplo, o uso da preposição *ab*, própria língua culta, numa possível analogia ao universo da elite, e uso da preposição *de*, mais frequente na língua coloquial, em analogia ao universo dos pobres. A terceira estrofe relaciona-se com a quinta (abrigo e conforto/riqueza e abundância), sendo que a quarta estrofe é uma estrofe intermediária,

⁹⁸ Sobre a questão da estrutura mesódica nas odes de Horácio cf. BLANGER, G. “La composition mésodique et L’Ode d’Horace”, REL (1965), p. 262-272.

de exortação moral. Também neste poema há a presença do tom filosófico estoico, manifesto pelo elogio do *meio-termo* e do *desapego*. As similaridades entre esse poema e o párodo de *HF* podem ser verificadas não somente no tom (exortação estoica à parcimônia) e na elocução (escolha inteligente de um vocabulário requintado, por exemplo), como também na estrutura geral dos versos. A primeira ode coral de *HF*, que vai dos versos 125 a 204, possui uma estrutura idêntica (em duas seções) à da *Ode IV, 12* de Horácio: na primeira parte (vv. 125-158) há a presença de um *cenário bucólico* e na segunda parte (vv. 162-204) verifica-se um *cenário urbano*. No início da Ode coral verifica-se uma metáfora militar (os astros se recolhem como soldados sob ordens do comandante, a Noite; vv. 125-134). Essa metáfora está em consonância com o caráter e com as atividades de Hércules; os “astros vencidos”, como soldados, podem ser também compreendidos como uma sutil alusão à trágica derrota de Hércules na peça. Deve-se ressaltar também o uso análogo que Sêneca e Horácio fazem das metáforas. Na primeira parte do Coro observa-se a repetição de uma rotina natural e harmoniosa, ao passo que na segunda parte observa-se a repetição de uma rotina antinatural e agitada, como *exemplum* do *chiaroscuro* filosófico definido por Pratt, a oposição clara entre luz e sombra, virtude e vício, além da reflexão dominante sobre a brevidade da vida e a imprevisibilidade da Fortuna.

Uma outra Ode horaciana (IV, 12), transcrita logo abaixo, também permite o estabelecimento de analogias semelhantes às que foram expostas acima, entre a estrutura global do primeiro coro de *HF* e a Ode II, 3.

HORÁCIO, *Odes*, IV, 12

Iam ueris comites, quae mare temperant, impellunt animae linthea Thraciae, iam nec prata rigent, nec fluuii strepunt hiberna niue turgidi.		Já da primavera as companheiras que abrandam o mar, as aragens da Trácia, impelem as velas, já não estão rijos os prados nem os rios atroam, túrgidos da neve hibernal.
Nidum ponit, Ityn flebiliter gemens, infelix auis et Cecropiae domus aeternum obprobrium, quod male barbaras regurn est ultra libidines.	5	Põe seu ninho a ave infeliz, lastimando Ítis, em prantos, e da casa de Cécrope o eterno opróbrio, do qual, bárbaros prazeres de reis, ela mal se vingou.
Dicunt in tenero gramine pinguium custodes ouium carmina fistula	10	Sobre tenro gramado, guardiões de gordas ovelhas dizem seus poemas ao som da flauta

delectantque deum, cui pecus et nigri
colles Arcadiae placent.

e deleitam o deus a quem o gado e as negras
colinas da Arcádia aprazem.

Adduxere sitim tempora, Vergili;
sed pressum Calibus ducere Liberum
si gestis, iuuenum nobilium cliens,
nardo uina merebere.

15

Trouxeram-me sede esses tempos, Vergílio;
mas obter Líber extraído em Cales
se anseias, cliente de jovens nobres,
com nardo merecerás tais vinhos.

Nardi paruus onyx eliciet cadum,
qui nunc Sulpiciis accubat horreis,
spes donare nouas largus amaraque
curarum eluere efficax.

20

Pequeno ônix de nardo atrairá um tonel,
que nas adegas de Sulpício agora repousa,
largo em dar novas esperanças, e aos amargores
das inquietudes, eficaz em diluí-los.

Ad quae si properas gaudia, cum tua
uelox merce ueni; non ego te meis
immunem meditor tinguere poculis,
plena diues ut in domo.

Se te apressas a esses gozos, com tua
merce vem veloz: eu mesmo embeber-te
indene em meus copos não medito,
como um rico em casa farta.

Verum pone moras et studium lucri, 25
nigrorumque memor, dum licet, ignium
misce stultitiam consiliis breuem:
dulc est desipere in loco.

Porém, deixa de tardanças e anseio de lucro,
e lembrado, enquanto podes, das negras chamas,
mistura breve insânia a teus projetos:
é doce delirar quando é lícito.

A *Ode* IV, 12 de Horácio constitui um poema muito bem estruturado em duas seções: três estrofes iniciais (cenário grego), uma estrofe intermediária e três estrofes finais (exortação moral). Tal estrutura também é utilizada por Sêneca na composição de suas odes corais. No poema horaciano, o advérbio inicial indica a chegada da primavera na Trácia, região norte da Grécia. A expressão “ave infeliz” alude eruditamente ao mito de Procne, metamorfoseada em rouxinol. Nessas duas primeiras estrofes percebe-se o contraste entre a nota trágica mitológica e a luminosidade da primavera. Na terceira estrofe, evoca-se um cenário bucólico, com sutil alusão ao deus Pã e sua flauta. A quarta estrofe, uma estrofe intermediária, apresenta uma fala direta do eu lírico, fazendo um convite simposiástico a Vergílio (não se trata do célebre poeta, mas sim de um comerciante romano).

A disposição das palavras no poema obedecem a um simetria muito racional, exemplificado pelos versos 11 e 26, nos quais o adjetivo *nigrum* é posicionado

estrategicamente no fim e no início de cada verso, respectivamente. As colunas da Arcádia, representadas no verso 11, constituem a evocação de um cenário aprazível, contrastado com o cenário funesto evocado pela imagem da pira funerária, presente no verso 26: esse contraste — marcado pelo vínculo de uma palavra comum aos dois versos — define uma técnica de referência *intratextual*. Assim como na *Ode* II, 3, este poema horaciano está fundamentado na exortação ao meio-termo em tudo, tópica do pensamento filosófico estoico muito frequente em Horácio.

O cotejo dessa *Ode* com o primeiro coro de *HF* também permite perceber as patentes semelhanças entre a poesia de Horácio e de Sêneca. Do ponto de vista formal, pode-se ressaltar o uso análogo do advérbios “já” (*iam*) no párodo e na *Ode* horaciana, analogia que se estende também ao emprego da técnica de *referência intratextual*: nos versos senequianos, o vocábulo *reditura*, do verso 136 (*Phoebique fugit reditura soror*, “foge a irmã de Febo, que há de retornar”), reaparece contrastivamente no verso 176 (*tempora numquam reditura*, “momentos que nunca hão de retornar”). Além disso, o tom filosófico da *Ode* horaciana é bastante similar à do coro de Sêneca, sobretudo pela exortação ao *meio-termo* em tudo, tópica filosófica tão frequente em Horácio, e que adquire especial relevância nos dramas filosóficos senequianos.

Ao integrar as ideias fundamentais de cada um dos três capítulos constituintes deste estudo introdutório, por meio do discernimento mais agudo do real contexto do teatro de Sêneca, por meio da verificação de sua profunda natureza filosófica e, finalmente, vislumbrando a estruturação formal desse texto, inserido na tradição de composição retórico-poética latina, trascrevo, como encerramento desta introdução, algumas palavras de Sêneca encontradas na mesma epístola da qual foi retirada a citação contida na epígrafe desta dissertação: “nós devemos imitar as abelhas, discriminar os elementos colhidos nas diversas leituras (pois a memória conserva-os melhor assim discriminados), e depois, aplicando-lhes toda a atenção, todas as faculdades da nossa inteligência, transformar num produto de sabor individual todos os vários sucos colhidos de modo a que, mesmo quando é visível a fonte donde cada elemento provém, ainda assim resulte um produto diferente daquele onde se inspirou.” (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 84, 5). Tanto esse trecho, como o excerto transcrito como epígrafe sugerem muito vivamente que Lúcio Aneu Sêneca fez uso consciente de práticas coerentes com a sua filosofia para a composição de suas obras dramáticas, as quais, a despeito de juízos

depreciativos que já suscitaram (ou que porventura ainda possam suscitar), ainda assim constituem uma original unidade.



HÉRCULES FURIOSO

PERSONAGENS:

JUNO

ANFITRIÃO

MÉGARA

FILHOS DE HÉRCULES (EM SILÊNCIO)

LICO

HÉRCULES

TESEU

CORO

PRIMEIRO ATO

JUNO

Irmã do Tonante, — pois somente este nome me foi deixado — abandonei Júpiter, sempre ausente, e, despojada de meu marido, deixei as mais altas regiões do éter. Expulsa do céu, cedi meu lugar às concubinas. A terra deve ser habitada por mim: as concubinas ocupam o céu. [5]

Deste lado, na elevada região do polo glacial, a Ursa, altiva constelação, guia as frotas de Argos; aqui, por onde se prolonga o dia na fresca primavera, reluz aquele que por entre as ondas raptou Europa, a tília. [10] Ali, as Atlântides, vagando por todo lado, exibem seu bando temível para as embarcações e para o mar; Daqui, Órion, ameaçador, aterroriza os deuses com sua espada e Perseu, áureo, sustém suas estrelas. Ali, astros radiantes, cintilam os Gêmeos Tindáridas e aqueles por cujo nascimento firmou-se a terra outrora móvel. [15]

E não só o próprio Baco e sua mãe acessaram os súperos: para que nenhuma parte fique isenta de infâmia, o firmamento traz consigo a grinalda da jovem de Cnosso.

Mas lamento coisas antigas! [20] Quantas vezes Tebas, uma terra cruel e selvagem, repleta de sacrílegas moças, tomou-me por madrasta! É possível que Alcmena, vitoriosa, ascenda e obtenha meu lugar e que, da mesma forma, ocupe os astros que lhe foram prometidos, o filho para cujo nascimento o céu susteve o dia e Febo luziu tardio no mar do Oriente, tendo sido ordenado a manter o seu brilho imerso no Oceano [25] — nem assim cessará meu ódio! Que meu ânimo brutal produza intensas iras e, suprimida a paz, que meu pungente sofrimento gere guerras eternas!

Que tipo de guerras? [30] Tudo o que uma terra inimiga possa criar, tudo o que os céus e o mar produziram de terrível, cruel, pernicioso, atroz e selvagem foi abatido e dominado; com os males, Hércules se eleva e se engrandece. Ele se deleita com minha ira e transforma meu ódio em louvores a si! [35]

Ao dar-lhe ordens com toda crueldade, comprovei quem é seu pai e abri espaço à sua glória. Sua indômita virtude é cultuada desde onde o sol traz o dia até onde o depõe, dando cor aos dois povos etíopes com a proximidade de seu fulgor e em todo o mundo fala-se de Hércules como um deus. [40]

Já me faltam monstros; é mais fácil para Hércules executar minhas ordens do que para mim ordená-las; alegre ele acolhe meus comandos. Que feras, por pior que sejam, podem ser enviadas para prejudicar o impetuoso jovem? Com efeito, ele traz consigo como armas as mesmas que temeu e que derrotou: [45] vem armado com o leão e com a hidra. E as terras não são suficientemente extensas: eis que arrombou as portas do Jove infernal e retornou aos súperos com os esplêndidos despojos do rei derrotado. É pouco ter retornado; ele destruiu as leis das sombras. Dissipada a noite nos infernos [50] e subjogado Plutão, eu vi, eu mesma vi Hércules lançando ao pai os espólios do irmão. Por que ele não arrasta, acorrentado e esmagado por cadeias, o próprio deus que recebeu por sorte coisas equivalentes às de Júpiter e não se apossa do Érebo conquistado? Eis que ele descobre o Estige! [55] Do fundo dos manes foi aberta uma via de regresso e jazem manifestos os mistérios da terrível morte. Por outro lado, ele, feroz, tendo rompido o cárcere das sombras, triunfa de mim e com mão orgulhosa conduz o tenebroso cão pelas cidades argólicas.

[60] Eu vi o dia desabar com a visão de Cérbero e vi o sol apavorado; a mim também invadiu o tremor, e, vendo as três cabeças do monstro submetido, temi o que eu mesma havia ordenado.

Todavia, queixo-me excessivamente por coisas vãs: é com os céus que devo me preocupar, para que os reinos superiores não sejam ocupados por aquele que venceu os inferiores; ele roubará o cetro ao pai. [65] E não virá aos astros como Baco, por um caminho lento: ele buscará um caminho entre ruínas e desejará reinar em um mundo desolado. Ele se ensoberbece com a sua força provada e soube, carregando-o, [70] que o céu pode ser vencido por sua força; pôs a cabeça debaixo do mundo e esse trabalho de imenso peso não dobrou seus ombros; e o céu melhor se fixou no pescoço hercúleo. Sua cerviz imóvel suportou os astros e o céu, bem como a mim, que o comprimia: ele procura o caminho aos súperos.

Avança, minha ira, avança e reprime esse que planeja grandes coisas; [75] combate-o, dilacera-o com as tuas próprias mãos; por que confias a outrem tamanho ódio? Afastem-se as feras e que o próprio Euristeu, farto de dar ordens, descanse. Liberta os Titãs que ousaram violar o império de Júpiter. [80] Abre a caverna da montanha siciliana, e que a terra dórica, temerosa com o gigante derrubado, elimine as cabeças caídas do terrível monstro. Que a Lua sublime conceba outras feras. Mas Hércules venceu tudo isso. Acaso podes encontrar páreo para Alcides? Ninguém há, a não ser o próprio: pois então que ele mesmo faça a guerra contra si. [85] Apresentem-se as Eumênides, despertadas do mais profundo do Tártaro, espalhem o fogo de sua cabeleira de chamas e agitem o açoite de suas furiosas mãos de víboras.

Vai agora, soberbo, ataca a morada dos deuses, despreza as coisas humanas [90] Crês que já tivesses escapado do Estige e dos manes cruéis? Aqui te mostrarei os ínferos. Convocarei a deusa Discórdia, oculta em profunda escuridão, além do exílio dos perversos, a deusa guardada por uma caverna imensa de um rochedo oposto. [95] Do fundo do reino de Plutão, elevarei e arrancarei tudo o que restou: virá o Crime odioso e a Impiedade feroz banhando-se com seu próprio sangue; virá o Erro e a Loucura, sempre armada contra si — isso, seja isso empregado como agente de nossa dor! [100] Começai, servas de Plutão, agitai ligeiras o facho ardente; Megera conduza essa horrenda tropa de serpentes e, com luctífica mão, segure uma tocha colossal, acesa em uma pira. Fazei isto, buscai a vingança para o Estige violado. [105] Feri o peito de Hércules, que sua mente seja atormentada por um fogo mais violento que aquele que arde nas forjas do Etna. Para que Alcides possa seguir privado de seu espírito, agitado por grande furor, deves enlouquecer primeiro — ó Juno, por quê ainda não enlouqueceste? [110] Se planejo fazer

algo digno de uma madrasta, alterai primeiro a mim, a mim, irmãs, privando-me de minha mente.

Revertam-se os meus intentos: peço que ele, ao retornar, veja seus filhos incólumes e que retorne com mão forte! [115] Encontrei o dia em que a odiosa força de Hércules me sirva de auxílio. Ele me venceu: vença também a si, e, tendo retornado dos inferos, deseje perecer! Que tenha nascido de Júpiter, isso pode me ser útil. Permanecerei firme, e, para que sejam lançados com precisão, brandirei seus dardos com minhas mãos, guiarei as armas do louco, enfim, favorecerei o combatente Hércules. [120] Executado o crime, seja lícito que o pai admita no céu tais mãos!

É agora que minha guerra deve começar; já brilha o dia e Titã avulta na rosada aurora.

CORO

Já esparsas brilham as estrelas lânguidas no mundo que declina. [125][125bis] A noite, vencida, reduz os astros errantes com a luz que renasce; Lúcifer conduz a tropa resplandecente. [130] O signo glacial do elevado polo, a Ursa Maior de sete estrelas, chama a luz, tendo virado o leme. Titã, já erguido das águas azuladas, espreita acima do Eta. Derramado o dia, enrubescem os bosques já famosos pelas cadmeias bacantes, e foge a irmã de Febo, que há de retornar. [135]

O duro Labor se levanta, a todos inquietando e abrindo as casas. Dispersado o rebanho, um pastor escolhe o pasto em meio à gélida e branca geada [140]; um novilho solto, com a fronte ainda não rompida, brinca no prado aberto. As mães restauram seus úberes vazios. Um cabrito

atrevido anda errante na relva macia, ligeiro, em corrida incerta. [145] Pende estrídula no mais elevado ramo, a concubina trácia; entre os ninhos ruidosos anseia expor suas penas ao novo sol e em redor, uma turba confusa ressoa, atestando o dia com misto murmúrio. [150] O nauta, incerto da vida, confia ao ventos as velas, quando uma aura enfuna o frouxo tecido. [152][152bis]

Este, pendendo de rochedos corroídos, [155] prepara anzóis desguarnecidos, ou então, suspenso, contempla os prêmios ao repuxar de sua destra: sente o trêmulo peixe na linha. Tais coisas são para os que têm o tranquilo sossego de uma vida inocente e [160^a] uma casa feliz com o pouco que lhe pertence. [160^b-1^a]

Esperanças assustadoras erram pelas cidades [161^b-3^a] e também medos inquietantes. [163^b] Aquele, privado de sono, cultua as soberbas soleiras e as duras portas dos poderosos; [165] este outro acumula abundantes riquezas sem finalidade, boquiaberto com seus tesouros, [167^b] e ainda pobre em meio ao ouro acumulado; aquele, atônito e inchado por uma aura vazia, o elevam o favor do povo e o vulgo mais instável que as ondas; [170] este, vendendo raivosas querelas do fórum barulhento [173], aluga, desonesto, suas iras e palavras. [173bis]

A tranquilidade segura conhece a poucos, os quais, lembrados da velocidade do tempo [175] retêm momentos que nunca hão de retornar. Enquanto os fados permitem, vivei felizes! A vida se apressa em curso veloz e nos dias que voam é girada a roda do ano ligeiro. [180] As duras irmãs

realizam suas tarefas e não reconduzem para trás os seus fios. Já a descendência dos homens, incerta de si, é arrastada na direção dos fados. Por vontade própria buscamos as ondas estíguas [185] [num grande turbilhão, perturbadoras esperanças]. [162]

Excessivamente, ó Alcides, com peito forte, tu te apressas em visitar os tristes manes. As Parcas vêm no tempo certo; a ninguém é lícito negligenciar a ordem, a ninguém é lícito adiar o dia marcado; [190] a urna recebe os povos convocados. Que a um outro a glória leve para inúmeras terras e que a fama loquaz o louve por todas as cidades e o eleve, [194] semelhante aos céus e aos astros; [194bis] que outro vá, altivo, em um carro. A mim, que minha terra me proteja em um lar secreto e seguro. Aos indolentes vem a velhice com suas cãs e num lugar humilde se estabelece a riqueza exígua, [200] mas segura, de uma casa pequena. A virtude excessiva desaba profundamente.

— Mas eis que chega triste Mégara com os cabelos soltos, trazendo consigo um pequeno grupo e, vagaroso pela velhice, caminha o pai de Alcides.

SEGUNDO ATO

ANFITRIÃO. MÉGARA

ANFITRIÃO [205] Ó grande soberano do Olimpo e senhor do mundo, estabelece já um limite para tão grande sofrimento e um fim para esse flagelo. Nenhuma luz jamais brilhou segura para mim; o fim de um mal é o passo para outros males futuros. Tão logo meu filho retorna, um novo inimigo se prepara. [210] Antes mesmo de chegar à casa feliz, ele segue, sob ordens, a uma outra guerra; e nenhum descanso lhe resta, nenhum tempo livre, exceto enquanto recebe ordens. Desde o princípio, Juno obstinadamente o persegue, encarniçada. Acaso foi imune o seu tempo de infância? Venceu monstros antes mesmo [215] que pudesse tê-los reconhecido como tal. Serpentes cristadas de duas cabeças mostravam suas bocas gêmeas, em cuja direção se arrastava o indefeso menino, contemplando com olhar suave e tranquilo os ígneos olhos das serpentes; carregou os estreitos anéis com semblante sereno e, apertando as túmidas gargantas com suas mãos delicadas, exercitou-se para a Hidra. [220] A ligeira fera de Mênalo, ostentando sua cabeça ornada com abundante ouro, foi apanhada em seu curso; gemeu o Leão, máximo temor de Nemeia, esmagado pelos braços de Hércules. [225] Para que recordar os terríveis estábulos do povo bistônio e seu rei, dado como pasto aos rebanhos? E o hirsuto monstro do Mênalo, habitual nos densos cimos de Erimanto, acostumado a agitar os bosques arcádios? E o touro, medo não desprezível para uma centena de povos? [230] Entre os longínquos rebanhos das raças de Hespéria pereceu o triforme pastor do litoral tartéssio e sua presa foi impelida desde o mais remoto Ocidente. Citéron alimentou o gado, notório no Oceano. [235] Ordenado a adentrar as regiões do sol estival e os adustos reinos que o meio-dia abrasa, Hércules rompeu os montes, dos dois lados, e, quebrado o obstáculo, fez um largo caminho para o Oceano impetuoso. Depois disso, assaltou as casas dos bosques opulentos e arrebatou os espólios dourados da vigilante serpente. [240] Qual! Os cruéis monstros de Lerna — múltiplo mal — finalmente não os venceu com fogo e os instruiu a morrer? E as Estinfálides — habituadas a esconder o dia com suas asas abertas — não as buscou desde as próprias nuvens? [245] Não o venceu a

solitária rainha do povo do Termodonte, de leito sempre celibatário? E o trabalho do horrendo estábulo de Augeu não afugentou suas mãos, audaciosas para todo feito ilustre.

Que proveito tem essas coisas? Hércules carece de seu mundo protegido. As terras sentiram a ausência do autor de sua paz. [250] Próspero, feliz, novamente o crime é chamado de virtude; os bons obedecem aos malfeitores, a justiça está nas armas, o temor oprime as leis. Perante minha face, vi caírem, por truculenta mão, os filhos defensores do reino paterno [255] e vi ele mesmo — derradeira estirpe do nobre Cadmo — sucumbir. Vi o régio ornamento de sua cabeça arrancado juntamente com a cabeça. Quem choraria suficientemente por Tebas? Terra fértil em deuses, por qual senhor estremece? Terra de cujos campos e de cujo âmago fecundo [260] ergueu-se uma juventude nascida com rigorosa espada, e cujos muros construiu Anfíon, filho de Júpiter, arrastando as pedras com seu melodioso canto; uma terra a cuja cidade veio — não uma única vez — o pai dos deuses, abandonando o céu; essa cidade que recebeu os habitantes dos céus, [265] que os fez e — seja lícito dizê-lo — talvez os fará, agora é oprimida com sórdido jugo.

Ó descendência de Cadmo, raça de Ofíon, a que ponto decaístes! Tremes por um ignaro expatriado que carece de suas fronteiras, um fardo para nós. [270] Aquele que persegue crimes por terra e mar e que despedaça reinos cruéis com sua mão justa, agora ausente, é escravo, e suporta as mesmas coisas as quais impede de serem feitas: Lico, o exilado, ocupa a hercúlea Tebas. [275] Mas não a ocupará! Hércules estará por perto e exigirá castigos; das profundezas emergirá até os astros; encontrará um caminho ou o criará. Que tu estejas presente, salvo, e retournes aos teus, e por fim, venhas vitorioso à tua casa vencida!

MÉGARA. Emerge, meu esposo, e aniquila com as tuas mãos as dispersas trevas. Se não há caminho algum de volta, se a via foi fechada, [280] retorna pelo orbe fendido e traz contigo tudo aquilo que se oculta, possuído pela negra noite. Arruinados os montes, obtendo íngreme percurso para o rio veloz, tal qual o fizeste certa vez — com ímpeto imensurável [285] abriu-se o vale do Tempe: abalado com o teu peito, o monte ruiu para aqui e para lá e, rompido o dique, a torrente do tessálio rio correu por um novo caminho — assim também lança-te a buscar teus pais, teus filhos e tua pátria, trazendo contigo os termos das coisas; [290] restitui tudo o que o tempo ávido escondeu ao passo de tantos anos e conduze diante de ti os povos esquecidos de si e temerosos da luz. Os espólios são indignos de ti se trazes tão somente o que lhe foi ordenado; [295] todavia, falo

excessivamente de coisas grandiosas, desconhecendo a nossa sorte. Quando virá a mim o dia em que abraçarei a ti e a tua destra e lamentarei o teu demorado retorno sem recordações de mim?

A ti, condutor dos deuses, touros indômitos trarão uma centena de dorsos; [300] a ti, soberana das messes, oferecerei ritos secretos: a ti, com silente devoção, tácita Elêusis agitará grandes tochas; então, aos meus irmãos considerarei restituídas suas almas e saberei que viceja meu pai, governando seus reinos; mas se alguma potestade maior [305] te mantém recluso, a ti, Hércules, seguimos: ou tu defendes a todos com teu regresso, a salvo, ou a todos arrasta contigo — tu nos arrastarás e nenhum deus erguerá os quebrantados.

ANFITRIÃO. Ó companheira de meu sangue, com casta fidelidade preservas os filhos e o leito do magnânimo Hércules; [310] concebe coisas melhores em tua mente e aviva o teu ânimo! Hércules seguramente estará entre nós, ainda mais engrandecido, tal como costuma ficar logo depois de cada trabalho.

MÉGARA. Aquilo que os míseros muito desejam, nisso creem facilmente.

ANFITRIÃO. Muito ao contrário, aquilo que temem em demasia, julgam nunca poder mudar ou destruir. [315] A confiança no medo está sempre propensa ao pior.

MÉGARA. Afundado, sepultado e oprimido com todo o orbe por cima de si, que caminho Hércules tem aos súperos?

ANFITRIÃO. O mesmo caminho que tinha então, quando foi-se por ressequida plaga e por flutuantes areias, como que por agitado mar, [320] e pelo estreito que duas vezes se afasta e duas vezes retorna; quando, abandonado o navio, desprevenido deteve-se pelas breves vagas de Sirtes e, presa a popa, atravessou os mares a pé.

MÉGARA. Iníqua, a Fortuna raramente poupa as máximas virtudes. [325] Mesmo seguro, ninguém pode se expor, durante muito tempo, a perigos tão numerosos. Quem amiúde atravessa por desventuras, algum dia as encontra.

Mas eis que vem Lico, cruel e trazendo ameaças em sua fisionomia; e tal como em seu ânimo, assim também transparece em sua marcha, agitando o cetro alheio com sua destra. [330]

LICO. MÉGARA. ANFITRIÃO

LICO. Eis que governo as opulentas regiões de Tebas e tudo o que de solo fértil cinge a oblíqua Fócida; tudo o que o Ismeno rega, tudo o que Citéron vê de seu elevado cume [335], e o estreito Istmo que fende dois braços de mar]; indolente herdeiro, não possuo os vetustos direitos de uma casa paterna; não tenho nobres ancestrais, tampouco ínclita estirpe de altivos títulos; mas tenho preclara virtude! Quem se jacta de sua linhagem, louva coisas alheias; [340] porém, os cetros roubados são mantidos com trêmulas mãos. Toda salvação reside na espada: o que sabes que é teu, a rigorosa espada protege contra os cidadãos constrangidos. Um reino em lugar estrangeiro certamente não é estável; contudo, uma mulher pode consolidar meus poderes, [345] Mégara, a mim unida com o facho nupcial nos tálamos reais: minha obscura ancestralidade auferirá brilho à partir de sua ilustre linhagem. Certamente não creio que ela recusará ou desprezará meu leito de núpcias; porque, se ela o recusar, pertinaz, com orgulhoso coração, [350] fica determinado que destruirei completamente a casa de Hércules. O ódio ou a maledicência do povo deterá tal feito? A arte primeira de um reino é saber aturar o ódio.

Portanto, tentemos! A sorte nos concedeu a ocasião, pois a própria Mégara, com o triste disfarce de sua roupa, a cabeça velada, [355] está de pé junto ao deuses protetores e ao seu lado mantém-se o verdadeiro genitor do Alcida.

MÉGARA. Que novidades prepara este que é a ruína e o flagelo de nossa família? O que tenta?

LICO. Ó portadora de um ilustre nome, proveniente de régia estirpe; [360] indulgente, por um instante acolhe minhas palavras, com ouvido paciente. Se os mortais

sempre nutrissem ódios recíprocos e se o incipiente furor nunca se retirasse dos corações, se o feliz mantivesse as armas, e o infeliz as preparasse, nada faria cessar a guerra; [365] então, o campo estaria coberto por desoladas planícies, derrubada a tocha das casas, cinzas espessas cobririam os povos sepultados. Ao vencedor convém desejar que a paz seja restabelecida, ao vencido, isso é necessário. — Vem, toma parte em meu reino; associemos nossos corações; toma esta garantia de fidelidade: [370] toca a minha destra. Por que te calas, com semblante feroz?

MÉGARA. Como eu tocaria a mão salpicada com o sangue de meu pai e com o duplo massacre de meus irmãos? Antes disso, extinguir-se-á o oriente e o ocaso trará de volta o dia; paz leal haverá entre neves e chamas; [375] Cila juntará o flanco siciliano ao ausônio; e muito antes, com suas vicissitudes alternadas, o fugidio Euripo se aquietará, ocioso no mar de Eubeia.

Arrebataste meu pai, meus reinos, meus irmãos e meu lar pátrio — que mais há? Apenas uma coisa me resta [380] ainda mais cara que irmão e pai, reino ou lar: o ódio por ti, o qual lamento ser comum a mim e ao povo; quão pequena é minha parte nisso!

Domina enfatuado, leva contigo ares altivos: pelas costas, um deus vingador persegue os soberbos. [385]

Conheci os reinos tebanos: para que mencionar mães sofridas e inclinadas a crimes? Para que falar de uma dupla atrocidade e de um misto nome de cônjuge, filho e pai? Para que lembrar o duplo acampamento de irmãos? Para que evocar precisamente tantas piras funerárias? A soberba mãe tantálida jaz enrijecida em seu luto: [390] entristecida, a pedra chora no frígio Sípilo. Além disso, o próprio Cadmo, erguendo sua terrível cabeça cristada, tendo percorrido em fuga os reinos da Ilíria, deixou longas marcas de seu corpo arrastado. Tais exemplos te esperam. Governa como lhe apraz, [395] enquanto te chamam os fados habituais de nosso reino.

LICO. Vamos, raivosa, abandona essas palavras ferozes e aprende com o alcida a aturar as ordens dos reis. Eu — embora carregue cetros roubados em minha destra vencedora e governe tudo sem medo das leis as quais as armas vencem [400] — falarei um pouco em favor de minha causa. Em cruenta guerra pereceu teu pai? Pereceram teus irmãos? As armas não guardam limite. Não pode ser abrandada ou reprimida facilmente a ira de uma espada rigorosa. O sangue deleita as guerras; [405] todavia, agi eu por

ímproba cupidez e aquele agiu em prol de seu reino!? Busca-se o êxito da guerra, não a causa. Mas agora pereça toda memória. Já que o vencedor depôs suas armas, também ao vencido convém depor seus ódios. Não peço que, ajoelhada, [410] adores o soberano. Apenas isto é aprazível: que acolhas as tuas desgraças com grandeza de alma. És cônjuge digna de um rei: associemos nossos tálamos.

MÉGARA. Um gélido tremor percorre meus membros exangues. Que aberrações feriram meus ouvidos? Certamente não fiquei tão horrorizada quando, [415] violada a paz, o bélico fragor ressoou nos muros. Tudo suportei intrepidamente. Diante do tálamo estremeço: agora me vejo como escrava. Correntes oprimam meu corpo e prolongada fome estenda minha morte lenta: nenhuma outra força vença a minha fidelidade. [420] Morrerei tua, Alcides.

LICO. Um esposo submerso nos infernos produz tais ânimos?

MÉGARA. Ele atingiu os infernos para que possa alcançar os súperos.

LICO. O peso da imensa Terra o oprime.

MÉGARA. Não será oprimido por peso algum aquele que carregou o céu. [425]

LICO. Serás coagida!

MÉGARA. Quem pode ser coagido não sabe morrer.

LICO. Dirás que antes prepararei o presente real para os novos tálamos.

MÉGARA. Ou a tua morte ou a minha.

LICO. Morrerás, louca!

MÉGARA. Encontrarei meu esposo.

LICO. E a ti é preferível um servo do que meu cetro? [430]

MÉGARA. Quantos reis este “servo” entregou à morte!

LICO. Por que, então, ele serve a um rei e suporta um jugo?

MÉGARA. Suprime essas duras ordens: para que será a virtude?

LICO. Crês que a virtude pode ser exibida a feras e monstros?

MÉGARA. É próprio da virtude domar as coisas que inspiram pavor a todos.
[435]

LICO. As trevas do Tártaro oprimem os que perseguem coisas grandiosas.

MÉGARA. Não é suave o caminho da terra aos astros.

LICO. De que pai foi gerado esse que almeja as moradas dos deuses?

ANFITRIÃO. Cala-te, miseranda esposa do grandioso Hércules. É meu papel devolver ao alcida seu pai e sua estirpe verdadeira. [440] Depois de tantos feitos memoráveis do ingente varão e depois de ter pacificado com sua mão tudo aquilo que Titã vê ao nascer e ao se pôr; depois de tantos monstros completamente domados, depois de Flegra espargida com ímpio sangue e depois de deuses defendidos, [445] ainda não é evidente de que pai foi gerado? Mentimos que é Júpiter? Crê tu no ódio de Juno.

LICO. Por que profanas Júpiter? A raça mortal não pode ser atrelada ao céu.

ANFITRIÃO. Essa relação é comum a muitos deuses.

LICO. Acaso foram servos antes de se tornarem deuses? [450]

ANFITRIÃO. O pastor de Delos alimentou os rebanhos de Feras.

LICO. Mas não andou como um exilado errante por todas as regiões.

ANFITRIÃO. A quem deu à luz a mãe exilada em uma terra instável?

LICO. Porventura temeu Febo monstros ou feras selvagens?

ANFITRIÃO. Um dragão foi o primeiro a embeber as setas de Febo. [455]

LICO. Tu ignoras quão graves males o infante padeceu?

ANFITRIÃO. Expulso do útero de sua mãe por um raio, sem demora o menino postou-se próximo ao pai fulminante. Qual! Aquele que governa os astros, que agita as nuvens, quando menino não se escondeu na caverna de um rochedo corroído? [460] Nascimentos tão grandes têm seu preço de inquietação e nascer como um deus sempre custou muito.

LICO. Quem quer que tenha te parecido miserável, considere-o um homem.

ANFITRIÃO. Quem quer que tenha te parecido forte, negues que seja miserável.

LICO. Chamariamos “forte” aquele de cujos ombros penderam um leão, [465] feito de presente para uma moça, e uma clava; e cujo flanco pintado resplandeceu com uma veste sidônia? “Forte” chamariamos aquele cuja eriçada cabeleira esteve umedecida com nardo; aquele que movimentou suas notórias mãos ao som não viril de um tamborim, [470] cingindo sua frente feroz com bárbara mitra?

ANFITRIÃO. O delicado Baco não enrubesce por espargir sua vasta cabeleira, nem por vibrar o tirso com as mãos suaves, quando — com passo pouco vigoroso — arrasta seu vestido ornado com ouro estrangeiro. [475] Depois de muitos trabalhos, a virtude costuma sói relaxar.

LICO. Isso o comprova a casa do arruinado Êurito e o grupo de virgens opressas como se fossem gado; nenhuma Juno, nenhum Euristeu ordena tal coisa. Isso é obra do próprio Hércules.

ANFITRIÃO. Não tomaste conhecimento de tudo; [480] isto sim é obra do próprio Hércules: Érix fraturado por sua própria luva e junto a Érix o líbio Anteu; e os altares que, gotejantes pela imolação dos hóspedes, beberam com justiça o sangue de Busíris; isto é obra do próprio Hércules: o íntegro Cicno — imune a ferro ou ferida — [485] forçado a padecer a morte; e o não singular Gerião vencido por uma única mão. Estarás entre esses, que todavia não ultrajaram tálamos com estupro algum.

LICO. O que é lícito a Júpiter é lícito a um rei: deste uma esposa a Júpiter, darás também a um rei; [490] e tendo-te por mestre, tua nora aprenderá isto, que não é novidade: seguir um homem melhor, e com a aprovação do marido; mas se ela, pertinaz, recusar a se unir a mim em núpcias, mesmo assim obterei um nobre descendente da esposa coagida.

MÉGARA. Ó sombras de Creonte e penates de Lábdaco, [495] ó ímpios fachos nupciais de Édipo! Dai agora os fados costumeiros a nosso matrimônio. Agora, vinde agora, ó cruentas noras do rei do Egito, com as mãos impregnadas de abundante sangue. Falta uma Danaide ao cômputo: terminarei o crime nefando. [500]

LICO. Posto que recusas, obstinada, o nosso matrimônio e repeles um rei, saberás do que são capazes os cetros. Tu abraças os altares, mas nenhum deus te arrebatará de mim, nem mesmo se, demolido o orbe, o vencedor Alcides puder se transportar aos numes súperos. [505] Amontoai as árvores; ardam em chamas os templos sobre os seus suplicantes; ateadado o fogo, que uma única pira funerária consuma a esposa e toda a família.

ANFITRIÃO. Eu, o genitor do alcida, te peço este obséquio, pois me convém rogar: que eu caia primeiro. [510]

LICO. Quem ordena todos a pagar um castigo com a morte, não sabe ser tirano. Impõe coisas diferentes: impede o mísero de morrer, ordena o ditoso. Eu, enquanto a fogueira cresce com os lenhos a serem queimados, com sacrifício votivo honrarei o soberano dos mares. [515]

ANFITRIÃO. Ó suprema força dos numes, ó pai e senhor dos celestiais — com cujos dardos arremessados os humanos estremecem — detém a ímpia destra de um fero rei! Por que suplico aos deuses em vão? Onde quer que estejas, meu filho, ouve-me!

Por que desabam os templos, [520] agitados com súbito movimento? Por que ruge o solo? Um fragor infernal ressoou do mais fundo das profundezas. Fui ouvido! Sim, é o som do passo de Hércules!

CORO

Ó Fortuna, invejosa dos varões fortes, quão iníquos prêmios tu divides entres os homens bons! [525] “Reine Euristeu em fácil ócio; que o filho de Alcmena atormente, entre todas as guerras com monstros, suas mãos que já sustentaram o céu: que ele corte os múltiplos pescoços da serpente; enganadas as irmãs, que ele traga de volta as maçãs, [530] quando o dragão — preposto aos preciosos frutos — tiver entregue ao sonos suas mui vigilantes pálpebras.”

Ele adentrou as errantes casas da Cítia e os povos estrangeiros em suas moradas paternas; calcou as superfícies congeladas do oceano [535] e o tácito mar de mudos litorais. Ali, as duras superfícies carecem de ondas, e, por onde as naus estendessem suas velas enfunadas, uma senda é

trilhada por intonsos sármatas: instável pelas vicissitudes anuais, o ponto permanece imóvel, [540] propício agora a suportar uma nau, a suportar agora um cavaleiro. Ali, aquela que impera sobre as raças sem marido, unindo as ilhargas com um cinturão dourado, arrancou nobre despojo de seu corpo: não só o escudo, mas também os grilhões de seu nível peito, [545] contemplando de joelhos o vencedor.

Com que esperança foste enviado aos abismos infernais, e, audaz em trilhar vias sem retorno, viste os reinos da Prosérpina siciliana? Lá, nenhum Noto, nenhum Favônio [550] elevam os mares com túmidas ondas; lá, gêmea linhagem dos tindáridas, as estrelas não socorrem os navios receosos: um lânguido rio jaz em seu negro abismo e — quando a pálida Morte com seus dentes ávidos [555] levou aos manes inúmeras gerações — tantos povos atravessam-no com um único barqueiro.

Praza aos deuses que tu venças as cruéis leis do Estige e das Parcas as irreversíveis rocas! Aqui, o rei que impera sobre povos inúmeros [560] — quando atacavas com guerra a Pilos de Nestor — contigo entrelaçou as pestíferas mãos, ostentando sua lança com tríplice ponta; fugiu, atingido com insignificante ferida e, embora senhor da morte, deveras temeu morrer. [565]

Rompe o destino com tua mão: aos triste íferos esteja acessível a visão da luz, e que o inacessível umbral lhes conceda fáceis caminhos até os súperos. Orfeu pôde render os acerbos senhores das sombras com cantos e preces súplices, [570] enquanto retomava sua Eurídice. A arte que seduzira selvas, aves e pedras, que provocara

lentidão nos rios, e a cujo som se detiveram as feras, essa arte acalma os ínferos com vozes não costumeiras [575] e ressoa mais nitidamente nos lugares silenciosos. As Eumênides pranteiam a jovem trácia, pranteiam-na também os deuses infensos a lágrimas; e os juízes — que com fisionomia demasiado tétrica investigam crimes e derrubam antigos réus [580] — sentam-se a prantear Eurídice. Por fim, o árbitro da morte declara: “Fomos derrotados; escapa-te rumo aos súperos, mas dada uma condição: prossegue tu, como companheira, pelas costas de teu homem; e tu, Orfeu, não olha para trás, perante tua esposa, [585] até que o claro dia tenha exposto os deuses e até que esteja perto a passagem do espartano Ténaro.” O verdadeiro amor odeia demoras e não as suporta: enquanto se apressa em contemplar a dádiva, perdeu-a.

O reino que pôde ser vencido com poesia,
[590] tal reino poderá ser vencido com forças.

TERCEIRO ATO

HÉRCULES. ANFITRIÃO. MÉGARA (em silêncio). TESEU

HÉRCULES. Ó senhor da luz nutriz e glória do céu — que, percorrendo os alternados espaços num flamífero carro, mostras tua luminosa cabeça pelas terras alegres — dá-me, ó Febo, a tua vênua, [595] se teus olhos contemplaram algo ilícito: sob ordens expus à luz os arcanos do mundo. E tu, pai e senhor dos súperos, cobre tua visão com o raio oposto. E tu, que reges os mares com o segundo cetro, busca as ondas profundas. [600] Seja quem for que do alto observa as coisas terrenas, temendo ser conspurcado pela estranha forma, desvie o olhar e eleve o rosto aos céus, evitando estes portentos. A esta coisa nefanda, vejam-na somente dois: aquele que a trouxe e aquela que ordenou tal feito. Ao ódio de Juno, [605] as terras não são suficientemente extensas para meus sofrimentos e trabalhos: vi as coisas que são inacessíveis a todos, desconhecidas a Febo, cada um dos espaços obscuros que o polo inferior concedeu ao funesto Jove; e se me agradassem as terceiras regiões da partilha, eu poderia reinar. Venci o caos da noite eterna, [610] e algo mais funesto que a noite; venci os lúgubres deuses e o fados. Menosprezada a morte, retornei. Que outra coisa resta? Vi e expus os íferos. Se há algo mais, dá-me, Juno: já há muito tempo suportas minhas mãos inativas; que coisas ordenas que sejam vencidas? [615]

Mas por que uma tropa hostil ocupa os templos e o terror das armas bloqueia o sacro portal?

ANFITRIÃO. Porventura os desejos iludem meus olhos ou de fato aquele domador do mundo e glória da Grécia abandonou a silente morada com sombrias nuvens? [620] Aquele é meu filho? Meus membros paralisam-se de alegria. Ó, filho, certa porém tardia salvação de Tebas! Por acaso observo alguém elevado aos ares ou desfruto, iludido, uma sombra vã? És tu mesmo? Reconheço os músculos e os ombros e também a nobre mão em teu elevado tronco. [625]

HÉRCULES. Donde vem, meu pai, esse desalinho e minha esposa coberta por vestes lúgubres? Donde meus filhos cobertos de repugnante imundície? Qual desgraça oprime nossa casa?

ANFITRIÃO. Teu sogro pereceu, Lico apoderou-se dos reinos e procura levar teus filhos, teu pai e tua esposa à morte. [630]

HÉRCULES. Terra ingrata, ninguém vem em socorro da casa de Hércules? O mundo defendido viu tamanha atrocidade? Por que desperdiço o dia em queixumes? Seja imolada a vítima; que minha virtude leve esta nódoa e torne Lico o último adversário do alcida. [635] Sou impelido a beber o sangue inimigo.

Resiste, ó Teseu, para que nenhuma súbita força ataque. As guerras me requerem. Guarda o abraço para mais tarde, meu pai, guarda-o para mais tarde, minha esposa. Que Lico anuncie a Plutão que eu retornei!

TESEU. Ó rainha, [640] afasta de teus olhos a expressão lacrimosa; e tu, Anfitrião, uma vez salvo o teu filho, reprime as lágrimas que caem. Se conheço Hércules, Lico pagará a Creonte a punição devida. “Pagará” é demorado: paga; isso também é demorado: [já] pagou.

ANFITRIÃO. Deus, que tem o poder, favoreça o meu desejo e assista minhas fraquezas. [645]

Ó magnânimo companheiro de meu grande filho, revela o elenco de suas virtudes: quão longa é o caminho que conduz aos tristes manes; como suportou duros grilhões o cão do Tártaro.

TESEU. Tu me obrigas a recordar ações horrendas [650] mesmo para uma mente tranquila. A custo, ainda, há certeza da aura vital; turva-se a luz de meus olhos e minha vista enfraquecida apenas suporta o desabitado dia.

ANFITRIÃO. Vence, Teseu, por completo, tudo o que de pavor resta no fundo de teu peito e não te prives do melhor fruto de [655] teus trabalhos: o que foi duro de suportar é doce de se lembrar. Conta as horrendas desventuras.

TESEU. Invoco a todas as divindades do mundo e a ti, que um reino extenso dominas, e também a ti, a quem em vão procurou tua mãe por todo o mundo: [660] seja-me lícito revelar impunemente as leis ocultas e sepultadas pelas terras.

A terra espartana eleva uma célebre montanha, onde o Tênaro com densos bosques oprime o mar; aqui, a casa do odioso Plutão abre suas bocas e escancara-se um elevado rochedo; numa caverna imensa, abre-se um enorme abismo com suas gargantas colossais e um largo caminho se revela a todos os povos. Primeiramente, a via não principia cega pelas trevas; o tênue brilho da luz deixada pelas costas e o incerto fulgor do sol enfraquecido diminuem e [670] iludem a visão. Assim misturado à noite, o dia costuma apresentar sua luz, cedo ou tarde. Daí, estendem-se amplos espaços com regiões vazias, nas quais avança, imerso, todo o gênero humano; e caminhar não é trabalho: a própria via conduz para baixo. [675] Tal como a agitação do mar amiúde arrasta as embarcações contra a sua vontade, assim também os impelem o ar descendente e o ávido caos; e as sombras tenazes jamais consentem que seu passo volte para trás.

Dentro de um imenso golfo, o calmo Lete desliza com plácidas águas [680] e tira inquietações, e para que nunca esteja aberta a possibilidade de voltar, ele envolve sua grave correnteza com muitas curvas: tal como o errante Meandro brinca com ondas incertas, avança e detém-se em dúvida se busca a margem ou a fonte. [685] Jaz imóvel o horrível pântano do inerte Cocito; aqui, o abutre, lá geme a sinistra coruja e ressoa o triste presságio de uma infausta ave noturna. Negras folhagens se eriçam numa fronde sombria, onde o Sono indolente ocupa o sobranceiro teixo; [690] e a triste Fome jaz com sua apodrecida boca escancarada e o tardio Pudor esconde seu rosto culpado. Seguem o Medo e o Pavor, a Ruína e a Dor, rangendo os dentes; seguem o negro Luto e a trêmula Enfermidade e também as Guerras cingidas com ferro; escondida, no extremo, [695] a inerte Velhice auxilia o próprio passo com uma bengala.

ANFITRIÃO. Por acaso há em alguma parte terra fértil de Ceres ou Baco?

TESEU. Não germinam prados alegres com verde aparência, nem seara crescida se agita com lene Zéfiro; nenhum bosque tem ramos frutíferos; [700] a estéril vastidão do profundo solo é árida e a horrível terra jaz improdutiva, em eterno abandono — triste fim das coisas, confim do mundo. O ar imóvel permanece parado e a escura noite se assenta nesse mundo vagaroso; tudo é repugnante por sua tristeza, [705] e pior do que a própria morte é a região da morte.

ANFITRIÃO. Que dizes daquele que governa com um cetro as regiões sombrias? Posto em que trono dirige os leves povos?

TESEU. Há um lugar, num obscuro recesso do Tártaro, ao qual uma espessa caligem encerra com pesadas sombras; lá, de uma única fonte manam divergentes águas: uma, semelhante a um rio tranquilo (por esta juram os deuses), que com silenciosa corrente se encaminha ao sacro Estige; outra, feroz, se arrasta com enorme agitação e revolve as pedras com seu turbilhão, [715] o Aqueronte inacessível para ser atravessado novamente. O hostil palácio de Plutão é rodeado pelo duplo rio e sua imensa morada é coberta por um bosque sombrio. Lá, com vasta gruta, pendem os umbrais do tirano: este é o caminho para as sombras, esta é a porta do reino; ao redor dessa entrada, [720] jaz um campo no qual, sentado com soberba expressão, Plutão distribui as almas recém-chegadas. Funesta é a majestade do deus, torva a sua frente, que todavia traz consigo a imagem de seus irmãos e de sua linhagem tão grandiosa; o seu rosto é o rosto de Júpiter, mas do fulminante. Grande parte do terror desse reino [725] é o seu próprio senhor, a cujo aspecto teme tudo o que é temido.

ANFITRIÃO. É verdadeira a fama dos infernos, de que as leis tardias já são retribuídas e de que os malfeitores, esquecidos de seus crimes, recebem as devidas penas? Que é esse guia da verdade e árbitro da equidade? [730]

TESEU. Não há somente um inquisidor, estabelecido em alta sede, que reparte os tardios juízos aos réus inquietos: dirigem-se àquele foro Minos, de Cnosso; Radamanto, àquele; neste, ouve o sogro de Tétis. O que cada um fez, o mesmo padece; o crime retorna ao autor [735] e o criminoso é molestado por seu próprio exemplo. Vi cruentos comandantes serem encerrados no cárcere e as costas de impotente tirano

serem rasgadas por mão plebeia. Todo aquele que é poderoso com brandura e, senhor da vida, conserva suas mãos inofensivas, [740] todo aquele que, pacífico, rege um império não sanguinário e preserva vidas, tendo percorrido, por muito tempo, os longos espaços de uma existência vivificante, ou alcança os céus, ou, feliz, alcança as alegres regiões dos Campos Elíseos, como futuro juiz. Tu — sejas quem for — que governas, abstém-te do sangue humano: [745] teus crimes são avaliados com maior medida.

ANFITRIÃO. Um local específico mantém reclusos os culpados? E, conforme manifesta a fama, suplícios cruéis subjagam os ímpios com perpétuos grilhões?

TESEU. O retorcido Ixíon é arrastado por uma roda veloz; [750] uma grande pedra está assentada na cerviz de Sísifo; em meio a uma torrente, o velho com garganta ressequida persegue as ondas; a água banha o seu queixo, e quando lhe deu confiança, já tantas vezes enganado, a onda desaparece em sua boca; frutos desamparam a sua fome. [755] Tício oferece um eterno banquete a um pássaro. As Danaides incumbem-se de vasos ilusoriamente cheios. Vagam enlouquecidas as ímpias filhas de Cadmo. Uma ave insaciável aterroriza as mesas de Fineu.

ANFITRIÃO. Revela agora a célebre luta de meu filho. [760] De seu tio propício ele obtém um presente ou um espólio?

TESEU. Um lúgubre rochedo pende sobre as lentas águas, onde um estreito vagaroso se torna inerte, com as ondas paradas. Guarda este rio um velho medonho por seus modos e por sua aparência; esquelético, ele transporta os pávidos manes. [765] Pendelhe a barba desgrenhada, um nó aperta sua toga disforme. Reluzem côncavas as órbitas de seus olhos. Sendo ele próprio o barqueiro, com uma longa vara dirige sua barca. Aproximando da orla a popa livre de carga, ele torna a buscar as sombras. Alcides pede passagem; [770] tendo recuado a multidão, Caronte exclama sinistro: “Aonde vais, descarado? Detém o teu apressado passo!”. O filho de Alcmena não suportou mais delongas: com o próprio remo submete o coagido nauta e escala a popa. A barca, capaz de suportar multidões, [775] sucumbiu com um único homem. Ele se senta, e ficando mais pesada, a barca bebe o Lete pelos dois lados, com a lateral titubeante. Então, os monstros vencidos se agitam, os ferozes Centauros e os Lápitias excitados para a guerra

por conta de muito vinho; buscando as últimas curvas do pântano estígio, [780] mergulha sua fecunda cabeça, o trabalho de Lerna. Depois disso, surge a casa do avaro Plutão: aqui, amedronta as sombras o selvagem cão estígio, que guarda o reino agitando sua trina cabeça com grande som. Cobras lambem sua cabeça suja com sangue corrompido, [785] pelos de víboras se eriçam e uma longa serpente sibila em sua cauda retorcida. Sua ira é semelhante à sua forma: tão logo sente o movimento de pés, ergue as cabeleiras hirtas, com a serpente agitada e com a orelha levantada capta o som enviado, [790] habituado a sentir até as sombras. Assim que o nascido de Júpiter se deteve mais próximo ao antro, o cão, inseguro, sentou-se e ambos temeram. Eis que aterroriza os mudos lugares com seu grave latido; sibila a ameaçadora serpente por todas as suas espáduas. O fragor da horrenda voz [795] emitido por sua tripla boca apavora também as sombras felizes. Então, Hércules desata os feros rictos e põe diante de si a cabeça de Cleonas e se protege com o imenso escudo; trazendo uma grande clava em sua mão vitoriosa, [800] com incessantes golpes ele a brande, ora aqui, ora lá, e reitera as pancadas. Domado, o cão cessou as ameaças e abaixou, cansado, todas as cabeças e retirou-se por inteiro da caverna. Assustaram-se ambos os senhores, assentados em seu trono, e ordenaram que conduzissem o cão; [805] entregaram-me também, como presente, ao suplicante Alcides. Depois disso, afagando com sua mão os pesados pescoços do monstro, prendeu-os com o tecido adamantino. Esquecido de si, o sempre vigilante cão de guarda do reino sombrio abaixa, tímido, as suas orelhas e — tolerando ser arrastado, reconheceu o seu dono, obediente, com a boca submissa [810] — toca ambos os lados com sua cauda anguífera. Depois que chegou às bocas do Tênaros e o brilho da luz desconhecida atingiu seus olhos não habituados, o cão vencido recobrou os ânimos e, delirante, [815] sacudiu as imensas correntes. Quase arrebatou o vencedor e lhe arrastou, inclinado para trás, deslocando o seu passo. Nesse instante, Alcides volveu os olhos para minhas mãos; com as forças duplicadas, trouxemos ao orbe o cão, enlouquecendo de ira e tentando guerras inúteis. Assim que Cérbero viu o claro dia e contemplou os puros espaços do céu resplandecente, a noite surgiu e apresentou à terra suas luzes; o cão apertou seus olhos e repeliu o detestável dia, desviou o olhar para trás e atirou-se à terra com [825] toda a sua cerviz; então, escondeu as cabeças sob a sombra de Hércules.

Mas eis que vem uma multidão numerosa com alegre aclamação, trazendo o louro nas fronteiras e cantando merecidos louvores ao grandioso Hércules.

CORO

Nascido de parto prematuro, [830] Euristeu ordenara que penetrasse o fundo do mundo. Somente este faltava ao número dos trabalhos, espoliar o rei da terceira partilha. Ousaste adentrar os cegos acessos, por onde uma via conduz aos manes remotos, [835] triste e negra selva medonha, mas frequentada por imensa turba que nela se junta. Tal como um povo caminha pelas cidades, ávido, aos jogos de um novo teatro, tal como corre ao Tonante da Élide, [840] quando o quinto estio novamente convoca os ritos; tal como a turba — quando torna a crescer o tempo da longa noite, e a Libra justa, desejosa de sonos tranquilos, retém os carros de Febo — que frequenta o mistério de Ceres [845] e, deixadas as casas, os ligeiros iniciados de Atenas se apressam a celebrar a noite: assim a turba é impelida pelos campos silentes. Uma parte, vagarosa pela velhice, caminha triste e saciada pela longa vida; outra parte, ainda, de melhor idade, corre: virgens ainda não ligadas pelos tálamos e efebos com os cabelos ainda não consagrados, e o infante que há pouco aprendeu o nome da mãe. Somente a estes foi dado, para que temessem menos, [855] suavizar a noite com o fogo posto adiante. Os outros caminham tristes pelas escuras regiões.

Qual é o vosso ânimo, quando, removida a luz, cada um, triste, sente que sua cabeça está

sepultada pela terra? [860] Jazem o denso caos e as trevas horrendas, e a cor funesta da noite ou o ócio do mundo silente e as nuvens vazias. Que a velhice nos envie para lá tardiamente! Ninguém vai tarde a esse lugar, donde, [865] uma vez que foi, nunca pode retornar. O que ajuda apressar esse duro destino? Toda essa multidão que vaga por grandes terras irá aos manes e navegará até o inerte Cocito. Tudo cresce para ti, [870] não só o que o ocaso vê, mas também o orto; poupa os que virão: para ti, ó Morte, nos preparamos. É lícito que sejas preguiçosa: nós mesmos nos apressamos; a primeira hora que deu a vida a colhe.

Um dia feliz se aproxima de Tebas. Tocai reverentes os altares, sacrificai gordas vítimas; jovens mulheres misturadas a varões entoem coros solenes. Descansem, deposto o jugo, [880] os habitantes do campo fértil. Pelas mãos de Hércules há paz entre Aurora e Héspero e onde o sol, ocupando o meio, nega a sombra aos corpos; [885] todo solo que é banhado pelo extenso contorno de Tétis o trabalho de Alcides domou. Tendo atravessado os vaus do Tártaro, ele retornou dos inferos pacificados. [890] Já não resta temor algum: nada jaz além dos inferos.

— As eriçadas cabeleiras, ó tu que sacrificas, cobre-as com o dileto choupo.

QUARTO ATO

HÉRCULES. TESEU (em silêncio). ANFITRIÃO. MÉGARA. CORO.

HÉRCULES. Estatelado por minha destra vingadora, [895] com a face contra a terra caiu Lico; ademais, quem quer que tenha sido companheiro do tirano tombou, companheiro também de seu castigo. Agora, vencedor, oferecerei sacrifícios a meu pai e aos súperos e honrarei os merecedores altares com vítimas imoladas.

A ti, companheira e ajudante de meus trabalhos, a ti invoco, [900] ó belígera Palas, em cuja esquerda tua égide profere ameaças ferozes com sua boca petrificante. Esteja presente o vencedor de Licurgo e do rubro mar, portando sua lança coberta com o tirso verdejante; e os numes gêmeos, Febo e a irmã de Febo [905] (a irmã é mais apta para as setas; Febo, para a lira) e todo irmão meu que habita o céu, irmão que não venha de minha madrastra. Trazei para cá opimos rebanhos; tudo o que se corta dos campos da Índia, tudo o que os árabes colhem de árvores odoríferas [910] amontoai nos altares, transborde o vapor da gordura. Que a árvore do choupo enfeite meus cabelos. A ti, Teseu, cubra um ramo de oliveira, com a folhagem da tua nação. Minha mão ao Tonante adorará, e tu, aos fundadores da cidade e às grutas silvestres [915] do selvagem Zeto; cultues Dirce, de nobre água, e o Lar tírio, de rei estrangeiro — entregai o incenso às chamas.

ANFITRIÃO. Filho, primeiro purifica as tuas mãos, gotejantes pela sangrenta e hostil matança.

HÉRCULES. Oxalá que eu pudesse fazer libação aos deuses com o sangue da odiosa cabeça! [920] Nenhum líquido mais aprazível teria banhado os altares; nenhuma outra vítima mais ilustre e mais opulenta do que um rei iníquo pode ser imolada a Júpiter.

ANFITRIÃO. Pede que teu pai ponha um fim aos teus trabalhos, e que finalmente seja concedido o ócio e o descanso aos fatigados.

HÉRCULES. Eu mesmo conceberei preces dignas de Júpiter e de mim. Permaneçam em seu lugar o céu, a terra e o mar; que os astros eternos percorram cursos desimpedidos; profunda paz alimente os povos; que o trabalho de inofensivo campo retenha todo ferro: [930] ocultem-se as espadas. Nenhuma tempestade violenta perturbe o mar; nenhum raio seja lançado pelo irado Júpiter; nenhuma torrente, alimentada pela neve do inverno, arraste os campos arruinados. Cessem os venenos, nenhuma erva pernicioso [935] se intumesça com suco letal. Não reinem tiranos cruéis ou violentos; se a terra ainda há de trazer algum crime, que se apresse, e se prepara algum monstro, que seja meu!

— Mas o que é isto? As trevas encobriram o meio-dia. Febo caminha com o rosto obscuro, [940] sem nuvem. Quem afugenta o dia para trás e o impele ao orto? Donde uma noite ignota exhibe sua negra cabeça? Donde tantas estrelas diurnas enchem o céu? Eis aqui o meu primeiro trabalho: o Leão refulge em parte não mínima do céu, [945] ferve de ira por inteiro e prepara o ataque. Logo arrebatará algum astro: está ameaçador com sua ingente boca, e expele chamas e brilha, com sua cerviz agitando a juba; tudo o que o grave outono e o frio inverno trazem de volta no gélido espaço, [950] tudo com único ímpeto ele ultrapassará e também atacará e quebrará o pescoço do Touro primaveril.

ANFITRIÃO. Que súbito mal é esse? Aonde, meu filho, diriges acerbos olhares, aqui e acolá? Com perturbada visão vês um falso céu?

HÉRCULES. A terra foi completamente subjugada, cessaram as túmidas águas, [955] os reinos infernais sentiram meu ímpeto; o céu está imune, digno trabalho do alcida. Aos altos espaços do mundo, sublime seja eu elevado, seja alcançado o éter; meu pai me promete os astros. O que? Se ele negaria? A terra não aprisiona Hércules [960] e finalmente o devolve aos súperos. Além disso, eis que toda a assembleia dos deuses me chama e abre suas portas, opondo-se apenas uma. Tu me recebes e abres o céu? Ou arrasto a entrada do mundo contumaz? Ainda duvidas? Desatarei os grilhões de Saturno e, [965] contra o reino de um pai ímpio, soltarei, insolente, meu avô. Preparem guerras os

Titãs delirantes, tendo-me por chefe. Rochedos com selvas transporte e arrebate montes cheios de Centauros. Com montes duplicados prepare já um caminho aos súperos. [970] Que, sob o Ossa, Quíron veja o seu Pélion; posto como terceiro degrau, o Olimpo chegará ao céu ou a ele será arremessado.

ANFITRIÃO. Afasta para longe tais sentimentos abomináveis! De teu peito pouco são, porém grande, reprime o ímpeto demente. [975]

HÉRCULES. O que é isto? Os Gigantes pestíferos agitam suas armas. Tício escapou das sombras e, trazendo o peito lacerado e inane, quão próximo ao céu ele se posicionou! Citéron se abala, a elevada Palene estremece e murcham as belezas do Tempe. Este arrebatou os cimos do Pindo, [980] aquele arrebatou o Eta; Mimante se enfurece horrendamente. Flamífera Erínis ressoa com seu agitado azorrague e estende perante minha face, mais perto e mais perto, estacas queimadas em piras funerárias. A furiosa Tisífone — a cabeça armada com serpentes — depois de ter sido raptado o cão, [985] fechou a porta vacante com a tocha oposta.

— Mas eis que se esconde a prole do rei inimigo, a descendência nefanda de Lico. Ao odioso pai esta destra já vos devolverá. Que o arco arremesse leves flechas: assim convém serem lançados os dardos de Hércules. [990]

ANFITRIÃO. Aonde se arrojou o cego furor? Ele flexionou o vasto arco, com as extremidades pressionadas, e soltou a aljava; ressoa estrídula a flecha lançada com ímpeto. No meio do pescoço cravou-se a seta, deixando uma ferida.

HÉRCULES. Destruirei as prole restante [995] e todos os seus esconderijos. Por que me demoro? Resta-me uma guerra maior em Micenas, para que desmoronem seus rochedos de Ciclopes, arruinados por minhas mãos. Para aqui e para lá vá a sua porta, derrubado o ferrolho e rompam-se os umbrais. Empurrado, desabe o cimo do batentes. [1000] Transparece todo o palácio real: vejo aqui escondido um filho do pai celerado.

ANFITRIÃO. Eis que, estendendo as delicadas mãos aos joelhos, roga com voz miseranda. Que crime nefando, triste e horrendo por seu aspecto: com sua destra Hércules arrebatou o suplicante e, girando-o diversas vezes, [1005] arremessou-o,

delirando. Sua cabeça, todavia, ressoou: os tetos impregnaram-se com o cérebro disperso. Por outro lado, mísera, protegendo em seu seio o pequeno filho, Mégara foge do esconderijo semelhante a uma louca.

HÉRCULES. Ainda que te escondas, fugitiva, no seio do Tonante, [1010] esta destra te buscará onde quer que seja e te trará.

ANFITRIÃO. Aonde vais, mísera? Que fuga ou esconderijo buscas? Com Hércules por inimigo, não existe local de salvação. Antes, tenta abraçá-lo e acalmá-lo com branda súplica.

MÉGARA. Pára agora, meu esposo, eu te suplico, [1015] reconhece Mégara! Este filho reproduz teus traços e teus modos. Percebes como ele estende suas mãos?

HÉRCULES. Observo minha madrasta. Segue-me, recebe o castigo, e liberta do torpe jugo o oprimido Júpiter; porém, antes da mãe, pereça este pequenino monstro. [1020]

ANFITRIÃO. Aonde vais, demente? Derramarás teu próprio sangue? Apavorada pelo ígneo semblante do pai, a criança perece antes do golpe: o medo arrebatou-lhe o espírito. Na esposa, agora, é lançada a pesada clava: quebrou-lhe por completo os ossos, ao corpo mutilado falta a cabeça, [1025] que não está em nenhuma parte. (*dirigindo-se a si mesmo*) — Ousas contemplar tal coisa, ó velhice tão duradoura? Se o luto aborrece, tens a morte preparada. (*dirigindo-se a Hércules*) — Crava os dardos em meu peito, ou melhor, a ele volta essa estaca impregnada com o sangue dos monstros; aniquila este pai falso e indigno de teu nome, [1030] para que não seja importuno à tua glória.

CORO. Para que, ancião, a ti próprio ofereces ao encontro da morte? Aonde vais, demente? Foge e, escondido bem longe, furta esse único crime às mãos de Hércules.

HÉRCULES. Está bem: foi destruída a casa do aviltante rei. [1035] Sacrifiquei esta grei consagrada a ti, ó esposa do maioral Júpiter; com gosto cumpri estes votos dignos de ti e Argos dará a ti outras vítimas.

ANFITRIÃO. Ainda não completaste a imolação, meu filho: consuma o sacrifício. Eis aqui a vítima no altar, ela espera a tua mão [1040] com a cerviz inclinada; ofereço-me, apresento-me, sigo: mata! — O que é isto? Falha a acuidade de meus olhos e a mágoa embota minha visão ou de fato vejo as mãos trementes de Hércules? Seu rosto cai em sono e o pescoço desaba, fatigado, com a cabeça baixa. [1045] Com o joelho flexionado, ele todo já desaba à terra, como o freixo caído nos bosques ou então como o molhe que dará um porto ao mar. Vives ou porventura te entregou ao falecimento o mesmo delírio que envio os teus à morte? É um sono profundo: um movimento produz alternadas respirações. [1050] Seja concedido o tempo de repouso, para que a força vencida da enfermidade alivie, com sono pesado, o seu peito oprimido. — Removei os dardos, fâmulos, para que não os retome o delirante.

CORO

Estejam enlutados o céu [1054] e o grande pai do alto éter, [1054bis] e a terra fértil e as ondas errantes do mar inconstante, e, antes de todos, tu, [1057] que pelas terras e pelos espaços do mar [1057bis] dispersas teus raios e a noite afugentas com teu rosto formoso, ó feroso Titã; [1060] contigo, [1060bis] Alcides igualmente viu o ocaso e o orto e conheceu as tuas duas moradas.

Livrai o seu espírito de tantos monstros, ó súperos, livrai-o; [1064] tornai reta a sua mente, em melhor estado. [1064bis]

E tu, ó Sono domador de males, repouso da alma, melhor parte da vida humana, ó volátil descendente de astrífera mãe, lânguido irmão da dura Morte, que misturas coisas falsas com verdadeiras, [1070] certo e igualmente péssimo autor do futuro, paz das coisas, porto da vida, descanso da luz e companheiro da noite, que vens igualmente ao rei e ao fâmulos, que ao gênero humano, temeroso da morte, [1075] obrigas a conhecer a longa noite: calmo e suave, acolhe o cansado e com pesado torpor retém o subjugado; que o sono profundo detenha seus indômitos membros e não abandone o torvo peito [1080] antes que sua mente de outrora recupere seu curso.

Eis que, estendido no solo, revolve sonhos violentos em seu feroz coração — ainda não foi superada a desgraça de tão grande mal — e, habituado a entregar sua cabeça cansada [1085bis] à pesada clava [1085], busca esse peso na destra vazia, agitando os braços em um movimento vão, e até agora não expulsou todas as suas perturbações; mas — como uma onda agitada por ingente Noto conserva longos tumultos [1090] e se incha, já cessado o vento — assim Hércules conserva suas perturbações. Repele os insanos turbilhões da alma! Retornem ao varão a piedade e a virtude! Ou, de preferência, seja excitada a sua mente por desvairado movimento: [1095] que o cego erro vá por onde começou. Agora, só o delírio pode te garantir como inocente; [1098] a sorte mais próxima das mãos puras [1098bis] é desconhecer o crime.

Agora, ressoe o peito percutido pelas mãos de Hércules. [1101] Aos braços acostumados a

carregar o mundo, [1101bis] firmam os açoites com mão vingadora. Que o éter escute os grandes gemidos, escutem-nos a rainha do polo sombrio e aquele, feroz, [1105] que traz seus pescoços presos com grandes correntes, Cérbero, que jaz oculto em seu antro profundo, escute-os também o ar [1110] (que melhor sentira, todavia, os teus dardos!). Peitos dominados por tamanhos males não deverão ser feridos por um golpe leve. Com um só pranto ressoem os três reinos!

E tu, ornato e arma durante tanto tempo suspenso em seu pescoço, ó flecha vigorosa, e tu, pesada aljava, [1117] lançaí cruéis açoites no dorso feroz. [1117bis] Carvalhos abatam os fortes ombros e um tronco potente oprima seu peito com duros nós. [1120] Que as armas lamentem tão grandes dores!

Vós, que não fostes companheiros da glória paterna, que a reis cruéis vingastes com a desgraça, que não fostes ensinados a exercitar os membros [1125] no ginásio argivo — fortes na luta, fortes na mão [1125bis] — agora, porém, ousastes brandir o leve dardo da aljava cita, lançado com mão certa, e transpassar todos os cervos em sua fuga, mas não o dorso da fera cabeluda. [1130]

Ide aos portos estígios, ó sombras, ide, ó inocentes, a quem — no primeiro limiar da vida — o crime e o delírio do pai destruiu: ide, ó meninos, infausta descendência, [1135] pelo triste caminho do notório trabalho. Ide, visitai os reis irados.

QUINTO ATO

HÉRCULES. ANFITRIÃO. TESEU.

HÉRCULES. Que lugar é este? Que região, que território do mundo? Onde estou? Sob o nascer do Sol ou sob o ponto da Ursa glacial? Porventura a terra mais remota do mar da Hespéria [1140] confere este limite ao Oceano? Que ares respiro? Que solo jaz sob este homem cansado? Certamente regressei. Donde vejo corpos ensanguentados, deitados numa casa? Acaso minha mente ainda não se livrou das imagens infernais? Também depois de retornado [1145] uma turba funesta vaga em torno de meu olhos? Envergonha-me confessá-lo: tenho medo; ignoro, ignoro que grande mal pressagia meu espírito. Onde estás, meu pai? Onde está aquela esposa orgulhosa de sua prole? Por que meu lado esquerdo está livre [1150] do espólio do Leão? Para onde foi meu escudo e também o suave leito para o sono hercúleo? Onde estão os dardos? Onde está o arco? Estando eu vivo, quem pôde me tirar as armas? Quem me tomou tantos despojos e quem não se atemorizou com o próprio sono de Hércules? [1155] Agradaria-me ver o meu vencedor, agradaria-me. — Levanta-te, virtude! A quem, novo, abandonado o céu, o pai gerou, em cujo parto a noite foi mais longa que a minha?

— Que crime contemplo? Meus filhos jazem mortos por cruento massacre, [1160] jaz perecida minha esposa. Que Lico ocupa meu reino? Retornado Hércules, quem ousou tramar tamanhos crimes em Tebas? Sejas quem for que habitas as regiões do Ismeno, que cultivas os campos da Ática, que habitas os reinos do Pélops dardânio, tocadas por um duplo mar: [1165] socorre-me, indica o autor desta cruel calamidade. Desabe minha ira sobre todos: o inimigo e quem não me mostra o inimigo. Vencedor do alcida, te escondes? Aparece, quer tu reivindiques os ferozes corcéis do sanguinário trácio, quer reivindiques o gado de Gerião [1170] ou os senhores da Líbia; não deve haver demora para lutar. Eis me aqui, desnudo; ou se o queres, é lícito que com minhas armas me ataques inerme.

Por que Teseu e meu pai evitam meus olhares? Por que escondem seus rostos? Dispersai o choro; quem a todos os meus, simultaneamente, entregou à morte? [1175] Dize. Por que te calas, meu pai? Ao menos tu, ó Teseu, revela! Por tua fidelidade, Teseu. Ambos cobrem, tácitos, os rostos pudicos e furtivamente derramam lágrimas. Em meio a tamanhas desgraças, o que deve causar vergonha? Por acaso o tirânico soberano [1180] da cidade argiva, por acaso o encarniçado exército do perecido Lico nos aniquilou com tão grande flagelo? Pelo mérito de minhas façanhas, rogo-te, meu pai, e pelo poder do teu nome, sempre favorável a mim: fala! Quem abateu minha casa? [1185] Caí como presa de quem?

ANFITRIÃO. Silenciosos, assim vão-se os males.

HÉRCULES. Para que eu fique sem vingança?

ANFITRIÃO. A vendeta amiúde prejudica.

HÉRCULES. Algum covarde tolerou tamanhos males?

ANFITRIÃO. Aquele que temeu males maiores.

HÉRCULES. Pode-se temer algo ainda maior e mais pesado que isto, meu pai?
[1190]

ANFITRIÃO. Quão pequena é essa parte da tua desgraça de que tomaste conhecimento!

HÉRCULES. Compadece-te de mim, meu pai, estendo-te minhas mãos súplicas. Que é isto? Minha mão recua. Aqui erra o crime. Onde este sangue? Por que aquela flecha embebida com a morte de um menino. Está tingida pela morte de Lerna. [1195] Agora vejo os meus dardos. Não procuro conhecer a mão. Quem pôde flexionar meu arco ou que destra pôde curvar a corda que cede apenas a mim? Volto-me a ti, meu pai: este crime é meu? Calaram-se. O crime é meu.

ANFITRIÃO. Este luto é teu, [1200] o crime é de tua madrasta; esta desgraça carece de culpa.

HÉRCULES. Agora, desde toda parte, meu pai, troveja irado: esquecido de mim, vinga pelo menos os teus netos, com mão tardia. Ressoe o firmamento estrelado e que lancem chamas este e aquele polo. [1205] Rochas do Cáspio e ávido pássaro arrastem meu corpo amarrado. Por que estão vazios os rochedos de Prometeu? Por que esta vazio, com seu vértice imenso, o escarpado flanco do Cáucaso, alimentando feras e aves, desnudo de bosques? Aquelas Simplégadas, [1210] que reduzem o mar da Cítia, distendam minhas mãos no alto mar, de um lado e de outro; e quando, chegada a vez, as pedras se juntarem, elevem ao céu o mar que está no meio delas, agitados os rochedos de uma parte a outra, que eu fique como turbulento obstáculo desses montes. [1215] Amontoados os lenhos, empilhado o material acumulado, por que não queimo o meu corpo, espargido com ímpio sangue? Assim, assim deve ser feito: devolverei Hércules aos inferos.

ANFITRIÃO. Ainda não privado de assombrosa perturbação, seu peito deslocou as iras, e, o que é próprio da loucura, [1220] enraiveceu-se contra si próprio.

HÉRCULES. Sinistras regiões das Fúrias, cárcere dos inferos e plaga destinada à turba nociva! Se algum exílio se esconde além do Érebo, desconhecido para Cérbero e para mim, oculta-me nesse lugar, ó Terra; ao extremo confim do Tártaro [1225] irei para ficar.

Ó peito excessivamente cruel! Espalhados por toda a casa, ó filhos, quem vos poderá prantear dignamente? Este rosto, embrutecido pelos males, não sabe chorar. Dai-me cá o arco, dai-me cá as setas, para cá dai-me a grande clava. [1230] A ti quebrarei meus dardos, a ti, meu filho, arrebutarei meu arco; minha pesada clave, porém, queimarei para as tuas sombras; a própria aljava, repleta com os dardos de Lerna, irá às tuas piras — sejam punidas as minhas armas. Também vos queimarei, [1235] ó mãos de madrasta, desgraçadas por meus dardos

ANFITRIÃO. Quem, em algum lugar, acrescentou o nome de crime a um erro?

HÉRCULES. Muitas vezes um imenso erro ocupou o lugar de um crime.

ANFITRIÃO. Agora é necessário um Hércules: suporta esta imensidão de males.

Hércules. Assim não cedeu meu pudor, extinto pela loucura, [1240] de modo que eu afugente todos os povos com meu ímpio aspecto. Minhas armas, minhas armas, Teseu, exijo que me sejam restituídas depressa as coisas que haviam sido retiradas. Se minha mente está sã, devolvi os dardos às minhas mãos; se permanece a loucura, meu pai, afasta-te: que eu encontre o caminho da morte. [1245]

ANFITRIÃO. Pelos sagrados ritos de minha família, pelo direito de ambos os meus nomes, quer me chames de tutor, quer de pai; pelos meus cabelos brancos honrados pelos piedosos, respeita a minha velhice desamparada e os meus fatigados anos, eu te suplico. Único sustentáculo de uma casa arruinada, [1250] única luz a um afligido por calamidades, preserva-te a ti mesmo. Fruto algum dos teus trabalhos me alcançou; sempre temi o dúbio mar ou os monstros; qualquer rei cruel que enlouqueça, em todo o mundo, fazendo o mal com suas mãos ou altares, [1255] é temido por mim; pai de alguém sempre ausente, reclamo a fruição de ti, o teu toque, a visão de ti.

HÉRCULES. Não há razão alguma para que eu detenha minha alma nesta luz e me demore por mais tempo. Já perdi todos os meus bens: mente, armas, fama, esposa, filhos, mãos [1260] e até mesmo a loucura. Ninguém poderia tratar um espírito corrompido; meu crime deve ser sanado com a morte.

ANFITRIÃO. Estás a destruir teu pai.

HÉRCULES. Para que não possa fazê-lo, pereço.

ANFITRIÃO. Perante teu genitor?

HÉRCULES. Ensinei-lhe a contemplar um crime nefando.

ANFITRIÃO. De preferência considerando os feitos que serão rememorados por todos, [1265] pede perdão por teu único crime.

HÉRCULES. Concederá o perdão a si próprio, aquele que a ninguém o concedeu? Os feitos que serão louvados, executei-os ordenado: este único é meu. Socorre-me, meu genitor; quer te mova a piedade, quer o triste fado ou o violado decoro de minha virtude, [1270] traze-me as armas. Por minha destra seja vencida a Fortuna.

TESEU. Por certo as preces paternas são bastante eficazes, mas comove-te também com o meu pranto. Levanta-te e aniquila as adversidades com o teu ímpeto costumeiro. Agora, recobra o teu ânimo sem igual [1275] perante nenhum mal; agora, a grande virtude deve ser desempenhada por ti; impede Hércules de irar-se.

HÉRCULES. Se vivo, cometi crimes; se morro, suportei-os. Apresso-me a purificar as terras. Há muito tempo me ronda um monstro ímpio e cruel, acerbo e feroz: [1280] vai, minha destra, tenta empreender uma obra ingente, maior que teus doze trabalhos. Covarde, protelas? Ainda há pouco eras forte contra meninos e pávidas mães? Se não me forem entregues as armas, derrubarei toda a elevada floresta do Pindo trácio [1285] e comigo queimarei os bosques sagrados de Baco e os cimos de Citéron ou todos os abrigos, com seus domésticos e senhores; os templos tebanos com todos os deuses suportarei sobre o meu corpo e ficarei sepultado na cidade destruída; [1290] e se as muralhas caírem sobre os meus fortes ombros, arrojadas como leve peso, e se, enterrado pelas sete portas, eu não for esmagado o bastante, o peso no qual meia parte do mundo se assenta e o qual divide os súperos, isso entornarei sobre minha cabeça.

ANFITRIÃO. Devolvo-te as armas.

HÉRCULES. É uma fala digna do genitor de Hércules. [1295] Eis que neste lugar o menino caiu morto por um dardo.

ANFITRIÃO. Juno atirou este dardo por meio de tuas mãos.

HÉRCULES. Que agora eu o utilize.

ANFITRIÃO. Eis o quão mísero meu coração palpita pelo medo e, ansioso, fere meu peito.

HÉRCULES. A flecha está preparada.

ANFITRIÃO. Eis que agora cometerás um crime, [1300] voluntariamente e estando consciente.

HÉRCULES. Dize, o que ordenas que seja feito?

Anfitrião. Nada peço; minha dor está em segurança: só tu podes preservar o meu filho; nem tu podes arrebatá-lo de mim. Livrei-me do medo máximo: deveras não podes me tornar miserável; podes me fazer feliz. [1305] Assim, decide; o que quer que decidas, saibas que a tua causa e a tua fama estão em apuros e em perigo: ou vives ou me matas. Esta alma leve e cansada pela velhice e não menos cansada pelos males, tenho-a no começo de minha boca. Tão lentamente [1310] alguém dá a vida a seu pai? Não suportarei mais demora, cravarei o ferro letal em meu peito marcado; aqui, aqui jazará o crime de um Hércules são.

HÉRCULES. Retém agora, meu pai, retém, recua agora a tua mão. Sucumbe, ó virtude, cumpre a ordem de meu pai. [1315] Acrescente-se aos trabalhos hercúleos também este: vivamos! Teseu, ergue do solo os membros abatidos de meu pai; minha destra criminosa evita os contatos piedosos.

ANFITRIÃO. Com prazer eu acolho esta mão, nela irei apoiado: aproximando-a de meu peito angustiado, [1320] expulsarei minhas dores.

HÉRCULES. A que lugar recorrerá como prófugo? Onde me esconderia ou em que terra sepultar-me-ia? Que Tânaís ou que Nilo, que Tigre violento de onda pérsica, que Reno feroz ou que Tago turbulento, a fluir com sua riqueza ibérica, [1325] poderá lavar minha destra? Ainda que a gélida Meótida em mim derrame o ártico mar e Tétis

inteira corra por minhas mãos, o crime permanecerá ligado profundamente às minhas mãos.

A que terras, ímpio, tu te recolherás? Procurarás o orto ou o ocaso? [1330] Conhecido por toda parte, perdi o lugar para meu exílio. O orbe me evita; oblíquos, os astros percorrem cursos transversos; o próprio Titã viu Cérbero com melhor expressão.

Ó Teseu, leal cabeça, busca para mim um esconderijo longínquo, secreto; [1335] visto que, juiz do crime alheio, sempre amas os culpados, retribui a gratidão e a recompensa por meus méritos: devolve-me aos infernos, eu te suplico, reconduzido às sombras; entrega-me, sujeito aos teus grilhões; aquele lugar me ocultará [1340] — mas ele também me conheceu.

TESEU. A minha terra te aguarda. Lá, Gradivo restituiu às armas suas mãos, purificadas de um massacre. Ela te chama, Alcides, a terra que costuma tornar inocentes os súperos.



HERCULES FURENS

PERSONAE:

IUNO

AMPHITRYON

MEGARA

FILII HERCULIS (TACITI)

LYCUS

HERCULES

THESEUS

CHORUS

Scaena Thebis

ACTUS PRIMUS

IUNO

Soror Tonantis — hoc enim solum mihi
 nomem relictum est — semper alienum Iouem
 ac templa summi uidua deserui aetheris,
 locumque caelo pulsa paelicibus dedi.
 Tellus colenda est; paelices caelum tenent. 5
 Hinc Arctos alta parte glacialis poli
 sublime classes sidus Argolicas agit;
 hinc, qua recenti uere laxatur dies,
 Tyriae per undas uector Europae nitet;
 illinc timendum ratibus ac ponto gregem 10
 passim uagantes exserunt Atlantides.
 ferro minax hinc terret Orion deos
 suasque Perseus aureus stellas habet;
 hinc clara gemini signa Tyndaridae micant

quibusque natis mobilis tellus stetit. 15

Nec ipse tantum Bacchus aut Bacchi parens
adiere superos: ne qua pars probro uacet,
mundus puellae sarta Cnosiaca gerit.

Sed sero querimur; una me dira ac fera
Thebana tellus nuribus aspersa impiis 20

quotiens nouercam fecit! — Escendat licet
meumque uictrix teneat Alcmene locum,
pariterque natus astra promissa occupet,
in cuius ortus mundus impendit diem
tardusque Eoo Phoebus effulsit mari 25

retinere mersum iussus Oceano iubar,
non sic abibunt odia: uiuaces aget
uiolentus iras animus, et saeuus dolor
aeterna bella pace sublata geret.

— Quae bella? Quidquid horridum tellus creat 30

inimica, quidquid pontus aut aer tulit
terribile dirum pestilens atrox ferum,
fractum atque domitum est. Superat et crescit malis
iraque nostra fruitur; in laudes suas
mea uertit odia; dum nimis saeua impero, 35
patrem probaui, gloriae feci locum.

Qua Sol reducens quaque deponens diem
binos propinqua tinguat Aethiopus face,
indomita uirtus colitur et toto deus
narratur orbe. Monstra iam desunt mihi, 40

minorque labor est Herculi iussa exsequi,
quam mihi iubere; laetus imperia excipit.
Quae fera tyranni iussa uiolento queant
nocere iuueni? Nempe pro telis gerit
quae timuit et quae fudit: armatus uenit 45
leone et hydra.

Nec satis terrae patent:
effregit ecce limen inferni Iouis

et opima uicti regis ad superos refert.
 uidi ipsa, uidi nocte discussa inferum 50
 et Dite domito spolia iactantem patri
 fraterna. Cur non uinctum et oppressum trahit
 ipsum catenis paria sortitum Ioui
 Ereboque capto potitur en reteggit Styga?
 Parum est reuerti, foedus umbrarum perit: 49
 patefacta ab imis manibus retro uia est 55
 et sacra dirae mortis in aperto iacent.
 at ille, rupto carcere umbrarum ferox,
 de me triumphat et superbifica manu
 atrum per urbes ducit Argolicas canem.
 Viso labantem Cerbero uidi diem 60
 pavidumque Solem; me quoque inuasit tremor,
 et terna monstri colla deuicti intuens
 timui imperasse.

Leuia sed nimium queror:

caelo timendum est, regna ne summa occupet
 qui uicit ima; sceptrum praeripiet patri. 65
 Nec in astra lenta ueniet ut Bacchus uia:
 iter ruina quaeret et uacuo uolet
 regnare mundo. Robore experto tumet,
 et posse caelum uiribus uinci suis
 didicit ferendo; subdidit mundo caput 70
 nec flexit umeros molis immensae labor;
 meliusque collo sedit Herculeo polus.
 Immota ceruix sidera et caelum tulit
 et me prementem: quaerit ad superos uiam.

Perge, ira, perge et magna meditantem opprime, 75

congregere, manibus ipsa dilacera tuis;
 quid tanta mandas odia? Discedant ferae,
 ipse imperando fessus Eurystheus uacet.
 Titanas ausos rumpere imperium Iouis
 emitte, Siculi uerticis laxa specum, 80

tellus Gigante Doris excusso tremens
 supposita monstri colla terrifici leuet,
 sublimis alias Luna concipiat feras.
 sed uicit ista. Quaeris Alcidae parem?
 nemo est nisi ipse: bella iam secum gerat. 85

Adsint ab imo Tartari fundo excitae
 Eumenides, ignem flammeae spargant comae,
 uiperea saeuae uerbera incutiant manus.
 I nunc, superbe, caelitum sedes pete,
 humana temne. Iam Styga et manes feros 90
 fugisse credis? Hic tibi ostendam inferos.
 reuocabo in alta conditam caligine,
 ultra nocentum exilia, discordem deam
 quam munit ingens montis oppositi specus;
 educam et imo Ditis e regno extraham 95
 quidquid relictum est: ueniet inuisum Scelus
 suumque lambens sanguinem Impietas ferox
 Errorque et in se semper armatus Furor —
 hoc hoc ministro noster utatur dolor.

Incipite, famulae Ditis, ardentem citae 100
 concutite pinum et agmen horrendum anguibus
 Megaera ducat atque luctifica manu
 uastam rogo flagrante corripiat trabem.
 hoc agite, poenas petite uitatae Stygis.
 Concutite pectus, acrior mentem excoquat 105
 quam qui caminis ignis Aetnaeis furit.
 Ut possit animum captus Alcides agi,
 magno furore percitus, uobis prius
 insaniendum est. — Iuno, cur nondum furis?
 Me me, sorores, mente deiectam mea 110
 uersate primam, facere si quicquam apparo
 dignum nouerca. Uota mutantur mea:
 natos reuersus uideat incolumes precor
 manuque fortis redeat. Inueni diem,

inuisa quo nos Herculis uirtus iuuet. 115
 Me uicit: et se uincat, et cupiat mori
 ab inferis reuersus. Hic prosit mihi
 Ioue esse genitum. Stabo et, ut certo exeant
 emissa neruo tela, librabo manu,
 regam furentis arma, pugnanti Herculi 120
 tandem fauebo. Scelere perfecto licet
 admittat illas genitor in caelum manus.
 Mouenda iam sunt bella; clarescit dies
 ortuque Titan lucidus croceo subit.

CHORUS

Iam rara micant 125
 sidera pronò languida mundo; 125bis
 nox uicta uagos contrahit ignes
 luce renata;
 cogit nitidum Phosphoros agmen;
 signum celsi glaciale poli
 septem stellis Arcados Ursa 130
 lucem uerso temone uocat.
 Iam caeruleis euectus aquis
 Titan summa prospicit Oeta;
 iam Cadmeis incluta Bacchis
 aspersa die dumeta rubent, 135
 Phoebique fugit reditura soror.
 Labor exoritur durus et omnes
 agitat curas aperitque domos:
 pastor gelida cana pruina
 grege dimisso pabula carpit; 140
 ludit prato liber aperto
 nondum rupta fronte iuuenus;
 uacuae reparant ubera matres;

errat cursu leuis incerto	
molli petulans haedus in herba.	145
Pendet summo stridula ramo	
pinnasque nouo tradere soli	
gestit querulos inter nidos	
Thracia paelex,	
turbaque circa confusa sonat	150
murmure mixto testata diem.	
Carbasa uentis	152
credit dubius nauita uitae,	152bis
laxos aura complente sinus.	
Hic exesis pendens scopulis	
aut deceptos instruit hamos	155
aut suspensus	
spectat pressa praemia dextra;	
sentit tremulum linea piscem.	
Haec, innocuae quibus est uitae	
tranquilla quies	160 ^a
et laeta suo paruoque domus.	160 ^b -1 ^a
Spes immanes urbibus errant	161 ^b -3 ^a
trepidique metus:	163b
ille superbos aditus regum	
durasque fores expers somni	165
colit; hic nullo fine beatas	
componit opes,	
gazis inhians	167 ^b
et congesto pauper in auro;	
illum populi fauor attonitum	
fluctuque magis mobile uulgus	170
aura tumidum tollit inani;	
hic clamosi rabiosa fori	
iurgia uendens	173
improbis iras et uerba locat.	173bis
Nouit paucos secreta quies,	

qui uelocis memores aeui	175
tempora numquam reditura tenent.	
dum fata sinunt, uiuite laeti.	
Properat cursu uita citato	
uolucrique die	
rota praecipitis uertitur anni;	180
durae peragunt pensa sorores	
nec sua retro fila reuoluunt.	
At gens hominum fertur rapidis	
obuia fati incerta sui;	
Stygias ultro quaerimus undas.	185
turbine magno spes sollicitae	162
Nimium, Alcide, pectore forti	
properas maestos uisere manes.	
Certo ueniunt tempore Parcae,	
nulli iusso cessare licet,	
nulli scriptum proferre diem;	190
recipit populos urna citatos.	
Alium multis gloria terris	
tradat et omnes	
fama per urbes garrula laudet,	194
caeloque parem tollat et astris,	194bis
alius curru sublimis eat:	
me mea tellus	
lare secreto tutoque tegat.	
Uenit ad pigros cana senectus,	
humilique loco sed certa sedet	
sordida paruae fortuna domus;	200
alte uirtus animosa cadit.	
— Sed maesta uenit crine soluto	
Megara paruam comitata gregem,	
tardusque senio graditur Alcidae parens.	

ACTUS SECUNDUS

AMPHITRYON. MEGARA

AM.	O magne Olympi rector et mundi arbiter,	205
	iam statue tandem grauibus aerumnis modum finemque cladi. Nulla lux umquam mihi secura fulsit; finis alterius mali gradus est futuri. Protinus reduci nouus paratur hostis; antequam laetam domum	210
	contingat, aliud iussus ad bellum meat; nec ulla requies tempus aut ullum uacat, nisi dum iubetur. Sequitur a primo statim infesta Iuno; numquid immunis fuit infantis aetas? Monstra superauit prius	215
	quam nosse posset. Gemina cristati caput angues ferebant ora, quos contra obuius reptabat infans igneos serpentium oculos remisso lumine ac placido intuens; artos serenis uultibus nodos tulit,	220
	et tumida tenera guttura elidens manu prolusit hydrae. Maenali pernix fera, multo decorum praeferens auro caput, deprensa cursu; maximus Nemeae timor pressus lacertis gemuit Herculeis leo.	225
	Quid stabula memorem dira Bistonii gregis suisque regem pabulum armentis datum, solitumque densis hispidum Erymanthi iugis Arcadia quater nemora Maenaliu suem, taurumque centum non leuem populis metum?	230
	Inter remotos gentis Hesperiae greges pastor triformis litoris Tartessii peremptus, acta et praeda ab occasu ultimo;	

notum Cithaeron paut Oceano pecus.
 penetrare iussus solis aestiui plagas 235
 et adusta medius regna quae torret dies
 utrimque montes soluit ac rupto obice
 latam ruenti fecit Oceano uiam.
 Post haec adortus nemoris opulenti domos
 aurifera uigilis spolia serpentis tulit. 240
 Quid? Saeua Lernaestra, numerosum malum,
 non igne demum uicit et docuit mori,
 solitasque pinnis condere obductis diem
 petit ab ipsis nubibus Stymphalidas?
 Non uicit illum caelibis semper tori 245
 regina gentis uidua Thermodontiae,
 nec ad omne clarum facinus audaces manus
 stabuli fugauit turpis Augei labor.
 Quid ista prosunt? Orbe defenso caret.
 sensere terrae pacis auctorem suae 250
 abesse. Rursus prosperum ac felix scelus
 uirtus uocatur; sontibus parent boni,
 ius est in armis, opprimit leges timor.
 ante ora uidi nostra truculenta manu
 natos paterni cadere regni uindices 255
 ipsumque, Cadmi nobilis stirpem ultimam,
 occidere; uidi regium capiti decus
 cum capite raptum. — quis satis Thebas fleat?
 Ferax deorum terra, quem dominum tremis?
 e cuius aruis eque fecundo sinu 260
 stricto iuuentus orta cum ferro stetit,
 cuiusque muros natus Amphion Ioue
 struxit canoro saxa modulatu trahens,
 in cuius urbem non semel diuum parens
 caelo relicto uenit, haec quae caelites 265
 recepit et quae fecit et (fas sit loqui)
 fortasse faciet, sordido premitur iugo.

Cadmea proles atque Ophionium genus,
 quo reccidistis? Tremitis ignauum exulem,
 suis carentem finibus, nostris grauem. 270

Qui scelera terra quique persequitur mari
 ac saeua iusta scepra confregit manu
 nunc seruit absens fertque quae fieri uetat,
 tenetque Thebas exul Herculeas Lycus.

— Sed non tenebit. Aderit et poenas petet 275
 subitusque ad astra emerget; inueniet uiam
 aut faciet. Adsis sospes et remees tuis
 tandemque uenias uictor ad uictam domum.

MEG. Emerge, coniunx, atque dispulas manu
 abrumpe tenebras. Nulla si retro uia 280

iterque clusum est, orbe diducto redi
 et quidquid atra nocte possessum latet
 emitte tecum. Dirutis qualis iugis
 praeceps citato flumini quaerens iter
 quondam stetisti, scissa cum uasto impetu 285

patuere Tempe — pectore impulsus tuo
 huc mons et illuc cecidit, et rupto aggere
 noua cucurrit Thessalus torrens uia —
 talis, parentes liberos patriam petens,
 erumpe rerum terminos tecum efferens, 290

et quidquid auida tot per annorum gradus
 abscondit aetas redde et oblitos sui
 lucisque pavidos ante te populos age.
 indigna te sunt spolia, si tantum refers
 quantum imperatum est.

Magna sed nimium loquor 295
 ignara nostrae sortis. Unde illum mihi
 quo te tuamque dexteram amplectar diem
 reditusque lentos nec mei memores querar?
 Tibi, o deorum ductor, indomiti ferent

- centena tauri colla; tibi, frugum potens, 300
 secreta reddam sacra: tibi muta fide
 longas Eleusin tacita iactabit faces.
 tum restitutas fratribus rebor meis
 animas, et ipsum regna moderantem sua
 florere patrem. Si qua te maior tenet 305
 clausum potestas, sequimur; aut omnis tuo
 defende reditu sospes aut omnes trahe.
 — Trahes, nec ullus eriget fractos deus.
- AM. O socia nostri sanguinis, casta fide
 seruans torum natosque magnanimi Herculis, 310
 meliora mente concipe atque animum excita.
 aderit profecto, qualis ex omni solet
 labore, maior.
- MEG. Quod nimis miseri uolunt,
 hoc facile credunt.
- AM. Immo quod metuunt nimis
 numquam moueri posse nec tolli putant; 315
 prona est timoris semper in peius fides.
- MEG. Demersus ac defossus et toto insuper
 oppressus orbe quam uiam ad superos habet?
- AM. Quam tunc habebat cum per arentem plagam
 et fluctuantes more turbati maris 320
 adit harenas bisque discedens fretum
 et bis recurrens, cumque deserta rate
 deprensus haesit Syrtium breuibus uadis
 et puppe fixa maria superauit pedes.
- MEG. Iniqua raro maximis uirtutibus 325

Fortuna parcat. Nemo se tuto diu
 periculis offerre tam crebris potest;
 quem saepe transit casus, aliquando inuenit.

— Sed ecce saeuus ac minas uultu gerens
 et qualis animo est talis incessu uenit
 aliena dextra sceptrum concutiens Lycus. 330

LYCUS. MEGARA. AMPHITRYON

LYC. Urbis regens opulenta Thebanae loca
 et omne quidquid uberis cingit soli
 obliqua Phocis, quidquid Ismenos rigat,
 quidquid Cithaeron uertice excelso uidet, 335
 et bina findens Isthmos exilis freta
 non uetera patriae iura possideo domus
 ignauus heres; nobiles non sunt mihi
 aui nec altis inclitum titulis genus,
 sed clara uirtus. Qui genus iactat suum, 340
 aliena laudat. Rapta sed trepida manu
 sceptrum obtinentur; omnis in ferro est salus;
 quod ciuibus tenere te inuitis scias,
 strictus tuetur ensis. Alieno in loco
 haut stabile regnum est; una sed nostras potest 345
 fundare uires iuncta regali face
 thalamisque Megara; ducet e genere inclito
 nouitas colorem nostra. Non equidem reor
 fore ut recuset ac meos spernat toros;
 quod si impotenti pertinax animo abnuet, 350
 stat tollere omnem penitus Herculeam domum.
 Inuidia factum ac sermo popularis premet?
 Ars prima regni est posse in inuidia pati.
 — Temptemus igitur, fors dedit nobis locum:
 namque ipsa, tristi uestis obtentu caput 355

uelata, iuxta praesides adstat deos,
laterique adhaeret uerus Alcidae sator.

MEG. Quidnam iste, nostri generis exitium ac lues,
noui parat? Quid temptat?

LYC. O clarum trahens
a stirpe nomen regia, facilis mea 360
parumper aure uerba patienti excipe.
Si aeterna semper odia mortales gerant,
nec coeptus umquam cedat ex animis furor,
sed arma felix teneat, infelix paret,
nihil relinquent bella; tum uastis ager 365
squalebit aruis, subdita tectis face
altus sepultas obruet gentes cinis.
Pacem reduci uelle uictori expedit,
uicto necesse est. — particeps regno ueni;
sociemur animis; pignus hoc fidei cape: 370
continge dextram. Quid truci uultu siles?

MEG. Egone ut parentis sanguine aspersam manum
fratrumque gemina caede contingam? Prius
extinguet ortus, referet occasus diem,
pax ante fida niuibus et flammis erit 375
et Scylla Siculum iunget Ausonio latus,
priusque multo uicibus alternis fugax
Euripus unda stabit Euboica piger.
Patrem abstulisti, regna, germanos, larem
patriam — quid ultra est? Una res superest mihi 380
fratre ac parente carior, regno ac lare:
odium tui, quod esse cum populo mihi
commune doleo — pars quota ex isto mea est!
Dominare tumidus, spiritus altos gere:
sequitur superbos ultor a tergo deus. 385
Thebana noui regna: quid matres loquar

passas et ausas scelera? Quid geminum nefas
 mixtumque nomen coniugis gnati patris?
 Quid bina fratrum castra? Quid totidem rogos?
 Riget superbo Tantalus luctu parens 390
 maestusque Phrygio manat in Sipylo lapis.
 Quin ipse toruum subrigens crista caput
 Illyrica Cadmus regna permensus fuga
 longas reliquit corporis tracti notas.
 Haec te manent exempla. Dominare ut libet, 395
 dum solita regni fata te nostri uocent.

LYC. Agedum efferatas rabida uoces amoue
 et disce regum imperia ab Alcide pati.
 Ego rapta quamuis sceptris uictrici geram
 dextra, regamque cuncta sine legum metu 400
 quas arma uincunt, pauca pro causa loquar
 nostra. Cruento cecidit in bello pater?
 Cecidere fratres? Arma non seruant modum;
 nec temperari facile nec reprimi potest
 stricti ensis ira; bella delectat cruor. 405
 sed ille regno pro suo, nos improba
 cupidine acti? Quaeritur belli exitus,
 non causa. — sed nunc pereat omnis memoria;
 cum uictor arma posuit, et uictum decet
 deponere odia. Non ut inflexo genu 410
 regnantem adores petimus; hoc ipsum placet
 animo ruinas quod capis magno tuas.
 Es rege coniunx digna; sociemus toros.

MEG. Gelidus per artus uadit exsanguis tremor.
 quod facinus aures pepulit? Haut equidem horruī,
 cum pace rupta bellicus muros fragor 415
 circumsonaret; pertuli intrepide omnia.
 Thalamos tremesco; capta nunc uideor mihi.

grauent catenae corpus et longa fame
 mors protrahatur lenta: non uincet fidem 420
 uis ulla nostram; moriar, Alcide, tua.

LYC. Animosne mersus inferis coniunx facit?

MEG. Inferna tetigit, posset ut supera assequi.

LYC. Telluris illum pondus immensae premit.

MEG. Nullo premetur onere, qui caelum tulit. 425

LYC. Cogere.

MEG. Cogi qui potest nescit mori.

LYC. Effare thalamis quod nouis potius parem
 regale munus.

MEG. Aut tuam mortem aut meam.

LYC. Moriere demens.

MEG. Coniugi occurram meo.

LYC. Sceptrone nostro famulus est potior tibi? 430

MEG. Quot iste "famulus" tradidit reges neci!

LYC. Cur ergo regi seruit et patitur iugum?

MEG. Imperia dura tolle: quid uirtus erit?

LYC. Obici feris monstisque uirtutem putas?

- MEG. Virtutis est domare quae cuncti pauent. 435
- LYC. Tenebrae sequentem magna Tartarae premunt.
- MEG. Non est ad astra mollis e terris uia.
- LYC. Quo patre genitus caelitem sperat domos?
- AM. Miseranda coniunx Herculis magni, sile:
partes meae sunt reddere Alcidae patrem 440
genusque uerum. Post tot ingentis uiri
memoranda facta postque pacatum manu
quodcumque Titan ortus et labens uidet,
post monstra tot perdomita, post Phlegram impio
sparsam cruore postque defensos deos 445
nondum liquet de patre? Mentimur Iouem?
Iunonis odio crede.
- LYC. Quid uiolas Iouem?
Mortale caelo non potest iungi genus.
- AM. Communis ista pluribus causa est deis.
- LYC. Famuline fuerant ante quam fierent dei? 450
- AM. Pastor Pheraeos Delius pauit greges.
- LYC. Sed non per omnes exul errauit plagas.
- AM. Quem profuga terra mater errante edidit?
- LYC. Num monstra saeuas Phoebus aut timuit feras?

- AM. Primus sagittas imbuit Phoebi draco. 455
- LYC. Quam grauia partus tulerit ignoras mala?
- AM. E matris utero fulmine eiectus puer
mox fulminanti proximus patri stetit.
Quid? Qui gubernat astra, qui nubes quatit,
non latuit infans rupis exesae specu? 460
Sollicita tanti pretia natales habent,
semperque magno constitit nasci deum.
- LYC. Quemcumque miserum uideris, hominem scias.
- AM. Quemcumque fortem uideris, miserum neges.
- LYC. Fortem uocemus cuius ex umeris leo, 465
donum puellae factus, et claua excidit
fulsitque pictum ueste Sidonia latus?
Fortem uocemus cuius horrentes comae
maduere nardo, laude qui notas manus
ad non uirilem tympani mouit sonum, 470
mitra ferocem barbara frontem premens?
- AM. Non erubescit Bacchus effusos tener
sparsisse crines nec manu molli leuem
uibrare thyrsus, cum parum forti gradu
auro decorum syrma barbarico trahit; 475
post multa uirtus opera laxari solet.
- LYC. Hoc Euryti fatetur euersi domus
pecorumque ritu uirginum oppressi greges;
hoc nulla Iuno, nullus Eurystheus iubet:
ipsius haec sunt opera.

- AM. Non nosti omnia: 480
 ipsius opus est caestibus fractus suis
 Eryx et Eryci iunctus Antaeus Libys,
 et qui hospitali caede manantes foci
 bibere iustum sanguinem Busiridis;
 ipsius opus est uulneri et ferro inuius 485
 mortem coactus integer Cycnus pati,
 nec unus una Geryon uictus manu.
 Eris inter istos — qui tamen nullo stupro
 laesere thalamos.
- LYC. Quod Ioui hoc regi licet:
 Ioui dedisti coniugem, regi dabis; 490
 et te magistro non nouum hoc discet nurus,
 etiam uiro probante meliorem sequi.
 Sin copulari pertinax taedis negat,
 uel ex coacta nobilem partum feram.
- MEG. Umbrae Creontis et penates Labdaci 495
 et nuptiales impii Oedipodae faces,
 nunc solita nostro fata coniugio date.
 Nunc nunc, cruentae regis Aegypti nurus,
 adeste multo sanguine infectae manus.
 Dest una numero Danais; explebo nefas. 500
- LYC. Coniugia quoniam peruicax nostra abnuis
 regemque terres, sceptrum quid possint scies.
 complectere aras: nullus eripiet deus
 te mihi, nec orbe si remolito queat
 ad supera uictor numina Alcides uehi. 505
 — congerite siluas; templa supplicibus suis
 iniecta flagrent, coniugem et totum gregem
 consumat unus igne subiecto rogas.

- AM. Hoc munus a te genitor Alcidae peto,
rogare quod me deceat, ut primus cadam. 510
- LYC. Qui morte cunctos luere supplicium iubet
nescit tyrannus esse. Diuersa inroga:
miserum ueta perire, felicem iube.
Ego, dum cremandis trabibus accrescit rogos,
sacro regentem maria uotiuo colam. 515
- AM. Pro numinum uis summa, pro caelestium
rector parensque, cuius excussis tremunt
humana telis, impiam regis feri
compesce dextram! — Quid deos frustra precor?
Ubicumque es, audi, nate. 520
— Cur subito labant
agitata motu templa? Cur mugit solum?
infernus imo sonuit e fundo fragor.
audimur! Est est sonitus Herculei gradus.

CHORUS

- O Fortuna uiris inuida fortibus,
quam non aequa bonis praemia diuidis. 525
Eurystheus facili regnet in otio;
Alcmena genitus bella per omnia
monstris exagitet caeliferam manum:
serpentis resecat colla feracia,
deceptis referat mala sororibus, 530
cum somno dederit peruigiles genas
pomis diuitibus praepositus draco.
Intrauit Scythiae multiuagas domos
et gentes patriis sedibus hospitas,
calcauitque freti terga rigentia 535

et mutis tacitum litoribus mare.
 illic dura carent aequora fluctibus,
 et, qua plena rates carbasa tenderent,
 intonsis teritur semita Sarmatis.
 Stat pontus, uicibus mobilis annuis, 540
 nauem nunc facilis, nunc equitem pati.
 Illic quae uiduis gentibus imperat,
 aurato religans ilia balteo,
 detraxit spoliū nobile corpori
 et peltam et niuei uincula pectoris, 545
 uictorem posito suspiciens genu.
 Qua spe praecipites actus ad inferos,
 audax ire uias inremeabiles,
 uidisti Siciliae regna Proserpinae?
 Illic nulla noto nulla fauonio 550
 consurgunt tumidis fluctibus aequora;
 non illic geminum Tyndaridae genus
 succurrunt timidis sidera nauibus:
 stat nigro pelagus gurgite languidum,
 et, cum Mors audis pallida dentibus 555
 gentes innumeras manibus intulit,
 uno tot populi remige transeunt.
 Euincas utinam iura ferae Stygis
 Parcarumque colos non reuocabiles!
 Hic qui rex populis pluribus imperat, 560
 bello cum peteres Nestoream Pylon,
 tecum conseruit pestiferas manus
 telum tergemina cuspede praeferens;
 effugit tenui uulnere saucius
 et mortis dominus pertimuit mori. 565
 fatum rumpe manu: tristibus inferis
 prospectus pateat lucis, et inuius
 limes det faciles ad superos uias.
 Immites potuit flectere cantibus

umbrarum dominos et prece supplici 570
 Orpheus, Eurydicen dum repetit suam.
 Quae siluas et aues saxaque traxerat
 ars, quae praebuerat fluminibus moras,
 ad cuius sonitum constiterant ferae,
 mulcet non solitis uocibus inferos, 575
 et surdis resonat clarius in locis.
 Deflent Eumenides Threiciam nurum,
 deflent et lacrimis difficiles dei;
 et qui fronte nimis crimina tetrica
 quaerunt ac ueteres excutiunt reos 580
 flentes Eurydicen iuridici sedent.
 tandem mortis ait "Vincimur" arbiter,
 "euade ad superos, lege tamen data:
 tu post terga tui perge uiri comes,
 tu non ante tuam respice coniugem, 585
 quam cum clara deos obtulerit dies
 Spartanique aderit ianua Taenari."
 Odit uerus amor nec patitur moras:
 munus dum properat cernere, perdidit.
 Quae uinci potuit regia carmine, 590
 haec uinci poterit regia uiribus.

ACTUS TERTIUS

HERCULES. AMPHITRYON. MEGARA tacita. THESEUS

HER. O lucis almae rector et caeli decus,
 qui alterna curru spatia flammifero ambiens
 inlustre laetis exseris terris caput,
 da, Phoebe, ueniam, si quid illicitum tui 595
 uidere uultus: iussus in lucem extuli
 arcana mundi. Tuque, caelestum arbiter
 parensque, uisus fulmine opposito tege;

- et tu, secundo maria qui sceptro regis,
 imas pete undas. Quisquis ex alto aspicit 600
 terrena, facie pollui metuens noua,
 aciem reflectat oraque in caelum erigat
 portenta fugiens. Hoc nefas cernant duo,
 qui aduexit et quae iussit. — in poenas meas
 atque in labores non satis terrae patent 605
 Iunonis odio: uidi inaccessa omnibus,
 ignota Phoebō quaeque deterior polus
 obscura diro spatia concessit Ioui;
 et, si placerent tertiae sortis loca,
 regnare potui. Noctis aeternae chaos 610
 et nocte quiddam grauius et tristes deos
 et fata uici; morte contempta redi.
 quid restat aliud? Uidi et ostendi inferos.
 da si quid ultra est, iam diu pateris manus
 cessare nostras, Iuno; quae uinci iubes? 615
 — Sed templa quare miles infestus tenet
 limenque sacrum terror armorum obsidet?
- AM. Utrumne uisus uota decipiunt meos,
 an ille domitor orbis et Graium decus
 tristi silentem nubilo liquit domum? 620
 Estne ille natus? Membra laetitia stupent.
 o nate, certa at sera Thebarum salus,
 teneone in auras editum an uana fruor
 deceptus umbra? Tune es? Agnosco toros
 umerosque et alto nobilem in trunco manū. 625
- HER. Unde iste, genitor, squalor et lugubribus
 amicta coniunx? Unde tam foedo obsiti
 paedore nati? Quae domum clades grauatur?
- AM. Socer est peremptus, regna possedit Lycus,

- natos parentem coniugem leto petit. 630
- HER. Ingrata tellus, nemo ad Herculeae domus
auxilia uenit? Uidit hoc tantum nefas
defensus orbis? — cur diem questu tero?
Mactetur hostia, hanc ferat uirtus notam
fiatque summus hostis Alcidae Lycus. 635
ad hauriendum sanguinem inimicum feror;
Theseu, resiste, ne qua uis subita ingruat.
Me bella poscunt; differ amplexus, parens,
coniunxque differ. Nuntiet Diti Lycus
me iam redisse.
- THE. Flebilem ex oculis fuga, 640
regina, uultum, tuque nato sospite
lacrimas cadentes reprime; si noui Herculem,
Lycus Creonti debitas poenas dabit.
Lentum est “dabit”: dat. Hoc quoque est lentum: dedit.
- AM. Votum secundet qui potest nostrum deus 645
rebusque lassis adsit. — o magni comes
magnanime nati, pande uirtutum ordinem,
quam longa maestos ducat ad manes uia,
ut uincla tulerit dura Tartareus canis.
- THE. Memorare cogis acta securae quoque 650
horrenda menti. Uix adhuc certa est fides
uitalis aurae; torpet acies luminum
hebetesque uisus uix diem insuetum ferunt.
- AM. Peruince, Theseu, quidquid alto in pectore 655
remanet pauoris, neue te fructu optimo
frauda laborum: quae fuit durum pati,
meminisse dulce est. Fare casus horridos.

THE. Fas omne mundi teque dominantem precor
 regno capaci teque quam toto inrita
 quaesivit orbe mater, ut iura abdita 660
 et operta terris liceat impune eloqui.

Spartana tellus nobile attollit iugum,
 densis ubi aequor Taenarus siluis premit;
 hic ora soluit Ditis inuisi domus
 hiatque rupes alta et immenso specu 665
 ingens uorago faucibus uastis patet
 latumque pandit omnibus populis iter.
 Non caeca tenebris incipit primo uia;
 tenuis relictæ lucis a tergo nitor
 fulgorque dubius solis adflicti cadit 670
 et ludit aciem; nocte sic mixta solet
 præbere lumen primus aut serus dies.
 Hinc ampla uacuis spatia laxantur locis,
 in quæ omne mersum pergat humanum genus.
 Nec ire labor est; ipsa deducit uia. 675
 ut saepe puppes aestus inuitas rapit,
 sic pronus aer urguet atque auidum chaos,
 gradumque retro flectere haut umquam sinunt
 umbrae tenaces.

Intus immenso sinu
 placido quieta labitur Lethe uado 680
 demitque curas; neue remeandi amplius
 pateat facultas, flexibus multis grauem
 inuoluit amnem: qualis incertis uagus
 Maeander undis ludit et cedit sibi
 instatque dubius litus an fontem petat. 685
 Palus inertis foeda Cocyti iacet;
 hic uultur, illic luctifer bubo gemit
 omenque triste resonat infaustae strigis.
 Horrent opaca fronde nigrantes comae

- taxum imminentem, quam tenet segnis Sopor 690
 Famesque maesta tabido rictu iacet
 Pudorque serus conscios uultus tegit.
 Metus Pauorque, Funus et frendens Dolor
 aterque Luctus sequitur et Morbus tremens
 et cincta ferro Bella; in extremo abdita 695
 iners Senectus adiuuat baculo gradum.
- AM. Estne aliqua tellus Cereris aut Bacchi ferax?
- THE. Non prata uiridi laeta facie germinant
 nec adulta leni fluctuat Zephyro seges;
 Non ulla ramos silua pomiferos habet; 700
 sterilis profundi uastitas squalet soli
 et foeda tellus torpet aeterno situ —
 rerumque maestus finis et mundi ultima.
 Immotus aer haeret et pigro sedet
 nox atra mundo; cuncta maerore horrida, 705
 ipsaque morte peior est mortis locus.
- AM. Quid ille opaca qui regit sceptro loca?
 Qua sede positus temperat populos leues?
- THE. Est in recessu Tartari obscuro locus,
 quem grauibus umbris spissa caligo alligat. 710
 A fonte discors manat hinc uno latex,
 alter quieto similis (hunc iurant dei),
 tacente sacram deuehens fluuio Styga;
 at hic tumultu rapitur ingenti ferox
 et saxa fluctu uoluit Acheron inuius 715
 renaugari. Cingitur duplici uado
 aduersa Ditis regia, atque ingens domus
 umbrante luco tegitur. Hic uasto specu
 pendent tyranni limina, hoc umbris iter,

haec porta regni. Campus hanc circa iacet, 720
 in quo superbo digerit uultu sedens
 animas recentes. Dira maiestas deo,
 frons torua, fratrum quae tamen specimen gerat
 gentisque tantae; uultus est illi Iouis,
 sed fulminantis. Magna pars regni trucis 725
 est ipse dominus, cuius aspectus timet
 quidquid timetur.

AM. Verane est fama inferis
 tam sera reddi iura et oblitos sui
 sceleris nocentes debitas poenas dare?
 Quis iste ueri rector atque aequi arbiter? 730

THE. Non unus alta sede quaesitor sedens
 iudicia trepidis sera sortitur reis:
 aditur illo Gnosius Minos foro,
 Rhadamanthus illo, Thetidis hoc audit socer.
 Quod quisque fecit, patitur; auctorem scelus 735
 repetit suoque premitur exemplo nocens.
 Uidi cruentos carcere includi duces
 et impotentis terga plebeia manu
 scindi tyranni. Quisquis est placide potens
 dominusque uitae seruat innocuas manus 740
 et incruentum mitis imperium regit
 animaeque parcat, longa permensus diu
 uiuacis aevi spatia uel caelum petit
 uel laeta felix nemoris Elysii loca,
 iudex futurus. Sanguine humano abstine 745
 quicumque regnas; scelera taxantur modo
 maiore uestra.

AM. Certus inclusos tenet
 locus nocentes? Utque fert fama, impios

supplicia uinclis saeua perpetuis domant?

- THE. Rapitur uolucris tortus Ixion rota; 750
 ceruice saxum grande Sisyphia sedet;
 in amne medio faucibus siccis senex
 sectatur undas; alluit mentum latex,
 fidemque cum iam saepe decepto dedit,
 perit unda in ore; poma destituunt famem. 755
 Praebet uolucris Tityos aeternas dapes
 urnasque frustra Danaides plenas gerunt;
 errant furentes impiae Cadmeides
 terretque mensas auida Phineas auis.
- AM. Nunc ede nati nobilem pugnam mei. 760
 Patruis uolentis munus an spoliis refert?
- THE. Ferale tardis imminet saxum uadis,
 stupent ubi undae segne torpescit fretum.
 Hunc seruat amnem cultu et aspectu horridus
 pavidosque manes squalidus gestat senex. 765
 impexa pendet barba, deformem sinum
 nodus coerces, concauae lucent genae;
 regit ipse longo portitor conto ratem.
 Hic onere uacuum litori puppem applicans
 repetebat umbras; poscit Alcides uiam; 770
 cedente turba dirus exclamat Charon:
 "Quo pergis, audax? Siste properantem gradum."
 Non passus ulla natus Alcmena moras
 ipso coactum nauitum conto domat
 scanditque puppem. Cumba populorum capax 775
 succubuit uni; sedit et grauior ratis
 utrimque Lethen latere titubanti bibit.
 Tum uicta trepidant monstra, Centauri truces
 Lapithaeque multo in bella succensi mero;

* * *

Stygiae paludis ultimos quaerens sinus 780
 fecunda mergit capita Lernaeus labor.
 Post haec auari Ditis apparet domus:
 hic saeuus umbras territat Stygius canis,
 qui trina uasto capita concutiens sono
 regnum tuetur. Sordidum tabo caput 785
 lambunt colubrae, uiperis horrent iubae
 longusque torta sibilat cauda draco.
 Par ira formae: sensit ut motus pedum,
 attollit hirtas angue uibrato comas
 missumque captat aure subrecta sonum, 790
 sentire et umbras solitus. Ut propior stetit
 Ioue natus antro, sedit incertus canis
 et uterque timuit. — Ecce latratu graui
 loca muta terret; sibilat totos minax
 serpens per armos. Uocis horrendae fragor 795
 per ora missus terna felices quoque
 exterret umbras. Soluit a laeua feros
 tunc ipse rictus et Cleonaeum caput
 opponit ac se tegmine ingenti tegit;
 uictrice magnum dextera robur gerens 800
 huc nunc et illuc uerbere assiduo rotat,
 ingeminat ictus. Domitus infregit minas
 et cuncta lassus capita summisit canis
 antroque toto cessit. Extimuit. Sedens
 uterque solio dominus et duci iubet; 805
 me quoque petenti munus Alcidae dedit.
 Tum grauia monstri colla permulcens manu
 adamante texto uincit. Oblitus sui
 custos opaci peruigil regni canis
 componit aures timidus et patiens trahi

erumque fassus, ore summisso obsequens, 810
 utrumque cauda pulsat anguifera latus.
 Postquam est ad oras Taenari uentum et nitor
 percussit oculos lucis ignotae nouos,
 resumit animos uictus et uastas furens 815
 quassat catenas; paene uictorem abstulit
 pronumque retro uexit et mouit gradu.
 Tunc et meas respexit Alcides manus;
 geminis uterque uiribus tractum canem
 ira furentem et bella temptantem irrita 820
 intulimus orbi. Uidit ut clarum diem
 et pura nitidi spatia conspexit poli,
 oborta nox est, lumina in terram dedit,
 compressit oculos et diem inuisum expulit
 aciemque retro flexit atque omni petit 825
 ceruice terram; tum sub Herculeas caput
 abscondit umbras.

— Densa sed laeto uenit
 clamore turba frontibus laurum gerens
 magnique meritas Herculis laudes canit.

CHORUS

Natus Eurystheus properante partu 830
 iusserat mundi penetrare fundum.
 derat hoc solum numero laborum,
 tertiae regem spoliare sortis.
 Ausus es caecos aditus inire,
 ducit ad manes uia qua remotos 835
 tristis et nigra metuenda silua,
 sed frequens magna comitante turba.

Quantus incedit populus per urbes
 ad noui ludos auidus theatri;

quantus Eleum ruit ad Tonantem, 840
 quinta cum sacrum reuocauit aestas;
 quanta, cum longae redit hora nocti
 crescere, et somnos cupiens quietos
 Libra Phoebeos tenet aequa currus,
 turba secretam Cererem frequentat 845
 et citi tectis properant relictis
 Attici noctem celebrare mystae:
 tanta per campos agitur silentes
 turba. Pars tarda graditur senecta,
 tristis et longa satiata uita; 850
 pars adhuc currit melioris aeu:
 uirgines nondum thalamis iugatae
 et comis nondum positis ephebi
 matris et nomen modo doctus infans.
 His datum solis, minus ut timerent, 855
 igne praelato releuare noctem;
 ceteri uadunt per opaca tristes.
 Qualis est uobis animus, remota
 luce cum maestus sibi quisque sensit
 obrutum tota caput esse terra? 860
 Stat chaos densum tenebraeque turpes
 et color noctis malus ac silentis
 otium mundi uacuaeque nubes.
 Sera nos illo referat senectus!
 Nemo ad id sero uenit, unde numquam, 865
 cum semel uenit, potuit reuerti.
 Quid iuuat durum properare fatum?
 Omnis haec magnis uaga turba terris
 ibit ad manes facietque inertis
 uela Coccyto. Tibi crescit omne, 870
 et quod occasus uidet et quod ortus.
 (Parce uenturis): tibi, Mors, paramur;
 sis licet segnis, properamus ipsi;

prima quae uitam dedit hora, carpit.
 Thebis laeta dies adest. 875
 Aras tangite supplices,
 pingues caedite uictimas;
 permixtae maribus nurus
 sollemnes agitent choros;
 cessent deposito iugo 880
 arui fertilis incolae.
 Pax est Herculea manu
 Auroram inter et Hesperum,
 et qua sol medium tenens
 umbras corporibus negat; 885
 quodcumque alluitur solum
 longo Tethyos ambitu,
 Alcidae domuit labor.
 Transuectus uada Tartari
 pacatis redit inferis. 890
 Iam nullus superest timor:
 nil ultra iacet inferos.

 — Stantes sacrificus comas
 dilecta tege populo.

ACTUS QUARTUS

HERCULES. THESEUS TACITUS. AMPHITRYON. MEGARA. CHORUS.

HER. Ultrice dextra fusus aduerso Lycus 895
 terram cecidit ore; tum quisquis comes
 fuerat tyranni iacuit et poenae comes.
 Nunc sacra patri uictor et superis feram
 caesisque meritas uictimis aras colam.
 Te te laborum socia et adiutrix precor, 900
 belligera Pallas, cuius in laeua ciet

aegis feroces ore saxifico minas;
 adsit Lycurgi domitor et Rubri Maris,
 tectam uirenti cuspidem thyrsos gerens,
 geminumque numen Phoebus et Phoebi soror 905
 (soror sagittis aptior, Phoebus lyrae)
 fraterque quisquis incolit caelum meus
 non ex nouerca frater.

Huc appellite

greges opimos; quidquid Indi aruis secant
 Arabesque odoris quidquid arboribus legunt 910
 conferte in aras, pinguis exundet uapor.
 populea nostras arbor exornet comas,
 te ramus oleae fronde gentili tegat,
 Theseu; Tonantem nostra adorabit manus,
 tu conditores urbis et siluestria 915
 trucis antra Zethi, nobilis Dircae aquae
 laremque regis aduenae Tyrium coles.
 — date tura flammis.

AM. Nate, manantes prius
 manus cruenta caede et hostili expia.

HER. Utinam cruore capitis inuisi deis 920
 libare possem! Gravior nullus liquor
 tinxisset aras; uictima haut ulla amplior
 potest magisque opima mactari Ioui,
 quam rex iniquus.

AM. Finit genitor tuus
 opta labores, detur aliquando otium 925
 quiesque fessis.

HER. Ipse concipiam preces
 Ioue meque dignas. Stet suo caelum loco

tellusque et aequor; astra inoffensos agant
 aeterna cursus, alta pax gentes alat;
 ferrum omne teneat ruris innocui labor 930
 ensesque lateant. Nulla tempestas fretum
 uiolenta turbet, nullus irato Ioue
 exiliat ignis, nullus hiberna niue
 nutritus agros amnis euersos trahat.
 Uenena cessent, nulla nocituro grauis 935
 suco tumescat herba. Non saeui ac truces
 regnent tyranni. Si quod etiamnum est scelus
 latura tellus, properet, et si quod parat
 monstrum, meum sit.

— Sed quid hoc? Medium diem

cinxere tenebrae. Phoebus obscuro meat 940
 sine nube uultu. Quis diem retro fugat
 agitque in ortus? Unde nox atrum caput
 ignota profert? Unde tot stellae polum
 implent diurnae? Primus en noster labor
 caeli refulget parte non minima Leo 945
 iraque totus feruet et morsus parat.
 Iam rapiet aliquod sidus: ingenti minax
 stat ore et ignes efflat et rutilat, iubam
 ceruice iactans; quidquid autumnus grauis
 hiemsque gelido frigida spatio refert 950
 uno impetu transiliet et uerni petet
 frangetque Tauri colla.

AM. Quod subitum hoc malum est?

Quo, nate, uultus huc et huc acres refers
 acieque falsum turbida caelum uides?

HER. Perdomita tellus, tumida cesserunt freta, 955
 inferna nostros regna sensere impetus;
 immune caelum est, dignus Alcide labor.

in alta mundi spatia sublimis ferar,
 petatur aether; astra promittit pater.
 — quid, si negaret? Non capit terra Herculem 960
 tandemque superis reddit. En ultro uocat
 omnis deorum coetus et laxat fores,
 una uetante. Recipis et reseras polum?
 An contumacis ianuam mundi traho?
 Dubitatur etiam? Uincla Saturno exuam, 965
 contraque patris impiï regnum impotens
 auum resoluam. Bella Titanes parent,
 me duce furentes; saxa cum siluis feram
 rapiamque dextra plena Centauris iuga.
 Iam monte gemino limitem ad superos agam; 970
 uideat sub Ossa Pelion Chiron suum,
 in caelum Olympus tertio positus gradu
 perueniet aut mittetur.

AM. Infandos procul
 auerte sensus; pectoris sani parum
 magni tamen, compesce dementem impetum. 975

HER. Quid hoc? Gigantes arma pestiferi mouent.
 Profugit umbras Tityos ac lacerum gerens
 et inane pectus quam prope a caelo stetit!
 Labat Cithaeron, alta Pallene tremit
 marcentque Tempe. Rapuit hic Pindi iuga, 980
 hic rapuit Oeten, saeuit horrendum Mimas.
 Flammifera Erinys uerbere excusso sonat
 rogisque adustas propius ac propius sudes
 in ora tendit; saeua Tisiphone, caput
 serpentibus uallata, post raptum canem 985
 portam uacantem clausit opposita face.
 — Sed ecce proles regis inimici latet,
 Lyci nefandum semen. Inuiso patri

- haec dextra iam uos reddet. Excutiat leues
neruus sagittas. Tela sic mitti decet
Herculea. 990
- AM. Quo se caecus impegit furor?
Uastum coactis flexit arcum cornibus
pharetramque soluit, stridet emissa impetu
harundo — medio spiculum collo fugit
uulnere relicto.
- HER. Ceteram prolem eruam 995
omnisque latebras. Quid moror? Maius mihi
bellum Mycenis restat, ut Cyclopia
euersa manibus saxa nostris concidant.
Huc eat et illuc ualua disiecto obice
rumpatque postes; columen impulsum labet. 1000
Perlucet omnis regia: hic uideo abditum
gnatum scelesti patris.
- AM. En blandas manus
ad genua tendens uoce miseranda rogat.
— Scelus nefandum, triste et aspectu horridum:
dextra precantem rapuit et circa furens 1005
bis ter rotatum misit; ast illi caput
sonuit, cerebro tecta disperso madent.
At misera, paruum protegens gnatum sinu,
Megara furenti similis e latebris fugit.
- HER. Licet Tonantis profuga condaris sinu, 1010
petet undecumque temet haec dextra et feret.
- AM. Quo misera pergis? Quam fugam aut latebram petis?
Nullus salutis Hercule infesto est locus.
Amplectere ipsum potius et blanda prece

lenire tempta.

- MEG. Parce iam, coniunx, precor, 1015
 agnosce Megaram. Gnatus hic uultus tuos
 habitusque reddit; cernis, ut tendat manus?
- HER. Teneo nouercam. Sequere, da poenas mihi
 iugoque pressum libera turpi Iouem —
 sed ante matrem paruulum hoc monstrum occidat. 1020
- AM. Quo tendis amens? Sanguinem fundes tuum?
 — Pauefactus infans igneo uultu patris
 perit ante uulnus, spiritum eripuit timor.
 In coniugem nunc claua libratur grauis:
 perfregit ossa, corpori trunco caput 1025
 abest nec usquam est. — Cernere hoc audes, nimis
 uiuax senectus? Si piget luctus, habes
 mortem paratam. — pectori en tela indue,
 uel stipitem istum caede monstrorum illitum
 conuerte; falsum ac nomini turpem tuo 1030
 remoue parentem, ne tuae laudi obstrepat.
- CHO. Quo te ipse, senior, obuium morti ingeris?
 Quo pergis amens? Profuge et obtectus late
 unumque manibus aufer Herculeis scelus.
- HER. Bene habet, pudendi regis excisa est domus. 1035
 Tibi hunc dicatum, maximi coniunx Iouis,
 gregem cecidi; uota persolui libens
 te digna, et Argos uictimas alias dabit.
- AM. Nondum litasti, nate: consumma sacrum.
 stat ecce ad aras hostia, exspectat manum 1040
 ceruice prona; praebeo, occurro, insequor:

macta. — Quid hoc est? Errat acies luminum
 uisusque maeror hebetat, an uideo Herculis
 manus trementes? Uultus in somnum cadit
 et fessa ceruix capite summisso labat; 1045
 flexo genu iam totus ad terram ruit,
 ut caesa siluis ornus aut portum mari
 datura moles. Uiuis an leto dedit
 idem tuos qui misit ad mortem furor?
 Sopor est: reciprocos spiritus motus agit. 1050
 Detur quieti tempus, ut somno graui
 uis uicta morbi pectus oppressum leuet.
 Remouete, famuli, tela, ne repetat furens.

CHORUS

Lugeat aether 1054
 magnusque parens aetheris alti 1054bis
 tellusque ferax
 et uaga ponti mobilis unda,
 tuque ante omnes 1057
 qui per terras tractusque maris 1057bis
 fundis radios
 noctemque fugas ore decoro,
 feruide Titan; 1060
 obitus pariter 1060bis
 tecum Alcides uidit et ortus
 nouitque tuas utrasque domos.
 Soluite tantis animum, o superi,
 soluite monstris; 1064
 rectam in melius flectite mentem. 1064bis
 Tuque, o domitor Somne malorum,
 requies animi,
 pars humanae melior uitae,

uolucres o matris genus astriferae, frater durae languide Mortis, ueris miscens falsa, futuri	1070
certus et idem pessimus auctor, pax o rerum, portus uitae, lucis requies noctisque comes, qui par regi famuloque uenis, pavidum leti genus humanum	1075
cogis longam discere noctem: placidus fessum lenisque foue, preme deuinctum torpore graui; sopor indomitos alliget artus, nec torua prius pectora linquat,	1080
quam mens repetat pristina cursum. En fusus humi	
saeua feroci corde uolutat somnia — nondum est tanti pestis superata mali — clauaeque graui	1082bis 1085
lassum solitus mandare caput quaerit uacua pondera dextra, motu iactans bracchia uano, nec adhuc omnes expulit aestus, sed ut ingenti uexata noto	1085bis
seruat longos unda tumultus et iam uento cessante tumet. pelle insanos fluctus animi; redeat pietas uirtusque uiro.	1090
Uel sit potius mens uesano concita motu; error caecus qua coepit eat; solus te iam praestare potest	1095
furor insontem;	1098
proxima puris sors est manibus	1098bis

nescire nefas.

Nunc Herculeis

percussa sonent pectora palmis; 1101
 mundum solitos ferre lacertos 1101bis
 uerbera pulsent ultrice manu.
 gemitus uastos audiat aether,
 audiat atri regina poli
 uastisque ferox 1105
 qui colla gerit uincta catenis
 imo latitans Cerberus antro.
 resonet maesto clamore chaos
 latique patens unda profundi
 et (qui melius 1110
 tua tela tamen senserat) aer.
 Pectora tantis obsessa malis
 non sunt ictu ferienda leui;
 uno planctu tria regna sonent.

Et tu, collo decus ac telum

suspensa diu, fortis harundo,
 pharetraeque graues, 1117
 date saeua fero uerbera tergo; 1117bis
 caedant umeros robora fortes
 stipesque potens
 duris oneret pectora nodis; 1120
 plangent tantos arma dolores.

Non uos patriae laudis comites

ulti saeuos uulnere reges,
 non Argiua membra palaestra
 flectere docti 1125
 fortes caestu fortesque manu — 1125bis
 iam tamen ausi
 telum Scythicis leue gorytis
 missum certa librare manu,
 tutosque fuga figere ceruos

nondumque ferae terga iubatae. 1130
 Ite ad Stygios, umbrae, portus,
 ite, innocuae,
 quas in primo limine uitae
 scelus oppressit patriusque furor:
 ite, infaustum genus, o pueri, 1135
 noti per iter triste laboris.
 — Ite, iratos uisite reges.

ACTUS QUINTUS

HERCULES. AMPHITRYON. THESEUS

HER. Quis hic locus, quae regio, quae mundi plaga?
 Ubi sum? Sub ortu solis, an sub cardine
 glacialis ursae? Numquid Hesperii maris 1140
 extrema tellus hunc dat Oceano modum?
 Quas trahimus auras? Quod solum fesso subest?
 certe redimus: unde prostrata domo
 uideo cruenta corpora? An nondum exiit
 simulacra mens inferna? Post reditus quoque 1145
 oberrat oculis turba feralis meis?
 Pudet fateri: paueo; nescioquod mihi,
 nescioquod animus grande praesagit malum.
 Ubi es, parens? Ubi illa natorum grege
 animosa coniunx? Cur latus laeuum uacat 1150
 spolio leonis? Quonam abit tegimen meum
 idemque somno mollis Herculeo torus?
 Ubi tela? Ubi arcus? Arma quis uiuo mihi
 detrudere potuit? Spolia quis tanta abstulit
 ipsumque quis non Herculis somnum horruit? 1155
 Libet meum uidere uictorem, libet —
 exsurge, uirtus. Quem nouum caelo pater
 genuit relicto, cuius in fetu stetit

nox longior quam nostra?

— Quod cerno nefas?

Nati cruenta caede confecti iacent, 1160

perempta coniunx. Quis Lycus regnum obtinet,

quis tanta Thebis scelera moliri ausus est

Hercule reuerso? Quisquis Ismeni loca,

Actaea quisquis arua, qui gemino mari

pulsata Pelopis regna Dardanii colis, 1165

succurre, saeuae cladis auctorem indica.

Ruat ira in omnis: hostis est quisquis mihi

non monstrat hostem. Uictor Alcidae, lates?

Procede, seu tu uindicas currus truces

Thracis cruenti siue Geryonae pecus 1170

Libyaeue dominos, nulla pugnandi mora est.

En nudus adsto; uel meis armis licet

petas inermem.

Cur meos Theseus fugit

paterque uultus? Ora cur condunt sua?

Differte fletus; quis meos dederit neci 1175

omnes simul, profare — quid, genitor, siles?

At tu ede, Theseu — sed tua, Theseu, fide.

Uterque tacitus ora pudibunda obtegit

furtimque lacrimas fundit. In tantis malis

quid est pudendum? Numquid Argiuae impotens 1180

dominator urbis, numquid infestum Lyci

pereuntis agmen clade nos tanta obruit?

Per te meorum facinorum laudem precor,

genitor, tuique nominis semper mihi

numen secundum, fare. Quis fudit domum? 1185

cui praeda iacui?

AM. Tacita sic abeant mala.

HER. Ut inultus ego sim?

- AM. Saepe uindicta obfuit.
- HER. Quisquamne segnis tanta tolerauit mala?
- AM. Maiora quisquis timuit.
- HER. His etiam, pater,
quicquam timeri maius aut grauius potest? 1190
- AM. Cladis tuae pars ista quam nosti quota est!
- HER. Miserere, genitor, supplices tendo manus.
quid hoc? Manus refugit — hic errat scelus.
unde hic cruor? Quid illa puerili madens
harundo leto? Tincta Lernaea est nece. 1195
iam tela uideo nostra. Non quaero manum.
quis potuit arcum flectere aut quae dextera
sinuare neruum uix recedentem mihi?
Ad uos reuertor, genitor: hoc nostrum est scelus?
Tacuere — nostrum est.
- AM. Luctus est istic tuus, 1200
crimen nouercae; casus hic culpa caret.
- HER. Nunc parte ab omni, genitor, iratus tona;
oblite nostri, uindica sera manu
saltem nepotes. Stelliger mundus sonet
flammasque et hic et ille iaculetur polus. 1205
rupes ligatum Caspiae corpus trahant
atque ales auida; cur Promethei uacant
scopuli? Uacat cur uertice immenso feras
uolucresque pascens Caucasi abruptum latus
nudumque siluis? Illa quae Pontum Scythen 1210

Symplegas artat hinc et hinc uinctas manus
 distendat alto, cumque reuocata uice
 in se coibunt saxa et in caelum expriment
 actis utrimque rupibus medium mare,
 ego inquieta montium iaceam mora. 1215
 Quin structum aceruans nemore congesto aggerem
 cruore corpus impio sparsum cremo?
 Sic, sic agendum est: inferis reddam Herculem.

AM. Nondum tumultu pectus attonito carens
 mutauit iras, quodque habet proprium furor, 1220
 in se ipse saeuit.

HER. Dira Furiarum loca
 et inferorum carcer et sonti plaga
 decreta turbae! Si quod exilium latet
 ulterius Erebo, Cerbero ignotum et mihi,
 hoc me abde, Tellus; Tartari ad finem ultimum 1225
 mansurus ibo.

Pectus o nimium ferum!
 Quis uos per omnem, liberi, sparsos domum
 deflere digne poterit? Hic durus malis
 lacrimare uultus nescit. Huc arcum date,
 date huc sagittas, stipitem huc uastum date. 1230
 Tibi tela frangam nostra, tibi nostros, puer,
 rumpemus arcus; at tuis stipes grauis
 ardebit umbris; ipsa Lernaeis frequens
 pharetra telis in tuos ibit rogos —
 dent arma poenas. Uos quoque infaustas meis 1235
 cremabo telis, o nouercales manus.

AM. Quis nomen usquam sceleris errori addidit?

HER. Saepe error ingens sceleris obtinuit locum.

- AM. Nunc Hercule opus est: perfer hanc molem mali.
- HER. Non sic furore cessit extinctus pudor, 1240
 populos ut omnes impio aspectu fugem.
 Arma, arma, Theseu, flagito propere mihi
 subtracta reddi. Sana si mens est mihi,
 referte manibus tela; si remanet furor,
 pater, recede: mortis inueniam uiam. 1245
- AM. Per sancta generis sacra, per ius nominis
 utrumque nostri, siue me altorem uocas
 seu tu parentem, perque uenerandos piis
 canos, senectae parce desertae, precor,
 annisque fessis; unicum lapsae domus 1250
 firmamen, unum lumen afflicto malis
 temet reserua. Nullus ex te contigit
 fructus laborum; semper aut dubium mare
 aut monstra timui; quisquis in toto furit
 rex saeuus orbe, manibus aut aris nocens, 1255
 a me timetur; semper absentis pater
 fructum tui tactumque et aspectum peto.
- HER. Cur animam in ista luce detineam amplius
 morerque nihil est; cuncta iam amisi bona,
 mentem arma famam coniugem natos manus, 1260
 etiam furorem. Nemo polluto queat
 animo mederi; morte sanandum est scelus.
- AM. Perimes parentem.
- HER. Facere ne possim, occidam.
- AM. Genitore coram?

- HER. Cernere hunc docui nefas.
- AM. Memoranda potius omnibus facta intuens 1265
unius a te criminis ueniam pete.
- HER. Veniam dabit sibi ipse, qui nulli dedit?
Laudanda feci iussus: hoc unum meum est.
succurre, genitor; siue te pietas mouet
seu triste fatum siue uiolatum decus 1270
uirtutis, effer arma; uincatur mea
Fortuna dextra.
- THE. Sunt quidem patriae preces
satis efficaces, sed tamen nostro quoque
mouere fletu. Surge et aduersa impetu
perfringe solito. Nunc tuum nulli imparem 1275
animum malo resume, nunc magna tibi
uirtute agendum est; Herculem irasci ueta.
- HER. Si uiuo, feci scelera; si morior, tuli.
Purgare terras propero; iamdudum mihi
monstrum impium saeuumque et immite ac ferum 1280
oberrat: agedum, dextra, conare aggredi
ingens opus, labore bis seno amplius.
Ignaue, cessas, fortis in pueros modo
pauidasque matres? — Arma nisi dantur mihi,
altum omne Pindi Thracis excidam nemus 1285
Bacchique lucos et Cithaeronis iuga
mecum cremabo, aut tota cum domibus suis
dominisque tecta, cum deis templa omnibus
Thebana supra corpus excipiam meum
atque urbe uersa condar, et, si fortibus 1290
leue pondus umeris moenia immissa incident
septemque opertus non satis portis premar,

onus omne media parte quod mundi sedet
dirimitque superos, in meum uertam caput.

AM. Reddo arma.

HER. Vox est digna genitore Herculis. 1295
hoc en peremptus spiculo cecidit puer.

AM. Hoc Iuno telum manibus immisit tuis.

HER. Hoc nunc ego utar.

AM. Ecce quam miserum metu
cor palpitat pectusque sollicitum ferit.

HER. Aptata harundo est.

AM. Ecce iam facies scelus 1300
uolens sciensque.

HER. Pande, quid fieri iubes?

AM. Nihil rogamus; noster in tuto est dolor:
natum potes seruare tu solus mihi,
eripere nec tu. Maximum euasi metum;
miserum haut potes me facere, felicem potes. 1305

sic statue, quidquid statuis, ut causam tuam
famamque in arto stare et ancipiti scias:
aut uiuis aut occidis. Hanc animam leuem
fessamque senio nec minus fessam malis
in ore primo teneo. Tam tarde patri 1310
uitam dat aliquis? Non feram ulterius moram,
letale ferrum pectori impresso induam;
hic, hic iacebit Herculis sani scelus.

- HER. Iam parce, genitor, parce, iam reuoca manum.
Succumbe, uirtus, perfer imperium patris. 1315
eat ad labores hic quoque Herculeos labor:
uiuamus. Artus alleua afflictis solo,
Theseu, parentis. Dextra contactus pios
scelerata refugit.
- AM. Hanc manum amplector libens,
hac nisus ibo, pectori hanc aegro admouens 1320
pellam dolores.
- HER. Quem locum profugus petam?
Ubi me recondam quae tellure obruar?
Quis Tanais aut quis Nilus aut quis Persica
uiolentus unda Tigris aut Rhenus ferox
Tagusue Hibera turbidus gaza fluens 1325
abluere dextram poterit? Arctoum licet
Maeotis in me gelida transfundat mare
et tota Tethys per meas currat manus,
haerebit altum facinus. In quas impius
terras recedes? Ortum an occasum petes? 1330
Ubique notus perdidit exilio locum.
Me refugit orbis, astra transuersos agunt
obliqua cursus, ipse Titan Cerberum
meliore uultu uidit. O fidum caput,
Theseu, latebram quaere longinquam, abditam; 1335
quoniamque semper sceleris alieni arbiter
amas nocentes, gratiam meritis refer
uicemque nostris: redde me infernis, precor,
umbris reductum, meque subiectum tuis
restitu uinclis; ille me abscondet locus — 1340
sed et ille nouit.

THE. Nostra te tellus manet.
illic solutam caede Gradivus manum
restituit armis; illa te, Alcide, uocat,
facere innocentes terra quae superos solet.



Notas

Os dados reunidos nestas notas tiveram como fontes principais os exaustivos comentários de John Fitch, feitos em *Seneca's "Hercules Furens" – A critical text with introduction and commentary*, as notas de uma edição norte-americana da peça, de Charles Beck (*Hercules Furens — tragedy of Seneca*) e da edição espanhola de Jesús Luque Moreno (*Séneca, Tragedias*, vol. 1), e também os verbetes do *Dicionário da mitologia grega e romana*, de Pierre Grimal, obras que poderão ser consultadas pelo leitor que desejar um maior aprofundamento nos detalhes concernentes às demais especificidades filológicas do texto senequiano e às intrincadas correlações das narrativas mitológicas da Antiguidade Clássica.



As indicações a seguir referem-se à numeração dos versos latinos, correspondendo à numeração aproximada das linhas na tradução em prosa.

PRIMEIRO ATO

6-18 Nestes versos, Juno elenca as célebres traições de Júpiter e seus frutos, alguns deles eternizados no céu sob a forma de constelações: a Ursa, Europa, as Plêiades, Órion, Perseu, os Gêmeos (Cástor e Pólux), Apolo e Diana (Sol e Lua).

6-7 *A Ursa, altiva constelação*: Calisto, uma ninfa dos bosques com a qual Júpiter se uniu, sob a forma de Ártemis.

8 *Aquele que por entre as ondas raptou Europa, a tíria*: Referência ao mito de Europa, filha de Agenor e Telefaassa, seduzida por Júpiter sob a forma de um touro. Dessa união nasceram Minos, Sarpédon e Radamante.

10-11 *Ali, as Atlântides, vagando por todo lado*: Referência às Plêiades, as sete filhas de Atlas e Plêione. Três das irmãs se uniram a Júpiter: Maia, Electra e Taígete.

12 *Órion, ameaçador, aterroriza os deuses com sua espada:* Órion foi um gigante caçador, filho de Euríale e Posídon. Não é claro o motivo de sua inclusão por Sêneca no rol das infidelidades de Júpiter. Fitch levanta diversas hipóteses (Cf. FITCH, 1987, p. 123); uma delas alude ao fato de Órion ser um perseguidor das Plêiades, constituindo para Juno um reforço da recordação da traição de Júpiter com as filhas de Atlas.

13 *Perseu, áureo, sustém suas estrelas:* herói argivo, filho de Júpiter e Dânae.

14 *Gêmeos Tindáridas:* Cástor e Pólux, sendo este último um fruto da união de Júpiter e Leda, esposa de Tíndaro. Conhecidos como Dióscoros, os gêmeos eram irmãos de Helena e Clitemnestra.

15 *Aqueles por cujo nascimento firmou-se a terra outrora móvel:* Apolo e Diana, filhos de Júpiter e Leto; quando de seu nascimento, a ilha de Delos, outrora flutuando no mar Egeu, tornou-se fixa. Apolo e Diana correspondiam ao Sol e à Lua.

16 *O próprio Baco e sua mãe acessaram os súperos:* a mãe de Baco era Sêmele, filha de Cadmo, fundador de Tebas, e Harmonia. Baco (Dioniso entre os gregos) nasceu da união de Sêmele e Zeus (Júpiter); depois de ter sido morta e ressuscitada, ascendeu ao Olimpo.

18 *Grinalda da jovem de Cnosso:* Ariadne, desposada por Baco após ter sido abandonada por Teseu, recebeu de Hefesto, como presente de núpcias, um diadema de ouro, que depois se tornou uma constelação, símbolo do amor de Ariadne e Baco.

20 *Tebas, uma terra cruel e selvagem, repleta de sacrílegas moças:* podem ser citadas Sêmele (de cuja união com Júpiter nasceu Baco) e Antíope, que de Júpiter concebeu os gêmeos Anfíon e Zeto, além de Alcmena, mãe de Hércules.

46 *Vem armado com o leão e com a hidra:* isto é, com a pele do Leão de Nemeia e o veneno da Hidra de Lerna. Para explicação mais detalhada sobre os Trabalhos de Hércules, cf. nota referente aos versos 216-48.

47 *Jove infernal*: i.e. Plutão, irmão de Júpiter. Para designações perifrásticas de Hades/Plutão (“Júpiter infernal”), cf. Virgílio, *Eneida*, 4.638.

59 *tenebroso cão*: Cérbero, guardião da entrada do Hades, o reino dos mortos. Sua captura por Hércules constituiu o 12º Trabalho (cf. nota aos versos 216-48, sobre os Doze Trabalhos de Hércules).

70-74 *sube, carregando-o, que o céu pode ser vencido por sua força*: Alusão ao episódio em que Hércules assumiu o lugar de Atlas em sua tarefa de carregar nos ombros a abóbada celeste. Esse episódio é referida intratextualmente nos versos 425 (“Não será oprimido por peso algum aquele que carregou o céu”), 528 (“mãos que já sustentaram o céu”) e 1101 (“braços acostumados a carregar o mundo”).

78 *Euristeu, farto de dar ordens*: Rei de Micenas, Euristeu era um descendente de Perseu; nascera de parto prematuro, por intervenção de Hera, para que herdasse, no lugar de Hércules (também descendente de Perseu), o reinado de Micenas, profeticamente destinado por Zeus a quem dos dois nascesse primeiro. Na tradição mitológica, existem muitas variantes sobre os detalhes da animosidade entre Hércules e Euristeu; segundo algumas fontes, os Doze Trabalhos foram ordenados a Hércules por Euristeu como expiação pelo assassinato perpetrado pelo herói aos próprios filhos, o que entraria em conflito com a ordem dos eventos apresentadas nas peças de Eurípidés e Sêneca. No verso 830 o coro menciona o detalhe do nascimento de Euristeu: “Nascido de parto prematuro, Euristeu ordenara que penetrasse o fundo do mundo.” Para detalhes sobre os Dozes Trabalhos, cf. nota aos versos 216-48.

80 *montanha siciliana*: referência ao Etna, usado por Zeus para subjugar Encélado.

81 *Gigante derrubado*: Encélado, gigante aprisionado na Sicília durante a luta de Zeus contra os Gigantes.

83 *Que a Lua sublime conceba outras feras*: em algumas fontes, o Leão de Nemeia é referido como sendo originado da Lua (Selene).

87 *Eumênides*: designação eufemística das Erínias (“Benevolentes”), as Fúrias romanas (cf. nota ao verso 102).

92-4 *Discórdia*: equivalente romana de Éris, filha da Noite.

100 *servas de Plutão*: i.e. as divindades infernais mencionadas nos versos anteriores, as Fúrias/Eumênides.

102 *Megeira conduza essa horrenda tropa*: uma das Fúrias, deusas vingadoras (Tisífone, Alecto e Megeira).

124 *Titã*: i.e. o Sol, identificado com Hipérion, um dos Titãs. Sobre os cavalos do Sol (verso 132), cf. Ovídio, *Fasti*, 3.449.

128 *Lúcifer*: no original consta a forma helenizada *Phosphoros*, “aquele que traz a luz”, “portador da luz”, referência à Estrela da manhã (o planeta Vênus). Cf. Ovídio, *Met.* 2. 115; 11.98. É oportuno ressaltar a problemática associação de Lúcifer com Satã na tradição judaico-cristã. A esse respeito, cf. o interessante trabalho de Henry Ansgar Kelly, *Satã — uma biografia* (Ed. Globo, 2008), do qual transcrevo alguns excertos que iluminam essa questão da correlação Lúcifer-Satã:

“Foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que os acusava, dia e noite, diante do nosso Deus. Apocalipse, 12:10/ *Eu, Jesus, sou a estrela radiosa da manhã*. Apocalipse, 22:16 — Apresento as citações acima, extraídas do Apocalipse, como emblemáticas da história de Satã que se segue. A primeira indica a função de Satã como Promotor Público Celestial contra a Humanidade, uma posição da qual ele será destituído em algum momento no futuro, segundo essa profecia visionária. A segunda, extraída da última página do Novo Testamento, traz Jesus que se autodenomina a Estrela Radiosa da Manhã, ou, em latim, Lúcifer (“Aquele que traz a Luz”, o nome do planeta Vênus quando surge no leste). *É apenas no período pós-bíblico que Lúcifer está associado a Satã* [grifo meu], ou que se considera que Satã tenha sido expulso dos Céus antes da criação de Adão e Eva, ou que Satã tenha tido qualquer conexão com Adão e Eva.” (p. 9) [...] “A ideia de que Satã teria adquirido direitos sobre a raça humana por causa do pecado de Adão e Eva era a única elaboração teológica de importância da Biografia de Satã da Época Patrística, que foi refutada e rejeitada durante a Idade Média. Outros mitos patrísticos, em particular a identificação de Satã com a Serpente do Éden e com o rei da Babilônia em sua *persona* soberba da Estrela da Manhã – Lúcifer –, permaneceram intactos.” (pp. 257-8) [...] “A interpretação alegórica de Orígenes sobre Satã como Lúcifer incluiu apenas a ascensão altiva de Lúcifer e sua queda dos Céus, limitado aos versos 12 a 14 do capítulo 14 de Isaías” (p. 272) [...] “...o Diabo é mencionado

em Isaías 14, na figura do Príncipe da Babilônia, assim: ‘Como tu caíste, Ó Lúcifer, tu que eras o nascer da manhã!’ (Isaías 14:12)” (p. 288) [...] “No cristianismo o mito reaparece como a queda de Lúcifer e de seus anjos assistentes (cf. Lucas 10:18)” (p. 359)

No *Dicionário da mitologia* de Grimal, lê-se que “Fósforo (Φωσφόρος) é o nome com que por vezes se designa a Estrela da Manhã, geralmente chamada Heósforo. Traduzido em latim, o seu nome é Lúcifer, muitas vezes usado na poesia como personificação do astro que anuncia a Aurora e traz a luz do dia.” (GRIMAL, 2005, p. 178).

133 *Eta*: monte entre a Tessália e a Dória. Nesse monte Hércules perecerá, episódio apresentado em *Hércules no Eta*, peça atribuída a Sêneca. (Para uma análise detalhada dessa peça, cf. HELENO, José Geraldo. *Hércules no Eta – uma tragédia estoica de Sêneca*. Tese de doutoramento. FFLCH-USP, 2006).

134 *bosques já famosos pelas cadmeias bacantes*: Alusão aos bosques do monte Citéron, onde o herói Penteu, opositor do culto a Baco, fora trucidado pelas bacantes em delírio, umas das quais era a sua própria mãe, Agave, filha de Cadmo.

136 *E foge a irmã de Febo, que há de retornar*: referência intratextual que remete ao verso 176, “momentos que nunca retornarão”.

149 *Concubina trácia: i.e. o rouxinol*, em alusão ao mito de Procne, metamorfoseada em rouxinol.

181 *As duras irmãs*: alusão às Parcas (também mencionadas explicitamente no verso 188, “As Parcas vêm no tempo certo”), divindades do Destino, equivalentes romanas das Moiras gregas, três irmãs representadas como fiandeiras, que tecem e cortam o fio do destino dos homens.

185 *Ondas estígias*: alusão metonímica ao mundo dos mortos (Estige, rio dos Infernos). Cf. Virgílio, *Eneida*, 3. 215; Ovídio, *Met.* 3.272; Sêneca, *Medeia*, 805).

201 *A virtude excessiva desaba profundamente*: A questão da *virtus animosa* é uma importante para chave para a compreensão do drama, pois sintetiza a concepção senequiana de virtude. Cf. SÊN. *Ep.* 71.18: “Os antigos Acadêmicos admitem que se possa ser feliz no meio da tortura, mas

não de uma forma total e plena. Tal posição é inaceitável: se não se for feliz, não se pode gozar do supremo bem. O supremo bem não admite qualquer grau superior a si, desde que nele se contenha a virtude, e desde que a virtude não seja diminuída pela adversidade e permaneça intacta mesmo que o corpo sofra alguma amputação: e de fato a virtude mantém-se! É que eu concebo a virtude como animosa e sublime, e tanto mais ardente quanto mais obstáculos encontra”. O exclamação inicial do segundo coro, “Ó Fortuna, invejosa dos varões fortes” (v. 524) de certa forma ecoa este alerta sobre a virtude híbrística, feita no párodo.

SEGUNDO ATO

205 *Ó grande soberano do Olimpo e senhor do mundo: Júpiter.*

216 *Serpentes cristadas de duas cabeças:* Mortas pelo pequenino Hércules, tais cobras (que Higino denomina “dragões”) foram enviadas por Hera, num dos primeiros sinais de seu ódio mortal. (cf. HIGINO, *Fabulae*, 30).

216-48 Neste trecho, Sêneca elenca onze dos Doze Trabalhos de Hércules (o 12^o, a captura de Cérbero, é explicitado mais adiante, no início do terceiro ato da peça). Para outras fontes latinas versando sobre a tópica dos Doze Trabalhos, cf. VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 288-300; OVÍDIO, *Her.* 9.85-100 e *Met.* 9.182-98; CÍCERO. *Tusc.* 2.8-9. **221-222** *exercitou-se para a Hidra: a Hidra de Lerna* (2^o Trabalho), monstro mitológico morto por Hércules, e com cujo sangue o herói envenenou suas flechas; **222-223** *A ligeira fera de Mênalo: a Corça de Cerineia*, consagrada a Ártemis, era um animal muito veloz, com chifres de ouro, que perambulava pelos montes da Arcádia; foi apanhada e morta por Hércules (3^o Trabalho); **224-225** *gemeu o Leão, máximo temor de Nemeia:* o **Leão de Nemeia**, caçado por Hércules, que o matou com os próprios braços (1^o Trabalho); **226-227** *Para que recordar os terríveis estábulos do povo bistônio:* referência às **Éguas de Diomedes**, quatro éguas de propriedade de Diomedes, rei da Trácia; segundo a lenda, esses animais se alimentavam de carne humana, sendo que Hércules lhes ofereceu o próprio Diomedes como pasto, podendo assim conduzi-los a Micenas (8^o Trabalho); **228-229** *E o hirsuto monstro de Mênalo, habitual nos densos cimos de Erimanto:* o **Javali de Erimanto**, animal feroz que habitava o cume do monte Erimanto (na região do Mênalo, que Sêneca utiliza metonimicamente para designar a Arcádia) foi capturado e morto por Hércules (4^o Trabalho); **230** *E o touro, medo não*

desprezível para uma centena de povos: o **Touro de Creta**, touro bravio que, segundo uma versão da lenda, foi o mesmo que raptara Europa (desconsiderando o mito de que o próprio Zeus fora quem se metamorfoseou em touro para raptar a jovem cretense); em outra versão, trata-se do touro amado por Pasífae, esposa de Minos (rei de Creta); por fim, pode-se tratar de um touro de Minos, tornado furioso por Possêidon pelo fato de o rei de Creta não tê-lo sacrificado aos deus dos mares. O Touro de Creta foi capturado por Hércules e levado à Grécia (7^o Trabalho); **231-238** *Entre os longínquos rebanhos das raças de Hespéria pereceu o triforme pastor do litoral tartéssio*: Os **Bois de Gerião**, rebanho colossal de Gerião, gigante de três cabeças, com o corpo triplo até o quadril. Após derrotar Gerião, bem como Eurítion (o pastor do rebanho) e seu monstruoso cão de guarda (Ortro, irmão de Cérbero), Hércules conduziu o enorme rebanho a Micenas (10^o Trabalho); (inúmeras peripécias lendárias fazem parte do episódio do rapto dos Bois de Gerião; no verso 234, Sêneca apenas faz alusão ao monte Citéron, nas proximidades de Tebas, que serviu de pasto as bois; Sêneca menciona ainda, nos versos 235 a 238, a lenda da abertura do estreito de Gibraltar, feito sobrenatural que Hércules executou com sua descomunal força física, ao romper os rochedos de Abila e Calpe, abrindo, assim, a passagem do mar Mediterrâneo para o Oceano Atlântico); **239-240** *Espólios dourados da vigilante serpente*: os Pomos dourados das Hespérides, frutos tradicionalmente identificados como maçãs de ouro do jardim de Hera, jardim guardado pelas Hespérides, as três ninfas da Tarde. Os frutos eram especialmente vigiados por um monstro mitológico, por vezes identificado como um dragão de cem cabeças (a serpente do verso 240). Euristeu incumbira Hércules de furtar esses pomos dourados (11^o Trabalho); **241-242** *Os cruéis monstros de Lerna*: referência ao 2^o Trabalho, a **Hidra de Lerna**, já anunciado nos versos 221-222; Sêneca refere-se à Hidra no plural, “monstros”, em alusão à suas múltiplas cabeças (“múltiplo mal”), que renasciam após serem cortadas: somente por meio do fogo Hércules pode derrotar esse monstro (“finalmente não os venceu com fogo e os instruiu a morrer?”); **243-244** *E as Estinfálides — habituadas a esconder o dia com suas asas abertas*: As **Aves do Estínfalo**, pássaros mitológicos habitantes da floresta às margens do lago Estínfalo (na Arcádia); segunda algumas versões do mito, essas aves haviam se tornado uma praga, destruindo as colheitas da região vizinha ao Estínfalo; em outras versões, as aves possuíam penas metálicas, que eram arremessadas à semelhança de dardos. De maneira hiperbolicamente original, Sêneca afirma no texto poético que Hércules caçou essas aves “desde as próprias nuvens”, o que também poderia significar que o herói as abateu com seus dardos (6^o Trabalho); **245-246** *Não o venceu a solitária rainha do povo de Termodonte*: o **Cinto de Hipólita**, a rainha das Amazonas, cujo reino era situado nos arredores do rio Termodonte; esse cinto fora apresentado por Ares à rainha das guerreiras Amazonas e a conquista desse cinto por Hércules, após inúmeras peripécias bélicas, constituiu o

9^o Trabalho; **247-248** *E o trabalho do horrendo estábulo de Augeu*: as **Cavaliças de Augeu**, rei da Élide, filho do Sol, eram estábulos incrivelmente imundos, cujo trabalho de limpeza, além de humilhante, era praticamente impossível: para tanto, Hércules desviou o curso de dois rios, lavando o “horrendo estábulo” (5^o Trabalho); o mais desafiador dos Trabalhos (o 12^o Trabalho de Hércules), a **Captura de Cérebro**, guardião das portas do Hades, é evocado no monólogo de Hércules no início do terceiro ato da peça (vv. 592-617) e minuciosamente descrito no longo relato da catábase feito por Teseu, especificamente nos versos 783-827.

255 *filhos defensores do reino paterno*: os irmãos de Mégara, filhos de Creonte, mortos por Lico.

256 *derradeira estirpe do nobre Cadmo*: o próprio Creonte, rei de Tebas.

261 *juventude nascida com rigorosa espada*: alusão aos *Spartoi*, homens belicosos que nasceram do dentes de um dragão de Ares, dentes que Cadmo plantara na terra, instruído por Atena; após um embate entre os próprios *Spartoi*, apenas cinco sobreviveram, dando origem às raças de Tebas.

262 *cujos muros construiu Anfíon*: Filho de Zeus e Antíope, Anfíon era irmão de Zeto; segundo a lenda, os dois irmãos foram responsáveis pela construção dos muros de Tebas: Zeto carregando as pedras, e Anfíon atraindo-as com sua música.

268 *raça de Ofíon*: Ofíon é o nome de um Titã, mas não é claro o motivo dessa ocorrência neste verso de Sêneca. Fitch (*op. cit.*, p. 202) cita inclusive que certos críticos sugeriram a correção do original “*Ophionium genus*” para “*Amphionius genus*”, raça de Anfíon, o que faria mais sentido aqui, mas nenhum manuscrito corrobora essa leitura.

269 *ignaro expatriado*: Lico, o tirano. Essa personagem não tem nenhuma relação com o antigo herói, pai dos fundadores de Tebas, Anfíon e Zeto. O Lico usurpador é uma criação de Eurípides.

283 *abriu-se o vale do Tempe*: Tarefa hercúlea semelhante à abertura do estreito de Gibraltar (v. 237), a criação do vale do Tempe, por Hércules, consistiu na abertura de uma passagem para o rio Peneu (ou Peneios, o “tessálio rio”), entre os montes Ossa e Olimpo.

290 *termos das coisas*: ou seja, os limites do mundo superior e inferior.

334 *oblíqua Fócida*: região montanhosa da Grécia, entre a Beócia e a Etólia, onde se situa o monte Parnaso; *Ismeno*: rio da Beócia.

335 *Citéron*: monte da Beócia (*cf.* notas aos versos 134 e 234)

336 *estreito Istmo*: o Istmo de Corinto.

357 *verdadeiro genitor do Alcida*: Lico se refere despeitadamente a Anfitrião, desacreditando do fato de ser Júpiter o verdadeiro genitor de Hércules.

376 *Cila juntará o flanco siciliano ao ausônio*: Quanto a Cila, não é certo se a alusão de Sêneca diz respeito ao famoso monstro marinho (hipótese menos provável, na opinião de John Fitch, (*op. cit.*, p. 223) ou ao Estreito de Messina, que separa a Sicília (“flanco siciliano”) da península itálica (“flanco ausônio”, *i.e.* italiano).

378 *fúgido Euripo*: estreito entre a Beócia e a Eubeia.

386 *mães sofridas e inclinadas a crimes*: alusão às mulheres tebanas envolvidas em crimes de filicídio: 1) Agave, mãe de Penteu, já mencionada, indiretamente, no verso 134 (“cadmeias bacantes”), que num delírio dionisíaco trucidou seu filho; 2) Ino, irmã de Sêmele (mãe de Baco), que acolheu o pequeno Baco por conta da morte de sua mãe; enfurecida pelo fato de Ino criar o fruto de uma união adúltera, Juno fez com que Ino e seu esposo enlouquecessem e matassem os próprios filhos.

387-88 *uma dupla atrocidade e um misto nome de cônjuge, filho e pai*: referência ao duplo crime de Édipo, que matou o próprio pai, Laio, e se uniu incestuosamente a Jocasta, sua mãe, daí o “misto nome”: Édipo era cônjuge e filho de Jocasta, e, portanto, pai de seus próprios irmãos, Etéocles, Polinices, Antígone e Ismene.

389 *duplo acampamento de irmãos*: ou seja, a trágica disputa de Etéocles e Polinices pelo reino de Tebas, que resultou na morte de ambos, episódio central da *Antígone* de Sófocles.

390 *soberba mãe tantálida*: Níobe, filha de Tântalo. Sendo mãe de muitos filhos, Níobe desdenhou de Leto, mãe apenas de Apolo e Ártemis. Para vingar tal ultraje, os dois filhos de Leto massacraram quase todos os filhos de Níobe, que fugiu para o monte Sípilo, onde os deuses a transformaram numa rocha: mesmo petrificada, Níobe continuou a chorar pela morte de seus filhos.

392-93 *o próprio Cadmo, erguendo sua terrível cabeça cristada*: Rei e fundador de Tebas, Cadmo foi transformado em serpente no final de sua vida. (cf. EURÍPIDES, *Bacantes*, vv. 1330 e ss.).

425 *aquele que carregou o céu*: menção ao episódio em que Hércules carregou o mundo no lugar do gigante Atlas.

444 *Flegra espargida com ímpio sangue*: Flegra, na região da Tessália, foi palco de um grande embate entre Hércules e os gigantes Alcioneu e Porfirion, ambos abatidos pelo herói, em defesa dos deuses olímpicos.

451 *O pastor de Delos alimentou os rebanhos de Feras*: Como castigo por ter matado os Ciclopes, Zeus ordenou a Apolo que servisse um mortal: o deus escolheu, então, servir o rei Admeto, em Feras, na região da Tessália.

453 *mãe exilada em uma terra instável*: Referência a Leto, mãe de Apolo e Ártemis, a qual deu à luz os filhos na ilha de Delos (cf. nota ao verso 15).

455 *Um dragão foi o primeiro a embeber as setas de Febo*: A serpente Píton, morta por Apolo.

456 *quão graves males o infante padeceu*: Possível menção às serpentes enviadas por Hera (cf. nota ao verso 216).

457 *Expulso do útero de sua mãe por um raio*: Alusão ao nascimento de Baco, ocasionado pelo fulgor de Zeus perante Sêmele, a qual, conseqüentemente, pereceu.

460 *Aquele que governa os astros, que agita as nuvens, quando menino não se escondeu na caverna de um rochedo corroído:* Quando nasceu, Zeus precisou ser ocultado por Reia (Cibebe) numa caverna do monte Ida, para que seu pai, Crono (Saturno para os romanos), não o matasse.

465-71 *Chamaríamos “forte”...:* Lico evoca o episódio segundo o qual Hércules serviu como escravo de Ônfale, rainha da Lídia: segundo algumas versões do mito, enquanto a rainha usava a pele do leão de Nemeia, vestimenta de Hércules, o próprio herói cingia-se com uma túnica feminina, agindo efeminadamente.

472 *delicado Baco:* segundo Fitch (*op. cit.*, p. 240), a efeminação tradicionalmente atribuída a Baco pode ser verificada já em Eurípides (*As Bacantes*, vv. 453 e ss.); na literatura latina, Ovídio também corrobora essa tradição (*cf. Metamorfoses*, 3.555 e ss; e 607).

477 *casa do arruinado Êurito:* Rei da Ecália, Êurito era o pai da jovem Íole, disputada por Hércules num concurso de arco e flecha. Fitch (*op. cit.*, p. 242) recorda que muitos comentadores consideram esta alusão senequiana como sendo mitologicamente anacrônica, pois o rapto de Íole ocorreu no final da vida de Hércules, dado que foi justamente o envolvimento do herói com Íole a causa do ciúmes de Dejanira, a qual tramou a morte de Hércules.

482 *Érix:* Filho de Butes e Vênus, Érix se envolveu num duelo mortal com Hércules, para disputar os bois de Gerião; *libio Anteu:* Gigante filho de Possêidon e Geia, morto por Hércules quando este passou pela Líbia, em busca dos pomos de ouro.

484 *Busíris:* Rei do Egito, que costumava sacrificar estrangeiros; foi morto por Hércules.

486 *Cicno:* Filho de Ares e Pelópia, Cicno era um salteador sanguinário, morto em luta com Hércules.

487 *não singular Gerião:* *cf.* nota aos versos 216-248

490 *deste uma esposa a Júpiter:* *i.e.* Alcmena, mulher de Anfitrião.

495 *Lábdaco:* Neto de Cadmo, pai de Laio, avô de Édipo.

498 *cruentas noras do rei do Egito*: Alusão às Danaides, as cinquenta filhas de Dânao, irmão de Egito, cujos filhos desposaram as filhas Dânao. Em promessa ao pai (que nutria antiga inimizade com o irmão Egito), as Danaides mataram seus esposos na noite de núpcias; somente uma não cumpriu a ordem do pai, Hipermestra, que poupou a vida de seu esposo Linceu. No Inferno, foram condenadas a perpetuamente tentar encher vasos furados.

526 *Reine Euristeu em fácil ócio*: cf. nota ao verso 78.

528 *mãos que já sustentaram o céu*: cf. nota aos versos 70-74

533-34 *as errantes casas de Cítia e os povos estrangeiros em suas moradas paternas*: alusão ao nomadismo dos citas.

535-541 *superfícies congeladas do oceano...*: i.e. as águas geladas do Ponto Euxino, o mar Negro. Os sármatas habitavam o norte do mar Negro, nas proximidades da Cítia. É nessa região que se localizava a nação das Amazonas.

542 *aquela que impera sobre as raças sem marido*: a rainha das Amazonas (cf. nota aos versos 216-248).

550 *nenhum Noto, nenhum Favônio*: Noto, o vento do Sul; Favônio, o vento ocidental, o mesmo que Zéfiro.

552 *gêmea linhagem dos tindáridas*: Cástor e Pólux, cf. nota ao verso 14

560 *rei que impera sobre povos inúmeros*: Plutão.

561 *Pilos de Nestor*: Cidade nas proximidades do mar Jônio, terra de Nestor, o qual foi o único sobrevivente de uma massacre perpetrado por Hércules contra os filhos de Neleu.

586-87 *passagem do espartano Tênaro*: O Tênaro era um promontório da Lacônia, uma das entradas dos Infernos.

TERCEIRO ATO

608 *funesto Jove: i.e.* Plutão.

659 *a ti, a quem em vão procurou tua mãe por todo o mundo:* Perséfone (Prosérpina para os romanos), filha de Zeus e Deméter; raptada por Hades (Plutão), tornou-se sua esposa e senhora dos Infernos. Segundo o mito, Deméter procurou a filha por todo o mundo.

663 *Tênaro com densos bosques: cf.* nota ao versos 586-87

680 *calmo Lete:* o rio do Esquecimento, no Inferno.

713 *sacro Estige:* um dos rio do Inferno.

733-34 *Minos de Cnosso/Radamanto:* O rei de Cnosso e seu irmão Radamanto possuíam no inferno um assento como juízes das almas.

734 *o sogro de Tétis:* Éaco, pai de Peleu. Tétis aqui (do latim *Thetis, idis*) é uma divindade marinha, filha de Nereu e Dóris; de sua união com Peleu foi gerado o herói Aquiles. Assim como Radamanto e Minos, Éaco tornou-se juiz das almas no reino de Hades.

750 *Ixíon:* Rei tessálio, casado com Dia, que matou seu sogro, Dioneu, logo após o casamento, quanto este reclamou os presentes combinados. No Inferno, Ixíon ficou perpetuamente atado a uma roda.

751 *Sísifo:* Fundador de Corinto, considerado um dos mais astutos e inescrupulosos mortais. Por seus crimes, foi condenado a rolar uma pedra, sem descanso, numa colina do Inferno.

752 *o velho com garganta ressequida:* Tântalo, condenado a padecer fome e sede perpétuos no Inferno. Os motivos do castigo variam de acordo com as fontes, mas uma das causas mais divulgadas seria o fato de que Tântalo servira como alimento aos deuses a carne de seu filho Pélops, por ele imolado.

756 *Tício*: Gigante que tentou violar Leto, a mãe de Apolo e Ártemis, pelos quais foi morto (em outras versões, Tício teria sido fulminado por Zeus). No Inferno, duas serpentes (ou duas águias, dependendo da fonte) devoram seu fígado continuamente.

757 *Danaides*: *cf.* nota ao verso 498.

758 *ímpias filhas de Cadmo*: Agave, Ino e Autônoe, que num delírio dionisiaco mataram Penteu, o filho de Agave (*cf.* nota ao verso 134).

759 *Fíneis*: Rei da Trácia; pelo abuso de seus poderes divinatórios, ficou cego e passou a ser aterrorizado pelas Hárpias, aves monstruosas que lhe roubavam a comida e conspurcavam sua mesa.

761 *tio propício*: Plutão, irmão de Júpiter

765 *velho medonho*: Caronte, barqueiro do Inferno, incumbido de transportar as almas para a outra margem do Estige.

778-79 *os ferozes Centauros e os Lápitas excitados para a guerra*: Os Lápitas eram um povo da Tessália, que combateu os Centauros, monstros metade homem, metade cavalo. Ambos foram dizimados por Hércules, em favor ao rei Egímio, inimigo dos .

798 *cabeça de Cleonas*: a cabeça do Leão de vencido em Nemeia, região próxima a Cleonas, cidade da Argólida.

805 *ambos os senhores*: *i.e.* Plutão e Prosérpina.

806 *entregaram-me também, como presente, ao suplicante Alcides*: Teseu, o grande herói ático, estava preso no reino de Hades, devido à tentativa frustrada de resgatar Prosérpina. Com a catábase de Hércules, não somente Cérbero foi trazido do Inferno, como também Teseu pode retornar ao mundo dos vivos.

830 *Nascido de parto prematuro*: Sobre Euristeu, *cf.* nota ao verso 78.

840 Tonante da Élide: Referência aos Jogos Olímpicos.

842-47 *tal como a turba...*: Alusão aos mistérios de Elêusis, ritos de iniciação ao culto de Deméter (Ceres, para os romanos), celebrados no outono, quando o sol adentrava o signo da Libra.

870 *inerte Cocito*: rio dos Infernos.

883 paz entre Aurora e Héspero: i.e. do Oriente ao Ocidente.

887 *Tétis*: Não confundir com a divindade mencionada no verso 734 (*cf.* nota referente a esse verso). Tétis aqui (do grego, através do latim *Tethys, yos*) refere-se à filha de Urano e Geia, esposa do Oceano; trata-se de uma personificação do mar.

QUARTO ATO

902 *belígera Palas*: Atena empunhava um escudo (a égide) com a da cabeça da Medusa, que petrificava quem a contemplasse. A Medusa era uma das três Górgonas, as outras duas eram Esteno e Euríale.

903 *vencedor de Licurgo e do rubro mar*: Baco matou Licurgo, rei da Trácia, após ter sido por este expulso de seu reino. “Rubro mar” é uma alusão ao Oceano Índico, em referência às conquistas de Baco em sua jornada à Índia.

905 *numes gêmeos, Febo e a irmã de Febo*: Apolo e Ártemis, identificados com o Sol e a Lua.

915 *fundadores da cidade*: i.e. os fundadores de Tebas, Cadmo e Anfíon.

916 *Zeto*: o irmão de Anfíon (*cf.* nota ao verso 262); *Dirce*: mãe de Anfíon e Zeto, esposa do antigo herói Lico (*cf.* nota ao verso 269).

917 *rei estrangeiro*: Cadmo, oriundo de Tiro.

949-50 *tudo o que o grave outono e o frio inverno trazem de volta no gélido espaço*: Alusão às constelações do Zodíaco: o Leão, signo do verão no hemisfério norte, está prestes a ocupar o signos do outono e do inverno, e então atacar o Touro, signo da primavera.

963 *opondo-se apenas uma*: i.e. Juno.

965 *Saturno*: O pai de Júpiter fora aprisionado no Tártaro pelo filho.

967 *Titãs*: Nome genérico dos filhos de Urano e Geia, um dos quais era Crono (Saturno).

969 *montes cheios de Centauros*: Os montes da Tessália, habitados por Centauros.

970 *montes duplicados*: Montes sobrepostos, o Ossa sobre o Pélion.

971 *Quíron*: O mais famoso dos Centauros, filho de Crono e Fíira. Notório por sua sabedoria, foi tutor de Aquiles, Jasão, Asclépio, dentre outros heróis.

977 *Tício*: cf. nota ao verso 756.

979 *Palene*: Cidade da Macedônia.

980 *Pindo*: montanha da Trácia, consagrada a Apolo e às Musas.

981 *Eta*: cf. nota ao verso 133; *Mimante*: um dos Gigantes; foi fulminado por Júpiter.

982 *Erínis*: Uma das Erínias (cf. nota ao verso 87).

984 *Tisífone*: cf. nota ao verso 102.

997-98 *Resta-me uma guerra maior em Micenas, para que desmoronem seus rochedos de Ciclopes*: Micenas era o reino de Euristeu, com uma arquitetura possivelmente construída por Ciclopes.

1068 *descendente de astrífera mãe*: O Sono era filho da Noite.

1104 *rainha do polo sombrio*: i.e. Prosérpina.

QUINTO ATO

1140 *a terra mais remota do mar da Hespéria*: a mais remota região ocidental conhecida até então, a Espanha.

1165 *reinos do Pélops dardânio*: i.e. a região do Peloponeso.

1169-70 *ferozes corcéis do sanguinário trácio, quer reivindiques o gado de Gerião*: cf. nota aos versos 216-48, sobre os Doze Trabalhos.

1171 *senhores da Líbia*: Atlas e Anteu (cf. nota ao verso 482).

1181 *tirânico soberano*: i.e. Euristeu.

1207 *Prometeu*: O célebre primo de Júpiter e benfeitor da humanidade; condenado por enganar os deuses, foi aprisionado em um rochedo e posteriormente libertado.

1211 *Simplégadas*: Rochedos localizados na entrada do Ponto Euxino.

1255-55 *qualquer rei cruel que enlouqueça, em todo o mundo, fazendo o mal com suas mãos ou altares*: Alusão a Érix e Busíris (cf. notas aos versos 482 e 484).

1285 *Pindo trácio*: cf. nota ao verso 980.

1286 *os bosques sagrados de Baco e os cimos de Citéron* : cf. notas aos versos 134, 234 e 335.

1323-29 *Que Tânais ou que Nilo, que Tigre violento...*: A alusão a diversos rios do mundo evoca o poder purificador das águas correntes (cf. Ov. *Fasti*, 2.45).

1341 *A minha terra: i.e. Atenas.*

1343 *Gradivo*: Epíteto de Marte (Ares). O verso faz alusão ao episódio do julgamento de Ares, culpado da morte de um filho de Possêidon, Halirrótio, o qual tentara violar Alcipe, filha de Ares. Por esse crime, Ares foi obrigado a comparecer a um tribunal divino que se reuniu na colina a partir de então conhecida como Areópago.



Referências bibliográficas

FONTES

- ARISTÓTELES, Horácio, Longino. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- EURÍPIDES. *Héracles*. Introdução, tradução e notas de Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- _____. *Odisseia*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- HORÁCIO, Aristóteles, Longino. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Bocage. São Paulo, Hedra, 2000.
- SÊNECA, Lúcio Aneu. *As Troianas*. Introdução, tradução e notas de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- SÊNECA, Lúcio Aneu. *Tratado sobre a clemência*; trad. Ingeborg Braren (Petrópolis, 1990, Ed. Vozes)
- SÊNECA, Lucio Anneo. *Tragedias*. Introducción, traducción y notas de Germán Viveros. Universidade Nacional Autónoma de México, 1998.
- _____. *Tragedias*. vol. I. Introducción, traducción y notas de J. Luque Moreno. Madrid: Gredos, 1987.
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução, notas e introdução de William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- _____. *Sobre a tranquilidade da alma; Sobre o ócio*. Tradução, notas e apresentação de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- _____. *Sobre a vida feliz*. Tradução, notas e introdução de João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.
- SENECA. *Tragedies*, vol. I.; with an english translation by Frank Justus Miller. London: Harvard University Press, 1979.
- SENECA'S *Hercules furens*. A critical text with introduction and comentary by John G. Fitch. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1987.

- SÓFOCLES. *As traquínias*. Introdução, versão do grego e notas de Maria do Céu Zambujo Fialho. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.
- SUETÔNIO. *A vida dos Doze Césares*; tradução Sady-Garibaldi. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003.
- TÁCITO. *Anais*; tradução e prólogo Leopoldo Pereira. São Paulo: Ediouro, s/d.
- VIRGÍLIO. *Obras de Virgílio – Bucólicas, Geórgicas, Eneida*. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Temas e debates, 1999.

OBRAS CRÍTICAS

- BECK, Charles. *Hercules Furens — tragedy of Seneca*. Boston: James Munroe and Company, 1845.
- BLANGER, G. “La composition mésodique et L’Ode d’Horace”, REL (1965), p. 262-272.
- BOYLE, A. J. *Tragic Seneca – An essay in the theatrical tradition*. London and New York: Routledge, 1997.
- BRUN, Jean. *O Estoicismo*. Tradução de João Amado. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005.
- _____. *A literatura latina* (edição revista). São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. “O tratamento das paixões nas tragédias de Sêneca”. in *Letras Clássicas* nº 3 ano 3. São Paulo, pp. 129-45, 1999.
- CATTIN, A. *La géographie dans le tragédies de Sénèque*. In *Latomus*, vol. 22 (1963), pp. 685-703.
- DANGEL, Jacqueline. “Sênèque et Accius: continuité et rupture”. In *Theater und Gesellschaft im Imperium Romanum*. Tübingen, 1990.
- DUPONT, Florence. “Recitatio and the reorganization of the space of public discourse” (tradução inglesa de Thomas Habinek e André Lardinois). In HABINEK, Thomas & SCHIESARO, Alessandro. *The roman cultural revolution*. Cambridge University Press, 1998.
- FANTHAM, Elaine. “Virgil’s Dido and Seneca’s tragic heroines. In *Greece and Rome*, vol. 22 (1975), pp. 1-10.
- FITCH, John G. *Seneca’s “Hercules Furens” – A critical text with introduction and commentary*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1987.
- _____. “Sense-pauses and relative dating in Seneca, Sophocles and Shakespeare. In *American Journal of Philology*, vol. 102, nº III, (1981), pp. 289-307.
- GILL, Christopher, “A Escola no período imperial romano”. In: INWOOD, Brad. *Os estoicos*. Tradução de Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.

- GOLDBERG, Sander M. "The fall and rise of roman tragedy". In *Transactions of the American Philological Association*, vol. 126 (1996), pp. 265-86.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Víctor Jabouille. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *Sêneca ou la conscience de l'Empire*. Paris: Fayard, 1991.
- HARDIE, P. (ed.). *The Cambridge companion to Ovide*. Cambridge University Press, 2002.
- HERINGTON, C. J. "Senecan tragedy". In *Arion*, vol. 5 (1996), pp. 422-471.
- INWOOD, Brad. *Os estoicos*. Tradução de Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.
- JOUTEUR, Isabelle. *Jeux de genre dans le Métamorphoses d'Ovide*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 2001.
- LIMA, Ricardo da Cunha, "Tradução e estudo da obra *Paradoxa stoicorum*, de Cícero", Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2001.
- LOHNER, José Eduardo dos Santos. "A imitação alusiva na poesia dramática de Sêneca e a questão dos modelos". In: *Crítica Companhia*, São Paulo, v. 1, 2005.
- _____. *A retórica e a poética: a técnica de composição da poesia dramática no "Agamêmnon" de Sêneca*. Tese de doutoramento. São Paulo, FFLCH/USP, 2000.
- _____. "A utilização de recursos formais na tragédia *Fedra* de Sêneca". In: *Letras Clássicas* 3 (1999), pp. 163-180.
- MARIOTTI, Italo. "Tragédie romaine et tragédie grecque: Accius et Euripide". In *Museum Helveticum – Revue suisse pour l'étude de l'antiquité classique*, vol. 22, fasc. 4 (1965), pp. 206-216.
- MARIOTTI, Scevola. "Letteratura latina arcaica e alessandrino". In *Belfagor – Rassegna di varia umanità*, vol. 1, ano XX (1965), pp. 34-48.
- MAYER, Roland. "Personata Stoa: neostoicism and senecan tragedy". In *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 57 (1994), pp. 151-74.
- NOVAK, Maria da Gloria. "Estoicismo e epicurismo em Roma". in *Letras Clássicas* nº 3 ano 3. São Paulo, pp. 257-73, 1999.
- PÉREZ, Andrés Pociña. "Finalidad político-didáctica de las tragedias de Séneca" In *Emerita*, XLIV (1976), pp. 279-301.
- PRATT, Norman T. "The stoic base of senecan drama". In *Transactions of the American Philological Association*, vol. 79 (1948), pp. 1-11.
- _____. *Seneca's drama*. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1983.
- ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Tradução portuguesa de Leonor Santa Bárbara. Lisboa: Edições 70, 1999.

- ROSE, Amy. "Seneca's *HF*: a politico-didactic reading". In *The Classical Journal*, vol. 75, nº 2 (1979-1980), pp. 135-42.
- TARRANT, R. J. "Greek and roman in Seneca's tragedies". In *Harvard studies in classical philology* (HSCP), vol. 97 (1995), pp. 215-30.
- _____. "Senecan drama and its antecedents". In *Harvard studies in classical philology* (HSCP), vol. 82 (1978), pp. 213-63.
- UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- VEYNE, Paul. *Sêneca y el estoicismo*. Traducción de Mónica Utrilla. Fondo de Cultura Económica de México, 1995.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*; tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

Crédito da imagem de contracapa: "Busto de Sêneca", Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, em <<http://www.nndb.com/people/846/000087585/>>